

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

ANDREZZA TARTAROTTI POSTAY

UM MILHÃO DE SEGUNDOS

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Um Milhão de Segundos

The background features three large, overlapping circles. The top-left circle is teal, the top-right circle is red, and the bottom circle is dark blue. The circles overlap in the center, creating a dark brownish-red area. The overall composition is clean and modern.

Andrezza
Postay

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANDREZZA TARTAROTTI POSTAY

UM MILHÃO DE SEGUNDOS

Porto Alegre
2019

ANDREZZA TARTAROTTI POSTAY

UM MILHÃO DE SEGUNDOS

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Escrita
Criativa pelo Programa de Pós-graduação em
Letras da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

P857m Postay, Andrezza Tartarotti

Um milhão de segundos / Andrezza Tartarotti Postay . – 2019.
150.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza.

1. Escrita criativa. 2. Novela. 3. Fragmentos. I. Souza, Ricardo Timm
de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

Agradecimentos

O passado sempre nos acompanha e não poderia deixar de agradecer às pessoas no pretérito que devido ao movimento cíclico da vida, infelizmente, não estão mais ao meu lado. Agradeço à vó Iris, por ter uma estante cheia de livros de mistério e enciclopédias em casa e por incentivar que eu lesse ao ar livre enquanto ela trabalhava na horta. Agradeço à vó Dínia, por sentar ao meu lado na mesa da cozinha enquanto eu escrevia minhas primeiras palavras e por ser a primeira leitora de minhas primeiras narrativas. Agradeço ao tio Miguel, que muitas vezes me ouviu contar histórias para mim mesma. Agradeço ao meu avô, Lino, que até alguns dias atrás ainda estava comigo, quem me perguntava em todas as visitas como estava Porto Alegre e quem me buscou no colégio até eu ter idade de voltar sozinha. Cada um de vocês de alguma forma pesou na balança que me coloca hoje neste ponto da história, concluindo o Mestrado em Escrita Criativa. Agradeço ainda à minha mãe, Denise, que sempre apoiou meu desejo de escrever e foi também quem me encaminhou o link da primeira oficina de escrita da qual participei. Meu pai, André, que sempre incentivou a seguir meu próprio caminho e foi suporte constante durante toda a minha vida. Obrigada por serem porto seguro e por se desdobrarem em 20 para garantir que eu conseguisse realizar tantos sonhos até aqui. Também aos demais familiares que me acompanharam durante esses dois anos, Pietro e tia Marli. Alguns amigos em especial se destacam neste momento, obrigada Marina, por emprestar tua sala, ilha de silêncio onde me preparei para a seleção, por aliviar minhas ansiedades sendo firme e amorosa, por ser a primeira leitora da novela e dar feedbacks mesmo estando longe. Obrigada Larissa pelas jantãs e conversas e por se dedicar à criação da arte de capa. Obrigada Ethel, Fábio, Denise e Sthefane por acreditarem em mim e ouvir nos momentos em que o stress se tornou opressivo. Agradeço à turma maravilhosa do mestrado, em especial Stéfanie, com quem tantas vezes dividi inseguranças e ao Fred e a Bibi, sempre disponíveis quando precisei de um apoio. Agradeço também a Taiane e Davi, colegas do doutorado com quem tive a oportunidade de estreitar vínculos. Agradeço do fundo do meu coração ao meu orientador, Ricardo Timm de Souza, muito obrigada pelo espaço para que eu desenvolvesse o trabalho do meu jeito e no meu tempo, obrigada por me dar a liberdade de buscar minhas fontes e seguir meus instintos tanto com relação a parte teórica, quanto a prática. Agradeço o professor Assis Brasil por todo o carinho e incentivo desde o momento em que o conheci, por outubro de 2015, tuas críticas sempre gentis foram talvez o principal motivo por trás da escolha de cursar este mestrado.

RESUMO

A presente dissertação é composta por duas partes. A primeira delas é uma narrativa ficcional intitulada “Um Milhão de Segundos”, uma novela em três tempos, onde a personagem Lídia sofre com crises dissociativas e episódios de ansiedade que a obrigam a revisitar o passado e falar sobre angustias há muito silenciadas. Enquanto isso, Alana recebe uma notícia que a faz questionar o modo como se relaciona com o mundo. A segunda parte se trata de fragmentos teóricos que abordam aspectos subjetivos da criação da novela e reflexões sobre o estudo da escrita criativa na atualidade.

Palavras-chave: escrita criativa, processo criativo, fragmentos

ABSTRACT

The present dissertation is composed by two parts. The first is a fictional narrative entitled "One Million Seconds", in which the character Lúdia suffers from dissociative crises and episodes of anxiety that force her to revisit the past and talk about anxieties that have long been silenced. Meanwhile, Alana gets some news that makes her question her relationship with the world. The second part deals with theoretical fragments that address subjective aspects of the novel's creation and reflections on the study of creative writing today.

Keywords: creative writing, creative process, fragments

Sumário

Novela	8
1. Fragmentos teóricos, ou ensaio coagulado	107
2. Nascimento da ideia	112
<i>Conversa noturna – 2014</i>	113
<i>A Morte da Genética – 2016</i>	116
Relações dos contos com <i>Um milhão de segundos</i>	119
3. Sinopses	120
3.1. Versão primeira – junho de 2017	120
3.2. Versão final – novembro de 2018	120
3.3. Notas sobre o que mudou	120
4. Personagens	120
4.1. Alana	120
4.2. Lídia	121
4.2.1. Virginia	123
4.3. Roberto.....	125
5. Roteiros	127
5.1. Versão primeira – apresentada na qualificação em junho de 2018	127
5.2. Versão segunda – revisada depois da qualificação em junho de 2018.....	129
5.3. Versão final – definida em outubro de 2018	131
6. Sobre o título e os espaços	132
6.1. Um milhão de segundos	132
6.2. Formigueiro, Caxias do Sul, Toronto.....	133
7. Mudanças essenciais	133
8. A parte mais difícil	145
Referências	146

Novela

Um Milhão de Segundos

Andrezza Postay

01

Toronto – 20 de maio de 2018

Ainda estava muito escuro quando ela desceu as escadas de casa, o carpete abafava seus passos, calçava um par de tênis de corrida encardido, azul por baixo da sujeira. Um gato cinza se esfregou em suas pernas pedindo atenção, mas sendo ignorado. Na parede do hall existe uma porta, formando um ângulo de 90 graus com a de entrada. Ela atravessou essa porta, suas dobradiças bem lubrificadas mantiveram o silêncio da casa. A porta dava para a garagem repleta de caixas de papelão esquecidas desde a mudança, três anos antes. Ela entrou no Chrysler branco e saiu de ré.

Dirigiu devagar pelas ruas do bairro residencial cheio de sombras em função das árvores, cada pátio tinha uma. Deixou a casa de tijolos vermelhos para trás, deu várias voltas, passeando pela vizinhança deserta antes de chegar a rodovia expressa que não ficava longe de seu ponto de partida. Havia carros na rodovia, porém não tantos em função do horário, o sol nascia às suas costas, colorindo o céu pouco a pouco, o azul amarelado se estendia sobre ela, mas não parecia afetá-la. Seu olhar fixo na estrada. Ia com lentidão, vários pontos abaixo do limite de velocidade, todos os carros a ultrapassavam, mas nenhum buzinou, não estava no Brasil e ali, as pessoas pareciam se contentar com dar sinal de luz.

O interior do carro estava repleto de bolinhas de papel, várias pontilhavam em branco o painel, outras contornavam a caixa de lenços colorida no banco do passageiro. Não chorava, estava gripada. Fungava e tossia enquanto guiava, o nariz vermelho irritado de tanto assoar. Não demorou mais de meia hora para chegar ao aeroporto, deixou o carro no último andar do estacionamento, a caixa de lenços a acompanhou até a porta de entrada.

Ficou parada em meio ao movimento de pessoas indo e vindo com malas por um longo período. Algumas a observavam com curiosidade, um segurança lhe perguntou se

precisava de alguma coisa. Foi quando se mexeu, dirigindo-se a um guichê eletrônico. Tocou algumas vezes na tela, tirou um papel dobrado do bolso, usava uma jaqueta roxa desbotada e gasta de tanto lavar, o zíper fechado até o pescoço. Apesar de ser primavera, estava ainda muito frio do lado de fora para se vestir do jeito que ela se vestia, apenas blusa e jaqueta.

Ela amassou o papel dobrado, coletou o que saiu da máquina e, segurando-o com as duas mãos, saiu caminhando pelo aeroporto. Andava em círculos, passando pelas vitrines, olhando sem ver para os livros em uma banca. Comprou um pirulito em um quiosque de doces, o enfiou no bolso traseiro da calça. Deu várias voltas sem se importar com estar olhando as mesmas coisas repetidas vezes, então parou em frente a uma televisão que anunciava partidas e chegadas, olhou para o papel que ainda segurava com as duas mãos e então para a tela.

Algo mudou em seus olhos, como se uma luz de percepção tivesse se acendido, ela piscou uma vez. Depois outra. Passou os dedos pelos cabelos negros, eles estavam presos, porém pequenos tufo de fios recém-nascidos se rebelavam acima das orelhas, o que lhe concedia um ar de cansaço e descuido. Respirou fundo pela boca, tossindo baixinho e limpando a garganta. Um telefone vibrou contra sua coxa, fazendo-a contrair os ombros antes de pegar o aparelho.

Olhar para a tela do celular iluminou ainda mais seus olhos. Lídia guardou os papéis no bolso, levou a mão livre a ponte do nariz, como que para empurrar os óculos para cima, exceto que havia saído sem eles. Então atendeu a chamada.

Caxias do Sul – 2004

Uma coisa que aprendeu em seus onze anos de vida, é que notícias ruins vem em camadas. Ninguém gosta e nem sabe como falar de coisas difíceis com crianças. O espectro de coisas difíceis começa pelo sexo com o de onde vem os bebês e vai até a morte com pessoas virando estrelinhas e sempre existe uma metáfora, uma camada de ficção que serve pra amortecer a realidade, sob a desculpa de torná-la mais entendível.

Alana sabia tudo sobre essas camadas, podia sentir no olhar dos pais quando algo ruim estava acontecendo. O pai se abaixava para falar com ela e a mãe parecia incorporar a sua fala um sotaque estranho de algum estado não descoberto, uma mistura de ‘erres’ escorregadios com vogais marcadas que soava artificial, como falar com uma máquina. A ausência de risos e conversas espontâneas pela casa era outro indicador de que algo havia acontecido.

A primeira vez que ouviu o sotaque da mãe e a solenidade acorçada do pai foi quando tinha três ou quatro anos e eles lhe contaram uma história sobre um galo e uma galinha que criavam um ratinho. Então, alguns dias depois, vieram com outra história, sobre um pai e uma mãe que queriam muito ter um filho, mas não conseguiam sem a ajuda de outras pessoas, porque nem todo o pai e mãe tem tudo o que precisa pra fazer uma criança crescer dentro da barriga. Foi assim por duas semanas, várias histórias e conversas até ela ouvir a palavra *adoção*. Que já tinha ouvido antes entre sussurros dos avós e pessoas que seus pais encontravam na rua, mas nunca tinha pensado em perguntar o que significava, entendendo a palavra, sempre proferida junto a um sopro de ar, ou escondida por uma mão perto de um ouvido, como um som qualquer, tipo o que seu pai fazia quando limpava a garganta.

Adoção não era uma coisa ruim, ela sabia disso, mas era algo que a fazia um pouco diferente das outras crianças, tinha um pai e uma mãe que cuidavam dela e então outro pai e outra mãe que não conhecia. E o pai e a mãe que cuidavam dela não gostavam de falar sobre os outros pais, então ela não perguntava o tempo inteiro. Sempre que o assunto surgia, vinha o sotaque da mãe, a solenidade acorçada do pai e uma sensação esquisita na barriga, como se estivesse fazendo algo errado, ou fosse feio querer saber.

A segunda vez que uma notícia chegou em camadas foi quando o avô morreu. Primeiro disseram que o Vô estava doente, depois que ele tinha ido pro hospital e que

hospital não era lugar de criança, então ela não podia visitar. E a cada dia o pai se abaixava até ficar da sua altura e anunciava em tons graves o progresso da doença: “talvez o vô não volte para casa no Natal” “o vô já está muito velhinho, às vezes as pessoas muito velhinhas decidem ir pro céu” “o vô virou estrelinha, agora ele está no cemitério, junto com os pais dele.” E Alana não entendia como ele podia ser uma estrelinha e estar no cemitério ao mesmo tempo e o pai se embananou para responder, tropeçando nas palavras porque estrelinha era só modo de dizer. Que nem mentira, ela perguntava, e o pescoço dele ficava bordô da cor da gravata que usava sempre, porque a verdade era que o avô havia sofrido um ataque cardíaco e já estava morto há mais de uma semana, mas eles não sabiam como falar aquilo para uma menina de seis anos.

Depois daquela vez, passaram a explicar as coisas de outra forma, talvez mais direta, mas ainda assim cheia de rodeios. Era difícil quebrar o padrão de proteger a menina da própria realidade. Pra falar da morte do cachorro, chegaram falando que ele estava doente e ia passar uns dias no veterinário. Ela já tinha nove anos e não era burra, sabia que o Lobinho tinha morrido, mas não disse nada. Já tinha aprendido, era assim que funcionava, notícias ruins vinham em camadas.

Foi para o quarto e chorou um pouquinho.

Toronto – 20 de maio de 2018

Lídia esperou exatos 22 minutos do momento em que desligou o celular até que Virginia apareceu em seu campo de visão. Ficou o tempo todo parada, de costas para a lista de chegadas e partidas, o coração batendo em ritmo irregular. Estava desorientada e um pouco tonta, mas tinha a impressão que sentar seria pior. Se concentrava em respirar pela boca, fixando o olhar na mala rosa-marca-texto de uma menina sentada há alguns metros de distância. Lembrava de ter acordado pelas 5 da manhã e de levantar da cama, mas todo o resto estava embaralhado.

O toque do telefone funcionou como uma âncora e de repente as cores a sua volta pareceram mais brilhantes, as luzes mais claras, os sons ampliados, reverberando em eco dentro de sua cabeça. A própria voz rouca de sono de Virginia soara estridente e teve que afastar o fone do ouvido em um primeiro momento. Seu corpo todo ainda parecia leve, como a carcaça vazia das cigarras, sua cabeça cheia de ar. Tinha lembrança de dirigir e chegar no aeroporto, mas era vaga, mais como uma impressão do que algo que realmente tivesse acontecido, um espectro, talvez um sonho. Enquanto esperava, se perguntou mais de uma vez se não estaria sonhando.

O que mais a assustava era a recorrência do evento. Não era a primeira vez naquele mês que se sentia assim, suspensa dentro da própria realidade, sem ter controle de si mesma. Mas era a primeira vez que um momento de suspensão a levava pra outro lugar. Essas sensações todas eram novidade para a Lídia adulta, mas a conectavam a um momento do passado em que algo semelhante acontecera. Enquanto esperava, se questionou sobre estar sonhando porque não queria lembrar.

Virginia a envolveu em um abraço e o cheiro familiar, quente adocicado que vinha dos cabelos dela fez seus batimentos já erráticos acelerarem ainda mais. Como podia sentir aquele cheiro mesmo com o nariz trancado? Ela soltou o corpo no abraço, deixando os próprios braços caírem e descansou a bochecha nos cachos amassados castanho claros.

— O que houve? — Disse Virginia contra sua clavícula, afrouxando um pouco o abraço para poder olhar em seus olhos.

— Não sei.

Virginia esperou, se afastando, mas mantendo uma mão em sua cintura.

— Acordei e saí do ar, acho. — Lídia falava devagar, escolhendo as palavras com cuidado, não queria assustar a outra, podia ver a preocupação em seus olhos.

— Eu me assustei... Te ouvi levantar, mas achei que tu tava indo pro banheiro. Voltei a dormir, até que o Ravióli me acordou pedindo comida e vi que tu não estava na cama.

Lídia teve um vislumbre de calçar os sapatos e do gato se esfregando em suas pernas. Seu peito apertou e sentiu o sinus encher de líquido. Ia chorar. Não sabia por que, mas desviou o olhar para o chão, lembrando da caixa de lenços amassada pelo abraço no bolso grande da frente da jaqueta. Pegou duas folhas e assoou o nariz, finalmente ensaiando alguns passos pra jogar o papel no lixo. Ainda sentia a leveza estranha e isso fez com que abrisse a boca, respirando fundo e engasgando com o ar que passou raspando pela garganta inflamada.

Virginia lhe lançava um olhar estreito, passou os dedos pelos cabelos, o que fazia com frequência, suas juntas se prendendo no emaranhado de nós, fazendo-a desistir antes de alcançar as pontas. Tinha um cabelo bonito por natureza, cachos leves e grandes se formavam um pouco abaixo da raiz, dando a impressão de ser mais curto do que na realidade era, um corte reto entre o queixo e os ombros. Ela encostou na testa de Lídia com as costas da mão, sentindo a febre e fazendo uma careta.

— Vamos pra casa. — Ela tirou a manta que envolvia seus ombros e enrolou em volta do pescoço de Lídia, abrindo um pouco o zíper da jaqueta e ajeitando-a sobre o seu peito. — Sair assim com esse vento é pedir pra gripe virar pneumonia, Líd.

Elas atravessaram o aeroporto até a entrada do estacionamento, então pararam. Lídia entregou as chaves para Virginia, estavam junto com a caixa de lenços no bolso da frente. Por algum motivo, conseguia lembrar de ter estacionado no último andar. Subiram pelo elevador em um silêncio desconfortável. Algo pesava naquela manhã, tinha vontade de falar qualquer coisa, mas não sabia o que.

— Que bagunça...

— Deixa que eu limpo. — Lídia se pôs a recolher as bolinhas de papel espalhadas pelo carro enquanto Virginia a observava com as sobrancelhas juntas em um aperto preocupado.

— Tu veio dirigindo toda esmagada. — Ela comentou baixinho.

O banco estava ainda ajustado para a altura de Virginia, os espelhos também.

— Acho que eu realmente buguei. — Lídia tentou rir da situação. — Tela azul, tipo quando um programa trava por um tempo e aí volta do nada.

Virginia não respondeu, se pôs a dirigir. O silêncio fez com que o nariz de Lídia enchesse de água mais uma vez. Olhou para fora da janela, garoava, gotas minúsculas grudavam no vidro e ela apertou o lenço com força contra as narinas, sentindo-o umedecer com uma mistura de lágrimas e ranho.

— Desculpa.

— Tudo bem.

O hall da casa em que moravam dava para uma sala de visitas pequena que fazia as vezes de sala de jantar quando tinham convidados, uma parede envidraçada dava para o quintal e recebia a luz do sol. Tinham removido o carpete da sala e da cozinha quando se mudaram. O piso e os móveis eram castanhos, as paredes pintadas de um tom de creme quase amarelinho, que fazia o espaço parecer amplo. Duas poltronas floridas e confortáveis, achadas em uma espécie de bazar beneficente de uma igreja do bairro estavam dispostas no canto mais próximo da entrada. Na ausência de visitas, a sala se transformava no reino de Ravióli, o gato que se espreguiçava em uma das poltronas, ignorando a chegada das donas.

— Oi, cara. — Lídia se aproximou, fazendo carinho no corpo peludo e obeso (pelo menos quatro quilos acima do peso normal de um gato) antes de sentar na poltrona vazia.

Virginia parou entre suas pernas abertas e apoiou as mãos no encosto, uma de cada lado de sua cabeça, a almofada macia afundou e seus rostos se aproximaram.

— Como tu tá se sentindo? — Não esperou resposta e pressionou os lábios contra sua testa, se demorando por um instante. — Acho que ainda tá com febre... Vai tomar um banho, eu vou fazer um chá pra ti.

No automático, Lídia obedeceu, subindo até o quarto e soltando primeiro os cabelos, então dobrou a manta de Virginia com cuidado e tirou o moletom e a blusa de uma só vez. Não estava frio no quarto, mas sua pele irrompeu em arrepios, sentia as mãos geladas e as pontas dos dedos estavam começando a arroxear, como sempre acontecia quando tinha febre. Por hábito, ignorando o desconforto, inspecionou os bolsos da calça com uma mão enquanto abria o botão com a outra. Um pirulito. Ela tinha sentido algo cutucando sua bunda no carro, sabor maçã verde, deixou o doce na mesa de cabeceira do lado de Virginia da cama. Não lembrava de onde havia surgido o pirulito, nem ao menos gostava do sabor. Os únicos doces artificiais que conseguia comer eram normalmente tingidos de vermelho, como morango, cereja, talvez melancia. Todo o resto era enjoativo demais para o seu paladar.

Limpou no braço o nariz que escorria enquanto esvaziava o outro bolso, lenços amassados, um papel amarelo com um QR code e Lídia sentiu-se tonta, precisou sentar. Olhou em volta procurando por seus óculos, talvez estivesse lendo errado.

— Tudo bem?

Lídia levantou a cabeça num sobressalto a amassou a passagem de avião recém descoberta. Tentou sorrir para Virginia, sem sucesso.

— Achei que tu já estivesse no banho... Vim dizer pra não usar a água pelando. Já que ainda não entrou — Virginia estendeu-lhe uma mão fechada — Tylenol.

Lídia aceitou e engoliu o comprimido com um resto de água que havia levado para o quarto na noite anterior. Em um impulso, levantou e abraçou Virginia mais uma vez, as mãos dela, punhos fechados em suas costas, se abriram e acariciaram a pele ainda quente acima da cintura da calça. Sentia a respiração dela contra seu ombro, a malha gostosa de seu suéter contra o peito e uma nova onda de arrepios cobriu seu torso.

— Não é bom ficar sem camisa e de pés descalços...

— Assim vou pegar uma pneumonia, sim sim, eu sei.

Virginia se preocupava demais às vezes.

Talvez tivesse razão em se preocupar.

Caxias do Sul – 29 de setembro de 2006

Labaredas em vista aérea exibidas na TV e Alana pensou sobre o quanto era irônico um helicóptero gravar um avião em chamas. Será que o piloto e o repórter aéreo não sentiam medo, ou pelo menos algo semelhante ao frio na barriga que ela sentia só de imaginar como seria sobrevoar uma cena daquelas? Era difícil voltar a atenção para o Harry Potter em seu colo, as chamas como um imã, atraíam seu olhar para a tela e ela não viu, mas a avó sentada ao seu lado tinha os olhos arregalados, refém do fogo então mostrado por uma câmera terrestre, uma repórter de blazer cinza e blusa cor de rosa fazia a cobertura.

Trechos de informação se infiltravam durante o transe que prendia avó e neta e eram registradas pela menina, que fechou o livro e apoiou os cotovelos nos joelhos, sentada com as pernas cruzadas. Voo de Confins entrou em chamas minutos antes da aterrissagem no aeroporto Salgado Filho. As bochechas da repórter estavam da cor de sua blusa, talvez até mais escuras, rosado quase vermelho e ela devia estar com calor, suor provavelmente se acumulando na nuca, sendo absorvido pela gola do blazer. Alana pensava no calor que sentia nos dedos ao riscar um fósforo, na fogueira de São João que fizeram na chácara pra comemorar seu aniversário de 11 anos alguns meses antes, e como o quentinho do fogo era bom.

As labaredas na tela davam lugar a uma fumaça preta e densa que ia clareando conforme subia em direção ao céu e a imagem voltou para a câmera aérea, que registrava o trabalho do corpo de bombeiros antes de retomar a programação normal da novela das seis. “Deus abençoe as famílias” disse a vó, desatando a rezar, tirando um terço sabe-se lá de onde. A avó sempre tinha um terço, ou um vidrinho no formato da Nossa Senhora com um tantinho de água benta pra situações como aquela.

Alana sentiu o impulso de rezar também, não por que acreditasse no poder de suas preces, mas porque aquela imagem havia despertado um sentimento de medo, como se algo de ruim pudesse lhe acontecer a qualquer momento. Fez um sinal da cruz, logo a mãe e o pai estariam de volta do trabalho e a levariam para casa. O apartamento antigo da avó lhe parecia sempre cheio de augúrios sinistros, as luzes amarelas, o teto alto, os cantos escuros e até os paninhos rendados que moravam embaixo de todos os portarretratos lhe causavam a sensação de que ali, algo morto poderia voltar a vida.

Toronto – 20 de maio de 2018

Virginia estava sentada a mesa da cozinha, lendo em um tablet e tomando pequenos goles distraídos de uma xícara verde. A mesa era quadrada e Lídia sentou no lugar de sempre, ao lado da outra, tirou o pires de cima da própria xícara. Gotas de vapor condensado escorreram por seus dedos e entraram pela manga de sua blusa.

— Limão com mel e gengibre. — Disse Virginia em um tom apressado, sem tirar os olhos do tablet. Lídia sabia que ela estava terminando de ler um parágrafo. Experimentou um gole do chá, mas não sentia muito gosto de nada e em questão de segundos seu nariz começou a gotejar. Levantou para pegar um guardanapo e um pacote de biscoitinhos de amêndoas que comprava sempre na *delicatessen* perto do trabalho. Eles eram cortados em formas geométricas, estrelas, quadrados, círculos, triângulos e corações, cobertos por uma fina camada de chocolate branco, firmes e macios, seus preferidos.

— Chá também? — Lídia estranhou por um momento, Virginia tinha o hábito de tomar uma xícara de café todas as manhãs.

— Tenho evitado café.

— Ah, sim... verdade. — Sentiu o rosto esquentar. Talvez fosse a febre.

Virginia largou o tablet e sorriu com os olhos, um sorriso que fez Lídia sorrir também, não sem sentir certa palpitação. Entraram em uma conversa fácil sobre o trabalho, Virginia tinha recebido alguns casos que precisavam de orientação pré-natal. Era pediatra, atendia em uma clínica e fazia dois plantões de 12 horas por semana no hospital. Lídia gostava de ouvi-la falar sobre o trabalho, por mais que não entendesse boa parte do que se passava. Ela tinha um jeito de contar e um interesse pelas histórias dos pacientes, que era impossível não ouvir com atenção quando falava. Se ela escrevesse um livro de casos clínicos, tipo Oliver Sacks, com certeza venderia.

Enquanto falava, Virginia remexia no saco de biscoitos, olhando para dentro dele como se fosse uma luneta. Ela pescou um biscoito em forma de coração e o estendeu para Lídia, voltando a procurar no saco por mais um no mesmo formato. Nenhuma das duas tinha tendência a grandes declarações de amor, mas todos os seis anos de relacionamento eram pontuados por momentos como aquele. Pequenos lembretes de que o sentimento existia, todos os dias, sem precisarem expressar em palavras. Lídia sentiu algo quase

como pena de comer o coração de amêndoas, o pegou entre os dedos e analisou a forma, cabia na palma de sua mão e ainda sobrava muito espaço, mas apesar de pequeno, era denso e pesado. Sua mente se despreendeu do biscoito e subiu até o quarto, para a prateleira, dentro de um livro sobre economia sustentável, onde havia enfiado a passagem aérea.

— Lídia. — Uma mão envolveu seu pulso. — Eu estou preocupada com você. De verdade.

Virginia a observou por um tempo, como se esperasse alguma resposta, mas não teve nenhuma reação. Lídia não sabia o que responder, estava também preocupada, com medo dos apagões, das crises de ansiedade. Havia decidido, no banho, que assim que sobrasse um minuto iria atrás de terapia, ou de um psiquiatra, neurologista, qualquer coisa.

— Tenho a sensação de que tem algo que eu não sei. Alguma coisa que tu não está me contando. — Virginia tateava as palavras, não querendo que seu questionamento soasse como uma dúvida, ou um desafio. Lídia costumava reagir mal quando questionada, às vezes elevava a voz e se estava irritada, disparava verdades como uma metralhadora automática, fria e grosseira. Ela percebeu o que Virginia estava fazendo, seu tom de voz cuidadoso.

— Tipo o que?

— Não sei. É só o que eu tô sentindo.

Talvez fosse um bom momento para Lídia falar sobre as tonturas, sobre o mal-estar. Virginia era médica, conhecia outros médicos, poderia facilmente indicar alguém que saberia lidar com o problema. Mas o timing para ficar doente não poderia ser pior, como se a gripe que se prolongava por uma semana já não fosse ruim o bastante.

— Isso não é normal. — Continuou Virginia. — O que aconteceu hoje... Acho que precisamos conversar sobre isso.

— Agora? — Tinham um almoço marcado com amigos e Virginia nem começara a se arrumar.

— Agora, depois, tanto faz. Mas logo. Posso avisar o pessoal que não vamos almoçar, se tu quiser. — Virginia pegou o celular e abriu o *messenger*. — Nem sei se é uma boa irmos, você com essa gripe e eu...

— Tu está brava comigo? — Lídia interrompeu, angustiada, nem ouvia o que Virginia dizia.

— Não.

Silêncio. Virginia não parecia brava, seus olhos usavam uma expressão que Lúdia nunca havia visto antes. Um tipo de ressentimento misturado com tristeza e preocupação. Se perguntou se seus olhos estariam espelhando os dela. Provavelmente não. O que sentia era mais culpa do que qualquer outra coisa. Como se tivesse feito algo muito errado, e de fato tinha, a passagem escondida no livro servia como prova. Se é que podia sentir culpa por algo que nem lembrava de ter feito.

— O que foi?

— Eu tô com uma sensação de que tu vai brigar comigo. Ou que algo ruim vai acontecer. — Lúdia assoou o nariz, mais uma vez o sinus anunciava o choro que insistia em voltar.

— Brigar eu não vou. Tu me conhece. — Virginia continuava com seu jeito muito calmo de falar. — Quando foi que a gente brigou nesses anos todos?

— Por isso mesmo. Uma hora nossa casa vai cair.

— Eu não entendo o que tu quer dizer. O que tu está querendo me contar? — Ela apoiou o cotovelo na mesa e escorou o rosto em um L feito de indicador e polegar, seus olhos viajando entre os de Lúdia. — Está ficando cada vez maior essa coisa.

— Que coisa?

— Isso. Essa distância entre a gente. — Virginia fez um gesto com a mão livre entre elas. — Eu odeio sentir isso.

Lúdia apertou os lábios, o nariz repuxando para a esquerda. Com a boca fechada não conseguia respirar. Se tornou hiperconsciente, ao engolir, do quanto sua garganta estava sensível. Queria falar alguma coisa, mas sua boca teimava em continuar fechada, asfixiando as palavras.

Virginia suspirou e olhou para baixo.

— É difícil lidar com os teus silêncios, Lúdia. Sempre foi. Mas ultimamente, parece pior. Eu achava que esse processo, tudo o que temos passado desde novembro, ia nos aproximar, mas parece que é o contrário.

— Eu não sei o que dizer. — Dessa vez a resposta veio rápido. — Tenho me sentido estranha. Desconectada daqui.

— E conectada com o que?

A pergunta a pegou de surpresa. Abriu a boca, mas não falou nada. Analisou os olhos escuros de Virginia. Às vezes parecia que ela sabia mais sobre Lúdia do que a própria Lúdia.

— Às vezes parece que está tudo bem e estamos conversando, ou vendo um filme, até transando, Lídia, e é como se te desse um — ela estalou os dedos na frente do rosto de Lídia — e você apaga.

O estalar dos dedos de Virginia fez algo com ela. Teve outro lampejo de memória, lembrou de uma senhora pequena e encurvada, cabelos brancos e uma saia marrom até os pés. Sua avó espantava abelhas estalando os dedos. Ela dizia que elas não gostavam do barulho. A técnica não funcionava muito bem, as abelhas continuavam rondando com toda tranquilidade, teimando em mergulhar no pote de chimia, ou na xícara de café.

— Tipo agora. Pra onde tu foi agora?

— Lugar nenhum... eu só lembrei da minha avó.

— O que tem ela?

— Ela odiava abelhas.

Virginia a encarou perplexa.

— Ela morreu quando eu era pequena, acho que tinha uns sete anos. Acho que a única memória que eu tenho dela é essa, ela espantando abelhas. — Era verdade. Mal conseguia lembrar do rosto da avó. O nome Dóris lhe pareceu estranho, como se não fosse real, o repetiu algumas vezes em pensamento, separando as sílabas, Dó Ris, Dó Ris. Teve um impulso de perguntar para alguém se era o nome certo, para a sua mãe, mais especificamente, coisa que não sentia há... nem sabia quanto tempo.

— Eu não sabia disso. — Virginia se endireitou na cadeira e a arrastou em um pulinho para mais perto de Lídia. — Obrigada por compartilhar. — Sorriu e balançou a cabeça de leve. — É disso que eu falo. Às vezes sinto que tu me conhece até do avesso, e eu sei tão pouco sobre quem tu é pra além de nós.

— Mas eu te conto tudo o que eu faço, tu sabe todos os meus passos...

— Sim, mas em oito anos que nos conhecemos, tu nunca tinha mencionado a tua avó.

Lídia esfregou a testa com três dedos.

— Acho que eu tenho andado nostálgica.

— Tu pode compartilhar essas coisas comigo — Virginia reforçou.

— Eu sei.

Formigueiro – 06 de janeiro de 1995

Sombras da cortina se projetavam no teto, tinha o abajur ao seu lado no chão. Lídia deitava no piso de cerâmica gelado, fazia um calor absurdo e o ventilador que ficava em sua cômoda tinha sido roubado pelos gêmeos mais cedo naquele dia. Toda a vez que o pedaço de chão em que estava deitada esquentava com o calor de seu corpo, ela se contorcia, mudando de posição, procurando pela sensação fria contra a pele. Observava as sombras, um livro da Agatha Christie de capa vermelha esquecido quase embaixo da cama. Ela tentou ler, mas não conseguia prestar atenção.

Era o segundo mês que sua menstruação não vinha e no primeiro tinha achado até boa a falta de sangue, significava poder usar a piscina sem se preocupar com essas “limitações femininas”, como dizia sua mãe. Mas o segundo mês era preocupante, os enjoos, tonturas, a sensibilidade nos mamilos, que doíam com o roçar da camiseta, ou quando deitava de bruços. Ela levantou a camisola, amontou o tecido leve nas axilas e passou uma mão pela barriga, dos peitos até a calcinha. Nunca fora magra a ponto de ter uma barriga reta, porém deitada naquela posição, barriga chupada para dentro, costelas protuberantes, Lídia percebeu uma pequena elevação embaixo do umbigo, coisa que não existia antes.

Ela encostou uma mão espalmada ali, no ventre, esperando sentir alguma coisa, um segundo batimento cardíaco, um chute, como os que sentiu quando colocou a mão na barriga da vizinha que estava grávida. Nada aconteceu, ainda era *sua* barriga, nenhum indício de um novo hóspede. Se perguntou com quanto tempo de gestação se começava a sentir alguma coisa, puxou e apertou a pele em volta do umbigo, seus olhos fixos nas formas no teto.

O zumbido de algum inseto chamou sua atenção para o outro canto do quarto, onde escorado na parede, Pimpão a observava. O velho urso de pelúcia parecia gigante e sombrio com a luz que vinha de baixo, criando sombras escuras sobre seus olhos, como se fosse um panda invertido. O alaranjado do abajur refletia nas contas pretas que eram seus olhos e Lídia se sentiu desconfortável sob aquele olhar. Levantou e virou o bichinho para a parede.

Formigueiro – 07 de janeiro de 1995

Tinha toda a intenção de conversar com o namorado. Caminhou as 5 quadras até a casa dele atravessando as ruas de maneira estratégica para ficar na sombra, ia devagar, fazia um calor tão pesado que respirar era difícil. O termômetro na frente da prefeitura marcava 38 graus e Lídia não lembrava de já ter visto uma temperatura tão alta. Suor escorria por suas costas e ensopava a parte de trás dos joelhos, tinha o cabelo preso em um rabo alto que balançava de um lado para o outro no ritmo dos seus passos.

As janelas da casa dele estavam fechadas quando ela chegou, uma bicicleta ainda decorada para o Natal escorada entre cadeiras de praia na varanda. Deviam ter saído para almoçar, pensou ela, abrindo o portão baixo e tocando a campainha mesmo assim. O som normalmente ativaria o latido dos cachorros que viriam correndo de trás da casa inspecionar as visitas, mas nada aconteceu. Lídia apoiou uma mão na cintura e se abanou com a outra, arrependida de ter saído quando poderia estar mergulhando na piscina com seus irmãos.

Já que tinha enfrentado o sol até aquele ponto, resolveu dar a volta na casa para conferir os cachorros. Encontrou os dois deitados na sombra do galpão de pedra nos fundos, onde seus sogros trabalhavam durante a semana confeccionando uniformes para colégios e cooperativas da região. O pai do namorado também fazia ternos, mas não gostava de se considerar um alfaiate, mesmo tendo clientes vindos até de Santa Maria. Lídia gostava do galpão, era a parte mais fresca da casa com janelas basculantes altas que não deixavam a luz do sol entrar direito.

Pincel levantou a cabeça quando a viu e Nino soltou um latido cansado. Do lado dos cachorros havia uma tigela transbordando ração e um pote de água vazio que Lídia encheu com a mangueira. Aproveitou também pra refrescar os pulsos e as pernas com a água amornecida.

Ela se abaixou e estendeu uma mão para Nino enquanto Pincel tomava água, balançando a cauda branca com a ponta preta.

— Onde foi todo mundo? — Lídia perguntou afinando a voz, como se falasse com uma criança. Não era estranho que a família do namorado não estivesse em casa, aos sábados eles costumavam sair para almoçar na casa de parentes em São Sepé. Ela não tinha levado esse fato em consideração antes de sair, nunca sabia que dia era quando estava de férias, exceto pelos domingos, quando ia a contragosto para a igreja com os pais.

Ficou um tempo abaixada afofando os cachorros, Nino tinha a barriga para cima e Pincel esfregava o focinho em sua mão pedindo atenção. Queria ficar mais tempo ali, mas o sol estava começando a baixar e a sombra que o galpão oferecia desapareceu. Sentia o topo da cabeça arder, o preto de seus cabelos concentrando todo o calor, seus ombros muito cor de rosa graças a falta de protetor solar.

— Tenho que ir agora — disse.

Levantou e sua visão preteou, apoiou-se no galpão, o cimento áspero arranhou sua palma e ela se sentiu como um tubo de pasta de dente sendo apertado de baixo para cima, a ânsia de vômito repentina. Conseguiu virar o rosto bem a tempo de não vomitar nos cachorros, que se alvoraçaram, pisoteando os conteúdos avermelhados de seu estômago e espalhando a gosma por todo o lado. Pincel latiu e pulou em cima dela, apoiando as patas sujas de barro e risoto de frango semidigerido na barra de sua camiseta branca.

Tão repentina quanto o jato de vômito, veio a lembrança de que estava grávida.

— Não Nino! Não comer! Sai pra lá. — Ela respirou fundo pelo nariz, o mal-estar havia passado com a golfada. Pegou a mangueira e abriu o registro, limpando o pátio o melhor que pode na pressa de ir embora, deixando rastros do almoço para trás.

Caxias do Sul – 29 de setembro de 2006

Felipe Zanco, quatro *Gabrielas*, uma atrás da outra, seguidas por três *Gabrieis*. Era gente demais, pensou Alana, vendo a lista de nomes subir em um fundo azul, da cor da companhia aérea. Outro plantão de notícias anunciava a ausência de sobreviventes do avião que entrou em chamas durante aterrissagem e divulgava “em primeira mão” os nomes de passageiros e tripulantes. Sua mãe tinha ido e voltado de Minas Gerais uns dias atrás para fazer um curso e mesmo que ela já estivesse de volta em Caxias a dois dias, Alana procurou por Marisa quando a lista chegou a letra M. Havia uma, mas o sobrenome era outro, respirou aliviada. Tinham migrado da sala para a cozinha da avó, todos os cômodos do apartamento equipados com uma televisão, aquela era pequena e ficava enfiada em um nicho na estante em meio a prataria. A antena que não pertencia àquele espaço se mantinha ereta graças a uma gambiarra de barbantes e durex presos ao puxador de uma porta muito alta que só era aberta no Natal, quando precisavam das taças de Champagne.

Nair Souza Dias, Nelson Araújo, Nestor Alberto Pimentel, Nora Martins Barbosa.

O cheiro azedo de vinagre das cebolas em conserva que a avó pescava de um vidro enorme com um garfinho de sobremesa embrulhavam seu estômago. As cebolas branco arroxeadas brilhavam na luz amarela parecendo olhos arrancados de crianças e servidos em algum filme de terror. Ouviu o pai buzinando na frente do prédio no meio da letra P, uma buzinação longa e outra curta, como um ponto de exclamação, era o sinal para que ela descesse. Continuou sentada, vendo os nomes que subiam, o transe das labaredas agindo sobre ela.

Não procurava por nomes familiares, mas reconhecia sobrenomes de colegas da escola, seriam parentes, talvez? *Renato* sobrenome alemão impronunciável, *Roberta da Silva Zaparolli, Roberto Homem*. Eram tantos nomes que as palavras se emaranhavam em sua cabeça e ela não processava mais nada, uma buzinação longa, outra curta. *Sara Cabral, Sara Jane Barbosa, Simone Scopel Gentile*. Se não descesse logo, o pai iria subir, começar a conversar com a avó e eles não chegariam em casa nunca. Alana correu até a sacada e acenou, mostrando que estava indo. Quando voltou para a cozinha, já com a mochila nas costas, a TV exibia a novela, sentiu-se triste por não ter visto todos os nomes, como se fosse um desrespeito com os que faltaram.

O pai ouvia no rádio as notícias sobre o acidente, os nomes eram listados em voz alta e mais do que antes pareciam palavras soltas, como se a voz grave do locutor, ao manter a uniformidade no tom, desconectasse cada um deles da pessoa que os possuía. *Cecília Camargo* podia ser qualquer pessoa de zero a cem anos, poderiam haver vários *Luís Claudio Pezzi* entre Belo Horizonte e Porto Alegre. Os nomes fluíam dentro do carro e em sua memória, procurando um sentido que ela não sabia atribuir, até que um deles, pronunciado em voz alta, atingiu Alana e o pai com o peso da familiaridade. Sentiu como se tivesse sido derrubada por uma onda na beira do mar e não conseguisse levantar, tomou um fôlego que doeu na parte de cima do peito.

Roberto Homem.

Não registrou nada do que foi dito depois.

Toronto – 20 de maio de 2018

Lídia passou a maior parte do almoço seguindo Virginia de um lado para o outro. Era mais um *brunch* do que um almoço, na casa de um médico da clínica de Virginia que havia acabado de se mudar, Lídia não o conhecia muito bem. Havia outros colegas antigos de quem ela gostava, mas apesar disso, se sentia mais deslocada do que o normal, entrava e saía de sintonia durante as conversas, pegando falas aleatórias fora de contexto e balançando a cabeça de leve como se prestasse atenção.

Virginia estava animada, gostava de sair e encontrar pessoas, mas seus olhos procuravam os de Lídia o tempo todo, certificando-se de que ela estava ali, presente. E estar presente era cansativo, exigia que Lídia policiasse seus pensamentos, coisa que não gostava de fazer. Sempre que se sentia caindo em devaneios, se obrigava a voltar para a sala bem decorada, para o sofá duro, daqueles que servem aos olhos, não ao bem-estar da coluna. Isso quando seus devaneios não envolviam o próprio espaço, como a grande porta de correr que dava para os fundos da casa. Pelas janelinhas perto de onde estava sentada, podia ver uma área ampla e verde, a grama bem cortada brilhava com a umidade residual da garoa. Os raios de sol que passavam pela camada de nuvens dissipadas davam um tom muito vivo pra todas as coisas externas, o caminho de pedras que levava a piscina era um rastro dourado e até a cobertura preta que a vedava chamava atenção pela intensidade, tão escura quanto um buraco negro.

Lídia havia crescido em uma casa com piscina, mas a dela passava o ano inteiro aberta, sendo esvaziada no outono para se encher de chuva e virar cemitério de insetos e folhas secas no inverno. As viagens que sua mente vinha fazendo para Formigueiro eram outra coisa exaustiva e ainda mais difícil de controlar. Tudo a fazia lembrar de *casa*. Não gostava de pensar em Formigueiro como *sua casa*, mas a palavra surgia no automático. Fazia 20 anos que deixara a cidade e tinha até certo orgulho em dizer que não sentia saudades. Mas o que eram todos aqueles pensamentos insistentes se não uma manifestação da falta?

Formigueiro dominava seus pensamentos e junto com ela vinha a culpa por nunca ter falado com Virginia sobre essa fatia de vida. Todos os casais ocultam coisas uns dos outros e nem sempre é intencional, quanto mais tempo se passa com alguém, mais se aprende sobre a pessoa, mas seria impossível saber todos os detalhes íntimos do passado

de alguém, lembranças muitas vezes estocadas em cantos escuros demais para serem evocadas pela memória. Sentia culpa por lembrar muito bem e por Virginia já ter perguntado em mais de uma ocasião sobre sua família, sobre sua adolescência e infância. Tudo o que ela tinha compartilhado eram fotos de bebê que iam dos zero aos seis anos de idade e vagos comentários sobre crescer com cinco irmãos mais velhos.

Virginia inclusive conhecia dois dos seus irmãos, Samuel, o mais novo antes dela, tinha feito uma visita em 2017 trazendo as filhas gêmeas que na época tinham 8 anos. Mas foi só uma visita rápida, o destino deles era Nova York e Toronto era perto o bastante para um passeio antes de retomar o roteiro original. Joel, o mais velho, fora o único a vir para o casamento. Lídia, por insistência de Virginia, convidou toda a família e se surpreendeu quando ele confirmou presença. Queria poder dizer que sentia falta deles, mas não. Conversavam por e-mails, acompanhava suas vidas via Facebook e Instagram e era o suficiente para ela.

Pode ser muito solitário crescer em uma família grande e às vezes você se acostuma com a solidão, ela acreditava nisso. Mesmo tendo amigas e vizinhos com quem brincar, os momentos em que estava sozinha eram aqueles em que se sentia melhor, talvez por serem raros, no meio de tantos irmãos. Só conhecia o silêncio das noites em que ficava até tarde se revirando na cama ou lendo alguma revista e mesmo assim, era um silêncio assombrado por roncões e gemidos da casa velha, grilos, mosquitos e cigarras no verão, folhas se rebelando contra o uivo do vento no inverno.

1994 foi o ano em que se tornou filha única. Todos os irmãos estavam fora cursando faculdade, os mais velhos já tinham até diploma: Moises era contador, casado em Porto Alegre, Joel morava sozinho em um sobrado perto das propriedades do pai, que ajudava a administrar. A quietude era uma das vantagens de ser filha única, junto com o espaço para se movimentar em casa sem esbarrar nos rastros dos meninos, meias sujas, bonés gastos, bicicletas bloqueando a porta de entrada. Também tinha pela primeira vez na vida um banheiro próprio. Passava horas se olhando no espelho, tentando resolver as espinhas de algum jeito, espremendo, cobrindo com maquiagem que pegava no quarto da mãe, ou aplicando pasta de dente na pele inflamada, gostava do cheiro mentolado e da sensação geladinha no rosto. Os pais, sem o agito dos meninos, caíram em uma rotina calma, a mãe passava as tardes na igreja com as amigas do terço, tricotando, bordando, orando. O pai se ocupava da plantação de arroz e da estância onde começava a criar cabeças de gado. Lídia ficava boa parte do tempo sozinha em casa, estudando ou vendo

TV, eventualmente saía com as amigas, ficavam sentadas no murinho da prefeitura jogando conversa fora, provocando os meninos que jogavam taco ali na frente.

— Lídia?

— Oi? — Lídia piscou os olhos, percebendo a boca seca e a mão de Virginia a apertar de leve seu joelho.

— Perguntaram se você quer mais uma bebida.

Lídia levantou o olhar, o dono da casa lhe estendia uma taça de espumante com suco de laranja. Ela fez um sinal negativo com a mão e levantou do sofá, precisava de água e tinha visto Virginia buscando um copo na cozinha antes. Com o nariz trancado, respirava de boca aberta e seus lábios ardiam, ressecados. Não se sentia bem, queria ir para casa deitar, tomar outro banho, sentia a pele pegajosa, as palmas das mãos suavam frio, devia estar com febre de novo, ou talvez fosse mais uma crise de ansiedade. Todas aquelas pessoas falando alto e rindo e mesmo sendo fluente em inglês, era difícil entender o que diziam. Parecia uma língua estranha, ouvia a voz de Virginia, reconhecia o tom calmo e suave, mas as palavras boiavam na superfície de sua consciência, sem atingir um nível aonde seriam interpretadas. Sua respiração se tornou mais rápida, não havia espaço em seu peito para comportar todo o ar de que precisava, suas costelas doíam e a visão desfocou, a luz da sala pareceu muito forte, Lídia voltou a sentar.

— Tudo bem? — Virginia subiu com a mão por suas costas, parando na nuca.

— Falta de ar.

— Quer ir pra casa?

— Acho que vou chamar um Uber.

— Eu vou contigo. — Disse Virginia, sentindo sua testa.

— Não precisa. — Ainda não tinham servido a sobremesa e Lídia sabia que Virginia queria ficar, mas principalmente, queria um tempo sozinha pra se perder em devaneios sem os olhares de preocupação da outra.

Caxias do Sul – 29 de setembro de 2006

Alana não estava acostumada ao choque das mudanças abruptas, nada acontecia sem um aviso prévio, sem reações estranhas dos pais, sem o *feeling* de que se sairia mal na prova de português porque passou a aula lendo quadrinhos da WITCH escondido dentro da gramática. Dominar relações de causa e efeito era quase um superpoder, para uma criança, tinha muita consciência de suas ações e do que elas acarretariam a curto prazo. Sabia ler seus colegas, notava a mudança na entonação de alguém que tinha esquecido de fazer o tema, percebia o olhar ansioso de quem ia ser pego colando em uma prova e a confiança dos poucos que se achavam muito inteligentes, mas na verdade sabiam porcaria nenhuma.

Ela não tinha em seu repertório nenhuma reação programada para notícias ruins que chegavam de repente, qualquer realidade catastrófica lhe parecia muito distante, acidentes eram coisas que aconteciam com outras pessoas, não com ela. Dentro da sua cabeça, todas as pessoas que conhecia e amava estavam protegidas por uma bolha invisível derivada da conexão com ela. Às vezes ensaiava pensamentos trágicos, como quando ficou cuidando a letra M na lista de nomes para garantir que a mãe não estava no voo, mas no fundo sabia que estava tudo bem, que nada aconteceria com alguém que lhe era importante e, se acontecesse, a notícia viria em camadas.

Por não ter ideia de como reagir, ficou quieta sentada no banco da frente do carro depois que seu pai desligou o rádio de supetão, apertando o botão como se ele estivesse muito quente para ser tocado. Ele falava com ela, dizia que era um nome muito comum, que conhecia uma tonelada de Robertos, só no trabalho tinha seis, e começou a listar uma série de Robertos famosos que começou e terminou com Roberto Carlos pois naquele exato momento todos os outros nomes escaparam da cabeça dele, mas ele tinha certeza que existiam vários, talvez mais de cem. E tudo bem, o primeiro nome não era importante, mas ele sabia que devia ter mais de um Roberto Homem no Brasil. Ele tinha razão, Alana não respondeu, mas já tinha pesquisado aquele nome no Orkut mais de uma vez e encontrado cinco homônimos. Dois moravam no Rio Grande do Sul, mas nenhum dos dois perfis eram do Roberto Homem que ela estava procurando.

Tinha ao seu lado um pai chamado Leonardo que não calava a boca, tentando preencher o silêncio do rádio desligado, era o pai que conhecia e que amava mais do que

tudo, que fazia brincadeiras idiotas e só sabia cozinhar coisas no forno, que adorava história do Brasil, sempre dava dinheiro para livros quando ela pedia e tinha cheiro de abraços que davam sono, de um jeito bom. Mas atrás dela, num atrás que significava passado, tinha um outro pai, aquele que não conhecia, mas que passava um tempão imaginando em segredo e o nome desse pai era Roberto Homem.

Formigueiro – 07 de janeiro de 1995

Lídia passou pelo quarto dos gêmeos no caminho para o seu e resgatou o ventilador, também pegou o telefone vermelho e pesado que ficava no corredor do segundo andar e esticou o fio, que alcançava seu quarto passando um pouco da porta. A sua família estava reunida na piscina, três dos seus irmãos, todos mais velhos, passavam as férias em casa, para a alegria da mãe, que atravessou 1994 reclamando de saudades.

A persiana da janela estava fechada, impedindo que a luz do sol entrasse. Lídia recolocou o ventilador na cômoda e o ligou, sentando no braço da poltrona velha bem na frente do vento. Fios de cabelo aleatórios se soltaram do rabo de cavalo e faziam cocegas em seu rosto.

Ela havia trazido o telefone porque não sabia o que fazer e seu primeiro instinto dizia para ligar pra Paula, sua melhor amiga, mas ver o aparelho no chão perto da porta a fez reconsiderar. Só imaginar a conversa que teriam já lhe era cansativo. Lídia não tinha contado para ela sobre a primeira vez com Roberto, sexo era um assunto delicado entre as meninas com quem convivia. Tinha visto Cristina, a primeira do grupo perder a virgindade, ser vítima de uma avalanche de perguntas que Lídia considerava constrangedoras, mas que a amiga parecera contente em responder. Como havia sido e sobre a aparência do menino e sobre como era a sensação, se doía, sangrava, e porra tinha gosto do que? Dava pra sentir se ele gozasse dentro dela? Lídia tinha curiosidade, mas não queria que suas experiências a colocassem no mesmo lugar que Cristina, que quando virou as costas foi alvo de fofocas e comentários horrorosos feitos pelas outras meninas, inclusive Paula.

Ficar sentada começou a se tornar desconfortável, uma inquietação borbulhava dentro dela, tamborilava os dedos na coxa e levantou. Precisava conversar com alguém. Estava feliz por não ter encontrado o namorado em casa, ele provavelmente não saberia o que fazer e seria uma conversa ainda pior do que a que poderia ter com Paula, que no máximo ficaria ressentida por Lídia ter escondido sobre a primeira vez.

Sentou no chão junto ao telefone, escorando as costas na porta para mantê-la fechada. Discou o primeiro número, gostava do barulho do disco voltando para o lugar. Discou o segundo, e se Paula contasse pra alguém? O terceiro, sabia o número de cor desde os 7 anos e nunca tinha hesitado antes. O quarto, mas o espaço entre cada número

a dava tempo de pensar duas vezes e quando colocou a ponta do dedo dentro do número 9, quinto do telefone de Paula, já não tinha mais vontade de falar com ela.

Recolocou o fone no gancho e ficou um tempo parada, olhando para o joelho, mas sua visão desfocada. Não tinha saída e nem a quem recorrer, uma onda de calor frio percorreu seu corpo, causando arrepios desagradáveis, a náusea de antes voltou, mas não como a que a fez vomitar. Era mais como um nó nas tripas, não tinha nada a ver com gravidez e tudo a ver com ansiedade.

Ela pegou urso de pelúcia que ainda encarava a parede e o levou para a cama, deitando de lado com os joelhos dobrados e apertando-o contra o peito. Ele cheirava de leve a poeira e fumaça dos cigarros do pai, que costumava sentar em uma espreguiçadeira logo abaixo de sua janela e queimar uma carteira inteira no fim da tarde. O urso era grande, quase da altura da sua perna, e abraça-lo lhe dava uma sensação de segurança, como se estivesse sendo abraçada de volta. Lágrimas silenciosas começaram a escorrer de seus olhos, umedecendo a franha e se empoçando nas curvas do seu rosto quando a mãe entrou no quarto.

— Que que o telefone tá fazendo no chão? Tem até uma cadeira do lado da mesinha no corredor. Puxar ele assim estraga o fio, já te disse mil vezes. Se teu pai vê uma coisa dessas... — Ela abriu as gavetas da cômoda e guardou as roupas que trazia no braço antes de perceber a menina que chorava na cama. — Que que tu tem?

Todas as conversas em família tinham tom de cobrança, os pais perguntavam sobre notas, tarefas, amigos, queriam saber de quem eram filhos, e se não achavam que a amizade valia a pena, proibiam Lídia e os irmãos de brincar com aquelas pessoas. As perguntas não eram “Como tu esta?”, mas sim “O que tu tem?”, sempre acusando-os de alguma coisa, como se esperassem apenas o pior dos filhos e não tivessem interesse algum pelo bem estar real deles. Esse jeito de falar criou um distanciamento interno entre a família. Faziam todas as refeições juntos, aproveitavam a piscina, iam a igreja, mas nunca conversavam. Citavam pontos importantes de seu dia, listas com dados sobre a escola, faculdade, arroz, grupo do terço, mas nunca coisas realmente importantes.

Lídia gostava de não estar em casa, de conversar com a mãe do namorado, muito mais afetiva que a sua própria. Apesar da frieza familiar, Miriam se importava sim com suas crianças, sua imperatividade ao falar foi sendo desenvolvida à medida que os filhos cresciam, era difícil para ela ver um por um sair de casa, estudar em Porto Alegre, Santa

Maria, Ijuí, não voltar mais. Lídia tinha o azar de ser a filha mais nova de seis e a única menina, sobre a qual toda a expectativa da mãe recaía o tempo inteiro.

Aquela tarde no quarto, as palavras escaparam de sua boca sem freio com a pergunta da mãe. Não pretendia contar para ela, mas também não havia formulado um plano para acobertar a gravidez.

— Sua mula. — A mãe falou em um sussurro alto, seu olhar indiferente endurecendo. — Sabia que tinha uma filha teimosa, mas achava que burra tu não era.

Lídia não respondeu, o jorro de lágrimas se intensificou e ela apertou o ursinho de pelúcia ainda mais forte contra o peito e o rosto, tentando conciliar os soluços que irrompiam sem que ela pudesse controlar.

— Não aprendeu nada indo na igreja? Fez catequese pra quê? Tu tem merda na cabeça?

Miriam deu um puxão em seu braço, fazendo com que sentasse bruscamente e tirando Pimpão de seu abraço. Sem ele Lídia se sentiu ainda menor, como se voltasse a ter 4 anos e estivesse levando uma mijada por ter sujado o vestido na noite de ano novo.

— Anda, responde? Tu tem merda na cabeça?

— Não. — Sua resposta foi um murmúrio.

— Mas parece.

A mãe, que havia sentado na cama quando chegou, levantou e apoiou as duas mãos na cintura. Era uma mulher graúda, de braços e pernas grossas e mamas enormes, seus traços eram suaves, porém os cantos de sua boca pendiam mais para baixo a cada aniversário, como se a gravidade em complô com o tempo estivesse transformando sua expressão em uma perpétua careta de desgosto.

— Se ajaite. Vai lavar a cara, tem dois minutos.

Os paralelepípedos de sua rua se transformaram em estrada de chão e Lídia seguia a mãe, que andava rápida e decidida a sua frente. Fazia dias que não chovia e a terra sob seus pés estava rachada, poeira alaranjada levantava a cada passo, sujando seus tornozelos e a barra do vestido de Miriam.

— Onde a gente vai?

— Resolver esse teu problema.

Lídia quase tinha que correr para acompanhar as passadas largas da mãe. Ela ofegava, o rosto vermelho pelo esforço e pela exposição ao sol. Se afastaram do centro da cidade, entrando em uma área residencial discrepante, com casinhas pequenas e de

aparência frágil ao lado de casarões maiores que a casa onde moravam. Havia pouca gente na rua, naquele calor ninguém se animava a sair, ainda mais no fim de semana.

Entraram pelo portão de uma casa grande de quintal malcuidado, a grama alta e ressecada com tufo de ervas daninhas, o tipo de lugar que esconde toda uma gama de insetos e bichos peçonhentos. Um cachorro latiu para elas da janela do vizinho e Miriam entrou sem tocar a campainha.

A casa tinha um cheiro estranho, humano demais, como se várias pessoas houvessem dormido na sala e ninguém tivesse aberto a janela naquela manhã. Os móveis eram antigos e gastos, porém sólidos e elegantes, a iluminação vacilava, a principal fonte de luz, uma luminária de chão coberta por um lenço cor de rosa.

Uma menina aparentando ter a mesma idade de Lúdia saiu de um canto escuro e as encarou. Ela tinha, ou talvez fosse efeito da luz, olheiras profundas e bochechas encovadas, vestia uma camisola manchada e curta, com barra de renda, as alças caídas em seus ombros estreitos.

— Vai buscar a Marildinha, diz que a Miriam precisa de um favor.

A menina virou as costas e entrou por uma porta no canto esquerdo da sala. Lúdia apoiou a mão no sofá e Miriam lhe deu um tabefe no ombro.

— Não senta aí, nem encosta em nada.

Lúdia sabia quem era Marildinha, falavam sobre ela na escola, a china velha que herdou uma casa de um dos amantes e parou de vender o próprio corpo pra negociar o dos outros. Diziam que ela recolhia meninas desesperadas na rua que não tinham dinheiro para comer, nem onde ficar. Também pegava bebês pra criar, meninos e meninas, e usava eles como empregados, fazendo compras, limpando a casa, buscando encomendas, até que tivessem um corpo que pudesse ser aproveitado também.

— Tu vai me deixar aqui? — Lúdia perguntou, de novo enjoada e tonta, o coração batendo nas têmporas.

— Deveria.

Estava apavorada demais para se perguntar como a mãe conhecia aquela mulher, seus olhos inspecionavam a sala e a cada varredura encontravam novos indícios das profanidades que aconteciam ali. Bitucas de cigarro transbordavam de cinzeiros e copos, algumas espalhadas por cima da mesa, uma gravata listrada esquecida pendurada em uma maçaneta, o que parecia uma meia calça jogada em um canto e perto da parede, um plástico melecado brilhava branco embaixo do abajur. Havia em frente ao sofá, onde habitualmente ficaria a televisão, um grande espelho todo manchado com dedos e sujeiras

incrustadas em várias tonalidades de marrom. Seu próprio reflexo sujo lhe parecia o de outra pessoa, até olhou por cima do ombro para conferir que estavam sozinhas.

Marildinha apareceu e as cumprimentou mantendo distância. Lídia tinha imaginado, pelas histórias que ouvira, uma pessoa completamente diferente. A mulher que as recebeu parecia a tia de alguém, não uma prostituta decadente de 50 anos. Tinha os cabelos curtos bem ajeitados, castanhos com luzes loiras como os das atrizes em capas de revista. Usava uma maquiagem leve e nada chamativa, um batom cor de boca e delineador nos olhos, tinha os dentes da frente separados e amarelos e falava assobiando os esses.

— Trouxe mais uma menina pra mim?

— É minha filha.

— Ah. — A mulher a mediu com o olhar, começando pelos pés e parando em seus olhos. — Ela é alta que nem o pai. Bonitinha.

— Ela acha que tá prenha.

— Ah. — Ela arqueou as sobrancelhas e cruzou as mãos. — E o que tu quer de mim? Chás? De quantos meses?

— Eu preciso que ela faça um teste, mas se comprar na farmácia a cidade inteira vai ficar sabendo.

Marilda concordou com a cabeça e se virou, entrando pela porta do canto esquerdo. Lídia não entendia direito o que estava acontecendo, mas seguiu a mulher e sua mãe. O ar parecia ficar rarefeito a medida em que avançava para dentro da casa, pelo corredor podia ouvir as vozes que vinham dos quartos, meninas conversando, um ronco alto de homem e alguém gemendo baixinho. Quando entrou no banheiro não se sentia bem, suas mãos tremiam e o suor não era mais pelo calor, mas sim advindo de ondas de náusea que ela tentava segurar.

Lhe entregaram um potinho e ficaram olhando enquanto ela fazia xixi dentro dele. Ela se abaixou por cima do vaso sem sentar, mas nenhuma gota saiu. Era estranho fazer aquilo na frente de outras pessoas. Fez força, sentia vontade, mas sua uretra não queria colaborar.

— Vamos. — Disse a mãe.

Ela fechou os olhos e respirou fundo tentando relaxar. Um jato quente molhou sua mão e ela posicionou o potinho, coletando o que precisava. Gotas de urina pingaram no chão no caminho do pote até a pia, Marilda não pareceu se importar ou perceber e enquanto Lídia se secava, colocou um palito de plástico dentro do xixi.

Enquanto esperavam, Miriam e Marilda discutiam o que fazer como se Lúdia fosse invisível. Por um lado era bom, a menina não sentia vontade em falar, e mal conseguia olhar para a mãe, sua atenção fixa no teste de gravidez.

— Nem tá aparecendo ainda, se for menos de três meses dá pra resolver.

— Como?

— Tenho uma mistura de ervas, ela vai passar mal e sangrar por uns dias, mas normalmente da certo.

— Não, não, não vai matar a criança.

— Não é uma criança ainda, dá pra resolver.

— Engravidar já é pecado o suficiente. — Miriam falou num tom tão definitivo que Marilda consentiu, mesmo que discordasse.

— Um bebê vai acabar com a vida da tua menina. Ela tem o que? 16?

— Nem 15 fez ainda.

— E o teu marido? Já sabe?

— Só vai ficar sabendo se tiver prenha mesmo.

— Ele vai matar a menina.

— Vai não. José Carlos late e avança, mas não morde.

— Hm. — Marilda não pareceu acreditar no que Miriam dizia, acostumada com homens casados que violentavam suas meninas, um criador de gado tinha deixado uma delas com costelas quebradas ainda naquela semana.

— E ela vai ficar no asilo até as coisas se acalmarem.

— Não gosto daquele lugar.

— É mais seguro lá do que em casa. Vou falar com o Joel, ele me ajuda a contar pro José. — Joel era o seu primogênito, oito anos mais velho que Lúdia. O único dos meninos que trabalhava com o pai.

Lúdia limpou a garganta, a fita dentro do plástico tinha mudado, dois risquinhos cor de rosa se materializaram. Marildinha pegou o tubo com a ponta dos dedos e anunciou com pena:

— É menina... Você vai ter um bebê.

Toronto – 20 de maio de 2018

Lídia deitou de lado na cama se encolhendo, abriu o botão da calça que machucava sua barriga. Ravióli a seguiu e deitou junto com ela, apoiando a cabeça em seu tornozelo e ronronando baixinho. Não fosse o cansaço, teria se espichado e puxado o gato para mais perto, não que ele ficasse, mas ela tentava sempre.

Estava cansada demais para fazer qualquer coisa além de pensar. Sabia que deveria estar aproveitando o momento para resolver a questão da passagem aérea, mas não tinha ideia de por onde começar. Caiu num sono pesado daqueles que desorientam, acordando com marcas de travesseiro na cara, ainda mais destacadas pelos círculos vermelhos em suas bochechas.

O cochilo tinha durado uma hora e ainda estava sozinha, Ravióli tinha mudado de lugar e era uma bolinha de pelos em cima do travesseiro de Virginia. Ela deitou de barriga para cima e procurou com a mão pelos óculos na mesa de cabeceira, ficou olhando as partículas de poeira que passeavam pelas faixas de luz que entravam pela janela.

Começou a criar, em sua cabeça, um roteiro para a conversa que queria ter com Virginia. Primeiro diria que precisavam conversar, ou “tenho uma coisa pra te contar”. Não, a segunda opção parecia animada demais. Falar do passado era coisa séria para ela, ainda mais tocar em assuntos que não conseguia levar nem para a terapia. Sentia falta da psicóloga que a atendeu por 5 anos e de novo a culpa por ter se dado alta sem tocar nos pontos mais importantes. Se considerava uma pessoa saudável, sabia lidar com seus problemas e se conhecia bem o suficiente. A questão não tinha a ver com *saber* ou não, mas sim com querer. Ela não *queria* tocar em alguns assuntos. Virginia chamava isso de teimosia.

Ok, “precisamos conversar” era melhor. Ou seria pesado demais? O início era importante, o início dava o tom pra toda a conversa. Dava pra começar falando sobre Formigueiro, talvez alguma coisa mais sobre a sua avó. Mas isso era muito indireto. A avó nem estava mais viva quando aconteceu.

E se fosse o contrário? Ela se perguntou, virando para o travesseiro de Virginia e sorrindo ao ver que Ravióli dormia com a língua de fora. Devagarinho, ergueu o braço, dedos em pinça, encostou o indicador na pontinha da língua e ele abriu os olhos, puxando

a cabeça pra trás. Ela bufou. Nunca conseguia puxar a língua dele. Parecia tão fácil nos vídeos da internet. O gato bocejou, mandando uma lufada de mal hálito em sua direção.

— Fedido... — Ela afagou o queixo dele, tentando encontrar a linha de raciocínio. Como Virginia fazia pra falar do passado? Era sempre direta. Lídia gostava disso. Virginia nunca enrolava. Se algo a incomodava, ela não deixava quieto, se tinha vontade de falar, falava. Invejava um pouco isso nela, nem seus pensamentos conseguiam ir direto ao ponto.

Os pensamentos automáticos a levavam para a adolescência, para a casa, aos irmãos, mas nunca para junho, nunca para as noites no asilo, nunca para o real isolamento sob o qual se colocou naquela época. Eram sombras por cima do passado, uma mancha na fotografia da família, do tipo que não prejudica a imagem, mas ainda assim está lá.

“Eu tive um bebê”, se imaginou dizendo, “mas não parece verdade”.

— Faz tanto tempo — disse em voz alta, talvez para o gato, que piscou com preguiça.

Não conseguia conjecturar um plano em que essa realidade coexistisse com a vida que construíra com Virginia. Tentava prever as reações dela, mas nada era plausível, frieza, lágrimas, não fazia sentido porque fazia tanto tempo, como se a Lídia adolescente fosse outra pessoa. Como a dissociação que tivera mais cedo naquele domingo: sabia onde havia estacionado o carro, mas todo o trajeto até o aeroporto estava coberto por uma neblina muito densa.

Fechou os olhos e imaginou as camadas de névoa. Se transportou para dentro do nevoeiro, ele pesava, a umidade grudava na pele, preenchia suas narinas e ouvidos, respirar era como a sensação salgada de fazer nebulização. Entrar na neblina era uma maneira diferente de experimentar o silêncio, era entrar em contato com o silêncio interno, um espaço designado para engolir as coisas com as quais ela não queria lidar. Lembrou da piscina coberta pelo buraco negro.

Ouviu o som macio de pés afundando no carpete, uma porta abrindo e fechando em um clique suave, as molas da cama rangendo, cobertas farfalhando e um suspiro de Virginia. Abriu os olhos, mas a sensação de imersão em si mesma continuou, estava boiando em cima da própria cama.

— Melhorou?

— Mhum.

— Tem um gato no meu lugar.

— Mhum.

Virginia deitou a cabeça em seu peito, deixou uma mão descansar na cintura de Lúdia por baixo da blusa.

— Tudo bem?

— Acho que sim. — Lúdia soava fanha, o nariz seguia trancado. Queria perguntar sobre o resto do *brunch*, mas não conseguia formar as palavras. Virginia acariciava sua pele com o polegar e tinha os olhos fechados, o peso dela sobre seu peito era bom. Lúdia relaxou. Podiam conversar outra hora.

Caxias do Sul – 1º de outubro de 2006

Foi um fim de semana muito estranho em que toda a sua família parecia ter desaprendido a conviver no mesmo ambiente. Alana acompanhava pela TV as notícias do acidente e online também. Não demorou muito para que um site traçasse o perfil das vítimas, noticiários reportavam entrevistas com parentes que se reuniam no aeroporto em Porto Alegre, alguns vestiam camisetas com fotos dos entes queridos, outros carregavam cartazes, uns falavam de indenização da companhia aérea, outros só queriam que os corpos fossem liberados. O processo de identificação das vítimas estava atrasado, um especialista falava sobre carbonização e danos causados pelo fogo que dificultavam os reconhecimentos, mas uma equipe estava sendo montada para trabalhar com isso.

Não foi difícil encontrar algo sobre Roberto na internet e confirmar que ele era sim o pai do passado e mesmo que fosse domingo, dois dias não era o suficiente para processar a informação da morte daquela pessoa, daquele homem que na foto do site do Zero Hora parecia jovem demais para ser pai de alguém. Ele tinha cabelos castanhos que pareciam errados em cima de sua cabeça, sem corte, a pele era muito pálida e tinha marcas de espinhas nas bochechas, como as do primo de Alana que fazia tratamento para acne com um remédio que lhe causava vômitos sempre que comia qualquer coisa gordurosa. Roberto Homem tinha um pescoço curto e orelhas grandes, era atarracado e não parecia em nada com Alana. Única coisa que tinham em comum era a boca, lábios finos e cor de rosa que formavam um M na parte superior.

A reportagem dizia que ele trabalhava junto aos pais numa confecção de roupas e recentemente investira na criação de galinhas, adquirindo uma granja no interior de Minas Gerais, de onde voltava na ocasião do acidente. “Casado há dois anos, o jovem deixa a esposa grávida de 7 meses.” Assim terminava o perfil dele e Alana se sentiu mal ao ver outra foto, dele com a esposa, a mão dele em cima da barriga dela, os dois parecendo felizes, o sorriso dele ofuscava as cicatrizes avermelhadas em seu rosto.

Marisa e Leonardo, os pais que cuidavam dela, não sabiam o que fazer com a menina, que quase não falava desde a sexta-feira do acidente. Ficavam rondando o espaço dela como formigas atraídas por uma bala melequenta caída na calçada e Alana achava aquilo muito chato. Pareciam esperar algo dela: uma enxurrada de perguntas, ou um surto repentino e ela achava que estava bem, se sentia bem, como se nada tivesse acontecido.

Cada nova informação era só um dado, sentia pena da esposa e dos pais de Roberto Homem assim como sentia pena pelos filhos da dona Nair Dias que também estava no voo.

O que a incomodava era essa falta de alguma emoção maior. Seu pai tinha morrido. Seu pai estava na cozinha fazendo o almoço. Era estranho. Sentia falta não de alguém, mas da possibilidade de alguém. O nome dos pais biológicos foi algo que aprendeu com o tempo, as conversas que tinha sobre o assunto com os pais que cuidavam dela eram com frequência desconfortáveis, mas eles não omitiam nada, respondiam todas as suas perguntas mesmo que sem esconder expressões de desconforto. Alana tinha até visto uma foto de quando estava na barriga da outra mãe, mas já fazia tempo, mais de anos. A mãe Marisa guardava uma pasta alaranjada no quarto com várias coisas sobre o passado. Continha sua certidão de nascimento, a foto, o grampo do seu cordão umbilical e num saquinho de veludo, os brincos que usava quando era bebê.

Toronto – 21 de maio de 2018

Lídia segurava a mão de Virginia, não com dedos entrelaçados, mas entre as suas. Observava a palma, a pele ali era fina e translúcida, podia ver tramas de vasinhos sanguíneos. Roxo, azul e vermelho, parecia uma renda, ela pensou seguindo um deles que passava pelo ponto em que todos os dedos se ligavam a palma. Estranho uma coisa aleatória lhe parecer tão bonita de repente. Tinha passado seis anos segurando aquela mão, mas nunca havia dado devida atenção àquelas veias, ou artérias, ou capilares, ela não entendia a ciência da coisa. Traçou uma outra linha até a veia que aparecia protuberante no pulso, podia ver o coração de Virginia batendo na articulação.

— Faz cócegas.

— Desculpa. — Lídia suspendeu o toque, levantando os olhos para os de Virginia.

— Não precisa parar.

Seguiu a inspeção, passando para as linhas na pele. Lídia lembrava de ter visto um tempo atrás, em uma revista naquela mesma sala de espera, o significado atribuído a cada uma delas. A linha da vida, que já conhecia, a linha da cabeça, a do coração. Sentiu todas elas, a mão de Virginia era macia e era difícil perceber o relevo, também estava úmida, coberta por uma camada fina de suor.

— Eu também estou nervosa. — Lídia confessou. Focar a atenção nos mínimos detalhes de Virginia ajudava a mascarar o sentimento. Estava nervosa desde a primeira vez que haviam estado naquela sala, antes até. Se fosse elencar todas as oportunidades perdidas de contar sobre sua adolescência, pelo menos 25% delas tinham se dissipado naquela clínica de reprodução humana.

Quando se conheceram e começaram a namorar concordavam com muitas coisas, tinham um entendimento em comum sobre o que gostavam e o queriam para o futuro e o consenso inicial havia sido: não queremos filhos. Lídia não falava sobre o assunto e Virginia em mais de uma ocasião discursou sobre como a maternidade atrapalhava as pessoas, sobre como queria estudar e viajar e focar na carreira que estava construindo. Gostava de trabalhar no hospital e sabia que plantões de 12, 18 e até 24 horas não combinavam com bebês.

Lídia não percebeu as mudanças no discurso de Virginia depois que casaram, de tão sutis que foram. Ela continuava achando a maternidade antagônica ao seu trabalho e

ao estilo de vida que pretendia levar, mas já não falava em definitivos, deixou de usar a frase “ser mãe é loucura” e passou a usar o adjetivo “desafiador” no lugar. Então vários amigos de ambas começaram a ter filhos, ou adotar crianças e em maio de 2017 já tinham uma série de afilhados e sobrinhos honorários. Lídia gostava das crianças, de ser babá ocasional, de assistir filmes infantis no cinema, se admirava com a inteligência dos pequenos e com como cresciam rápido. Virginia não só gostava e se divertia, mas amava todos os momentos que elas passavam juntas com os filhos dos amigos e então passou a fazer comentários sobre como seria se elas pudessem legitimamente ter um filho juntas. Ou melhor, uma filha, porque nenhuma delas tinha cromossomo Y para passar adiante, então um bebê que fosse delas só poderia ser uma menina.

Mas era sempre tudo muito hipotético, muito distante, possibilidades em universos paralelos, até que a mais inocente dessas conversas teve um desfecho diferente. Falavam sobre o trabalho e como uma onda de bebês com nomes peculiares havia nascido naquela semana durante os plantões de Virginia.

— *Xax*, xis-a-xis. É um nome tão absurdo, como pode um pai ser tão cruel a ponto de dar pra uma criança um nome que ela vai demorar o dobro do tempo para aprender a soletrar?

— E vai ter que passar o resto da vida corrigindo a pronuncia das pessoas.

— Sim! Sempre gostei de nomes simples, como as meninas dos Waters.

— Ava e Emma, sim! Acho bonito também. — Lídia estava sentada em um banco na cozinha, girando de um lado para o outro, acompanhando o vai e vem de Virginia que fazia o jantar enquanto conversavam.

— Qual era mesmo o nome que tu tinha dito que gostava pra menino? Aquele que eu achei bonito?

— Eric?

— Não, era alguma coisa com L, acho. — Virginia parou de mexer o risoto e olhou para Lídia na expectativa, uma maçaroca de arroz desgrudou da colher e caiu no chão, mas ela não percebeu.

Lídia pegou um pedaço de papel toalha em cima da mesa e deslizou do banco para o chão, recolhendo a sujeira. — Vê se tá bom de sal. — Virginia não era muito boa com medidas e acabava pecando pela falta. Elas funcionavam bem juntas na cozinha, Lídia tinha ideias e olho, a outra tinha disposição pra testar receitas e montar pratos bonitos.

— Pra mim tá... Experimenta. — Virginia estendeu a colher em sua direção e realmente estava bom de sal, mas o arroz não estava totalmente cozido.

— Oliver. — Disse Lída, lembrando em súbito do nome ao engolir.

— Isso! Oliver, que a pronuncia continua a mesma aqui e no Brasil, perfeito pro nosso filho.

— E se for menina? — Lída entrou na brincadeira, não era a primeira vez que falavam sobre uma realidade alternativa em que tinham uma família com crianças.

— Anna?

— Sem graça.

— Eva?

— Muito bíblico. Já basta minha mãe ter tirado todos os nomes dos filhos da bíblia.

— Verdade, tinha esquecido dessa fixação da tua mãe.

— Eu gosto de Julia.

— Julia... A gente devia anotar essas ideias.

Quando sentaram para comer, Virginia retomou o assunto, cruzando as mãos por cima do prato como que em prece.

— Eu tenho pensado sobre isso.

— Nomes de criança?

— Tu sabe o que eu quero dizer. Ter um bebê, começar uma família... Faz tempo que não falamos sobre o assunto.

— A gente não precisa de um bebê pra ser uma família. — Lída tinha a vaga lembrança de a última conversa entre elas ter terminado nesse consenso.

— Expandir a família então. É só um detalhe técnico, Líd.

— Não sei, Nina, eu já te disse que nunca pensei muito nisso. — Perdeu ali mais uma oportunidade de contar a Virginia sobre 1995. Ela sentia que estava mentindo, não apenas omitindo uma informação. Começou a comer o risoto sem vontade, só para manter a boca ocupada.

— Eu dei uma pesquisada, achei algumas clínicas de reprodução humana, tem uma muito boa perto do hospital e eu pensei em marcar uma consulta pra gente, a gente podia conversar com um especialista, só trocar uma ideia e aí ver como nos sentimos depois. — Ela esperou uma resposta, mas Lída mastigava, então continuou. — Entrei em contato com o banco de esperma daqui pra ver como funciona também, mas falei com a Bianca, lembra dela? Minha amiga da academia? Ela e a esposa tiveram bebê mês passado, ela disse que o banco de esperma da Georgia é o melhor e a clínica delas importa as amostras sem custo adicional, acho que eles têm uma espécie de convênio...

— Georgia, nos Estados Unidos? — Não era o que ela queria dizer, mas foi o que saiu. Era muita informação de uma vez só e Lúdia estava zozona.

— Isso, eles têm um aplicativo, com senha de acesso a gente pode ver as fotos dos doadores e todas as informações de saúde. Por um extra dá até pra ouvir a entrevista de anamnese e ler um texto de apresentação que eles mesmos escreveram. — Ela pegou o celular que estava virado para baixo no meio da mesa.

— Você baixou o aplicativo? — Lúdia largou o garfo na mesa.

— Não, não. — Virginia riu. — Eu ia abrir o site da clínica delas pra te mostrar.

— Nina, olha, eu... eu...

Virginia já tinha aberto o site e mostrava imagens de bebês e uma tabela de preços e no fim do jantar Lúdia não pode fazer mais nada além de concordar em pensar sobre o assunto. Ficou um mês com o eco daquela possibilidade na cabeça, na época ainda estava em terapia e levou o assunto para as sessões. Seus sentimentos estavam embaralhados porque os olhos de Virginia se ascendiam sempre que perguntava se Lúdia já tinha decidido alguma coisa. No espaço de um mês várias oportunidades se foram.

Aceitou marcar uma consulta com a clínica, conversar com o médico, Lúdia via aquilo como uma extensão do prazo pra uma resposta definitiva. Se a pergunta “você quer ter filhos?” viesse de qualquer outra pessoa, ela diria que não sem titubear.

Formigueiro – 08 de janeiro de 1995

Passou a noite acordada, o cansaço que sentia não era capaz de vencer a inquietude mental e Lúdia passou se revirando. Os irmãos tinham roubado o ventilador de novo e os lençóis se enleavam em seu corpo, o amontoado doía embaixo de suas costas, marcava sua pele. Sentou na cama e tentou respirar fundo algumas vezes, mas seu peito não enxia, o ar estava úmido e parecia grudar no nariz e na traqueia se condensando antes de chegar aos pulmões. Abriu a janela e esperou por uma brisa, uma insinuação qualquer do vento, que não veio. O desconforto físico impedia que relaxasse, mas ela tentou ficar quieta, deitando no chão como na noite anterior, aproveitando o alívio da cerâmica antes que ela também se tornasse um estorvo.

Sua mãe abriu a porta do quarto antes das seis, o sol nem começava a nascer e Miriam juntava roupas da filha dentro de uma bolsa de viagem. As roupas colocadas de qualquer jeito se amassavam, Lúdia percebeu quando a mãe hesitou ao tirar uma jaqueta do cabide. Quanto tempo ela passaria fora? Lúdia não fazia ideia de pra onde ia e do que iria acontecer com ela e com o bebê. Qualquer pergunta que fizesse seria respondida com grosseria e ela só queria dormir. Estava exausta.

— Vê se falta alguma coisa, pega a mochila com escova de dentes e algo mais que tu queira levar.

— Aonde a gente vai?

— Tu vai tirar umas férias.

Saíram de casa no carro do pai, um Tempra azul marinho com manchas craqueladas de barro nas portas. Lúdia se perguntou se ele sabia o que a mãe estava fazendo, se concordaria.

Esperava alguma espécie de viagem, sair da cidade, ser deixada na casa de alguma tia, ou até um convento, mas não. Atravessaram o centro de Formigueiro e pararam duas quadras depois. A jornada de carro não durou mais que cinco minutos. Lúdia saiu confusa atrás da mãe, que entrava no Asilo Sol Poente com a mesma determinação com que no dia anterior marchara para dentro do puteiro.

Uma mulher loira com olhos azuis pequeninhos as recebeu passando o portão. Ela não sorriu e nem cumprimentou as duas, apenas fez um gesto silencioso para que a seguissem. Passaram por um corredor vazio e desceram uma escada que dava para um

outro corredor igual ao de cima, mas menos silencioso. Pessoas gemiam e tossiam e podia-se sentir o cheiro estéril de álcool mascarando uma mistura de mofo e urina. Passaram pelo que parecia ser um refeitório, entraram em uma despensa e então mais uma porta que dava para outro lance de escadas. A mulher esperou que Lídia tomasse a frente e então fechou a porta atrás delas. Não havia uma chave, mas Lídia sentiu como se tivesse sido trancada.

O cheiro de álcool e urina ficou no andar de cima. Aquela parte da casa cheirava a umidade e poeira, mas era fresca, como se houvesse um ar condicionado central. Estavam em um grande espaço aberto com uma mesa dobrável ao centro, cercada por cadeiras também dobráveis. Contra as paredes havia uma pia com louças lavadas em um escorredor, três congeladores e uma geladeira que zunia.

— Os quartos ficam pra lá, mas só abrimos a porta as sete. — A mulher tinha o sotaque forte de descendente alemã. — Não somos um hotel, então você vai ajudar com algumas tarefas. Temos dois quartos aqui embaixo, um para os meninos e um para meninas. Acordamos as oito e desligamos a chave as nove. Você vai poder circular no pátio de baixo e usar a sala de TV do primeiro piso. O segundo piso é restrito aos idosos.

Lídia ouviu as sílabas todas e disse que sim, que entendia, mas não sabia ao que estava respondendo. Olhava para as janelas no alto das paredes, por uma delas passava um tufo de grama. Ela se sentia descolada de si mesma, como se estivesse olhando para aquilo tudo de fora da janelinha. A mãe falava do tempo da estadia e ela queria saber, mas não conseguia ouvir. Os lábios da mãe se moviam, mas ela estava distante demais para assimilar.

O dia passou dessa forma, Lídia olhando para si mesma através da janela do porão. Ficou sentada no mesmo lugar a mesa até que uma moça perguntou se ela não precisava ir ao banheiro e ela percebeu que sim, precisava. Enquanto fazia xixi tudo passou pela sua cabeça como um filme acelerado, a moça que falara com ela chegando e preparando um café, a mãe indo embora, apertando seu braço em despedida, cinco pessoas saindo de onde ficavam os quartos, gritos e alguém falando com ela sem que ela desse atenção.

Saindo do banheiro, seguiu para os quartos com a mochila num ombro e a bolsa das roupas no outro. A porta da esquerda estava entreaberta e ela tinha experiência o bastante com seus irmãos para saber que aquele era o quarto dos meninos. A da direita estava fechada, mas ela abriu com cuidado, tentando não fazer barulho caso alguém estivesse dormindo lá dentro. Não tinha ninguém. Três camas enchiam o quarto, duas de frente para a porta, outra virada no comprido, com a lateral encostada na parede e sem

cabeceira. O cobertor amarelo dobrado com um travesseiro em cima indicava que aquela era a sua nova cama. As outras duas pareciam ocupadas e Lídia buscou na memória a imagem das pessoas que saíram do quarto mais cedo, tentando identificar quem estaria dividindo o quarto com ela.

Não conseguia lembrar. Estava cansada demais. Empurrou a bagagem para baixo da cama, não querendo mexer na cômoda para descobrir se havia espaço para ela, também não fazia ideia de quanto tempo ficaria naquele lugar. Esperava que fosse pouco. Só alguns dias pra eu poder contar pro teu pai, tinha dito a mãe. Deitou na cama com as costas viradas para o quarto, encarando a parede, um braço embaixo do travesseiro, a mão livre foi parar em um gesto automático, dentro da calça, entre o umbigo e a pelve.

Foi bom dormir no primeiro dia, porque aprendeu mais tarde que as noites no asilo eram movimentadas. Acordou quase as oito da noite com o barulho de passos no andar de cima, gritos no quarto ao lado e a sensação de estar sendo observada. O travesseiro que antes abraçava havia caído no chão, problema recorrente graças a falta de cabeceira da cama. Seu pescoço doía, bem como um ponto bem no meio do peito. Lídia girou o corpo, sentando e espichando os braços, tentando aliviar a pressão no peito, a dor vinha em fisgadas a cada movimento.

Uma menina de olhos puxados e cabelos castanhos escorridos estava empoleirada no pé da cama mais perto da porta. Ela falou alguma coisa que Lídia não entendeu, parecia que tinha a língua presa. Ajuntando o travesseiro, Lídia parou na frente da menina pra tentar entender o que ela dizia. Olhando de perto percebeu que ela tinha síndrome de Down. Tinham estudado sobre isso no colégio, mas ela nunca tinha visto alguém que tivesse a doença pessoalmente. Na parede ao lado da cama da menina havia uma folha de ofício com o nome Denise escrito em giz de cera.

— Ela quer saber quem tu é. — Uma outra menina entrou no quarto, ela respirava pesado, como se estivesse com dor, ou muito cansada. Vestia uma camiseta larga e Lídia demorou um segundo pra notar que estava grávida também. Pareciam ter a mesma idade, mas ela já estava mais avançada, Lídia não sabia precisar o quanto.

— Lídia. — Ela respondeu olhando para a grávida.

Denise falou mais alguma coisa.

— Oi?

Ela repetiu mais alto e quando Lídia fez que não com a cabeça, porque era muito difícil entender, Denise revirou os olhos e cruzou os braços. Lídia não sabia se deveria

tentar de novo, ou pedir desculpas. Olhou para a grávida que massageava o próprio pé com certa dificuldade.

— É normal. Daqui uns dias tu se acostuma. — Lídia queria perguntar ‘se acostumava com o que?’, mas ficou quieta. O peito ainda doía. Saiu do quarto para os gritos que preenchiam o corredor, a porta dos meninos estava aberta e ela podia ver que um deles, muito novinho, chorava enquanto um mais velho gritava e um terceiro cobria os ouvidos com as mãos. O barulho dos gritos era menos pior na sala onde havia sentado ao chegar. Encontrou um copo em meio as louças na pia e tomou água da torneira. Alguém corria no andar de cima, barulhos de coisas sendo derrubadas e gritos – um pouco mais coerentes – vinham de lá também.

Ela se encolheu na cadeira, segurando o copo com as duas mãos. Tinha a sensação que o barulho era contagioso como uma doença, porque quanto mais aumentava o volume da correria do andar de cima, mais desesperados se tornavam os gritos do rapaz no quarto e ela tinha a impressão que uma das meninas tinha se juntado a ele, competindo para ver quem conseguia emitir o som mais estridente. A dor no peito subiu para a cabeça e então com um estalo, as luzes se apagaram.

Caxias do Sul – 2 de outubro de 2006

Estava andando pela avenida principal da cidade à noite, tudo estava vazio e fechado, as lojas com grades abaixadas, as janelas gradeadas do Hospital Pompéia estavam todas escuras, Alana estranhou essa escuridão interna, por mais tarde que fosse, sempre havia uma luz acesa em algum lugar. Conhecia insônia, já tinha visto em filmes e a mãe que cuidava dela sofria disso as vezes, seus passos pela casa acordavam Alana, que tinha um sono leve. Continuou caminhando, fazendo o roteiro familiar rumo ao bairro de Lourdes onde morava. A pé, sozinha, no escuro.

O primeiro foco oscilante de luz a fez perceber que sonhava, um prédio que ficava perto da praça irrompeu em chamas e ela estava a apenas uma quadra de distância. Apesar do perigo do fogo, continuou seguindo seu caminho e a cada passo que dava, um novo foco de incêndio começava. Às vezes acontecia de ela perceber que sonhava dentro do sonho, mas isso não lhe dava poder algum sobre o que acontecia. Não tinha controle sobre as suas ações, nem conseguia mudar o rumo da narrativa desenvolvida pelo seu cérebro. A única coisa que mudava nos sonhos lúcidos era a variante do medo. Como esse sonho em particular, andar pela avenida que queimava não lhe causava medo, mas fascínio. Era quase bonito, todas aquelas luzes. Olhou para trás e os prédios as suas costas brilhavam em linhas incandescentes. Apesar do fogo, não havia fumaça, apenas cinzas que caíam devagar como uma garoa fina.

Estava quase chegando ao colégio onde estudava quando as cinzas se tornaram neve e o tempo parou. As labaredas nas casas congelaram, de fora para dentro o fogo se extinguiu, mas as formas permaneceram como raivosas estátuas de vidro. Um avião de gelo passou zunindo logo acima de sua cabeça, o som que vinha dele não era o de turbinas, ou roncos de motor, mas sim gritos humanos, diversas vozes misturadas gritando em desespero.

Alana tinha sonhos vívidos desde pequena. Marisa sempre dizia que ela era um bebê de sonhos inquietos, que resmungava e chutava e se mexia. Falava dormindo desde que aprendera a falar. Ela quase sempre lembrava dos sonhos nas primeiras horas da manhã e tinha um caderno onde deveria anotá-los, mas tinha preguiça de escrever, preferia ficar deitada e tentar evocar o máximo de detalhes possíveis, como se estivesse vendo um filme.

Naquela segunda feira acordou com frio, a lembrança da neve ainda real em seu corpo, esfregou as mãos geladas no rosto e rolou de barriga para baixo, deixando que o sonho se dissipasse no calor dos lençóis, no cheiro de café passado vindo da cozinha. Os gritos do avião de gelo pareciam reverberar dentro do seu travesseiro, será que pessoas que morrem em acidentes tem tempo de gritar?

Toronto – 2017

A primeira consulta foi uma conversa, como Virginia havia prometido. E Lídia soube quando saíram da clínica que voltariam em breve. Era importante para ela ver Virginia feliz e se pensasse em retrospectiva, não via sua esposa sorrir tanto desde o casamento. Naquela noite, então, deu a resposta mais próxima de um não que conseguiu pensar.

Estavam deitadas na cama e Virginia puxava o assunto da consulta, o que você achou? o médico pareceu simpático, né? mas gostaria de ser atendida por uma mulher se a gente decidir continuar, vi que tem duas no quadro de funcionários pelo site. A conversa era quase unilateral, Lídia concordava ou fazia pequenos comentários como que era sim interessante e sim, também preferia uma médica.

Virginia a abraçava passando uma perna por cima de seu quadril, espalhava beijos por seu ombro e contornava o osso de sua clavícula com o indicador.

— Eu fiz alguns cálculos hoje no horário de almoço e estamos num momento financeiro muito bom pra seguir com isso, Líd. — Ela desceu o dedo, puxando o lençol para baixo e descobrindo o seio de Lídia.

— Tu quer mesmo isso? — Seu tom de voz era um suspiro.

— Sim.

Lídia levantou o corpo com o cotovelo e olhou para Virginia, os cabelos dela estavam espalhados por todos os lados, tirou com o mindinho um cacho que entrava na boca. Olhando para ela naquele momento, pensou que talvez tudo ficasse bem. A ideia de ter um filho com Virginia fazia algo com ela, seu estômago parecia flutuar dentro da barriga, como quando descia um morro íngreme de carro, ou andava de montanha russa. A sensação era boa e ruim ao mesmo tempo. Lídia costumava confiar nos instintos que tinha, mas naquela noite, não conseguia interpretar o que eles lhe diziam. Queria que Virginia fosse mãe, só não sabia se queria ser também, então definiu:

— Eu só não quero engravidar. — Lídia viu os olhos de Virginia se encherem de água e sentiu um nó na própria garganta. — Eu te amo, tá?

Virginia fez que sim e abraçou seu pescoço, puxando o corpo de Lídia por cima do seu.

Foram 5 meses entre a consulta inicial e a primeira inseminação. Virginia fazia todo o tipo de exame, de hemogramas simples e testes ginecológicos até exames genéticos pra avaliar probabilidades de bebês síndrômicos e outros tipos de doenças que ela poderia passar de forma hereditária. Comprar uma criança era caro. Lídia se sentia mal ao pensar dessa forma, mas era automático e era exatamente isso que estavam fazendo, comprando uma criança. Era a coisa mais estranha olhar para os catálogos de bancos de espermatozoides como se estivesse fazendo compras na Amazon.

Mas essa rotina de estudar doadores ocupou suas noites. Já não saiam mais com amigos, nem iam jantar fora. Quase não assistiam filmes ou liam antes de dormir, todo o tempo livre que tinham juntas era dedicado a encontrar o homem ideal em um catálogo e os catálogos vinham nos formatos mais aleatórios.

A maioria era online e bem fácil de acessar, o do banco canadense era o mais feio de todos, na opinião de Lídia. Parecia uma planilha de Excel e não havia fotos dos doadores, mas sim desenhos como retratos falados, o que dava a sensação de que estavam comprando espermatozoides de um procurado pela polícia. Virginia concordava, brincava que era a versão velho oeste dos catálogos.

Um banco em Vancouver mandou pelo correio uma brochura com dados de alguns homens que parecia o menu de um restaurante chique, elas concordaram que aquele formato era bizarro:

— Doador L085, envelhecido por 28 anos em Alberta. — Lídia lia com um sotaque britânico forçado. — Toques de insuficiência renal por parte do avô, acompanha diploma em ciências biológicas.

Virginia ria e escondia o rosto atrás de um panfleto. Lídia fechou a brochura e olhou para sua esposa na outra ponta do sofá.

— Se existisse um restaurante especializado em canibalismo, esse seria o cardápio.

— Seria um restaurante canibal misandrico?

— Exato, as mulheres governariam a cozinha e seriam a clientela mais assídua.

— Que horror! — Virginia continuava rindo, choque fingido em sua voz. — Mas certo que um restaurante assim faria sucesso.

— Dá pra expandir a ideia e transformar num parque temático. Patriarcado: Ascensão e Queda.

A busca pelo doador era a parte mais leve do processo. Elas riam e brincavam e separavam os homens que mais gostavam em um arquivo de prints no computador. O

melhor dos bancos era realmente o da Georgia com o aplicativo que parecia um Tinder. Jogavam para a direita as fotos que gostavam, para a esquerda as que não interessavam e um algoritmo cruzava as fotos escolhidas com os pré-requisitos que elas definiam ao fazer o cadastro. No final o aplicativo gerava uma lista de candidatos ideais que elas podiam explorar, eles disponibilizavam até fotos dos doadores quando crianças.

Depois de três meses chegaram a um gargalo de quatro doadores de que gostavam. O critério principal, dizia Virginia, era saúde, mas no fundo se preocupava com a aparência deles, queria alguém que se parecesse com Lídia, tinha eliminado candidatos muito bons com base na cor dos olhos e até pela formação acadêmica.

— Eu não acho que ter cursado engenharia seja um fator tão importante. — Lídia comentou, olhando para a foto de um homem moreno, de olhos verdes como os dela, mas com um grande sorriso falso no rosto que a desagradava. — E engenharia de produção é uma área completamente diferente da minha.

— Ok, podemos descartar ele, então. — Virginia moveu o arquivo dele para a pasta dos não, sobravam três possibilidades. Elas tinham até feito aqueles testes que se acha na internet que misturam as feições de duas pessoas para criar um bebê. Lídia não tinha grandes expectativas com relação ao doador, todos pareciam boas opções, saudáveis, inteligentes, caindo no padrão clichê de homem moreno de olhos claros.

O que mais a intrigava era a variação de preços entre os três. Cada um associado a um banco diferente, o mais barato custava 695 dólares. Será que fazia diferença? Será que os 830 do banco de Seattle tinha mais chances de funcionar do que o da Georgia que custava 100 dólares a menos?

— Quem será que atribui um valor pra esse esperma todo? — Ela perguntou, usando o tab no teclado para passar de um arquivo para outro. — Por que alguém doa esperma? Tu já pensou nisso? Será que eles ganham uma porcentagem em cima do valor? Todos eles têm diploma de nível superior, nenhum parece estar tão desesperado por dinheiro a ponto de ter que fazer uma coisa dessas.

— Talvez eles queiram ajudar pessoas tipo a gente. — Virginia deu de ombros.

— Eu acho meio suspeito.

— Tu doaria sangue?

— Sim, óbvio.

— Não é a mesma coisa?

Lídia fez uma careta e virou a cadeira para Virginia. — Não. Nem um pouco.

— Porque não? São fluidos corporais que tu está doando pra ajudar outras pessoas.

— Se tu sofrer um acidente algum dia não vão pedir uma bolsa de esperma. Sangue parece mais indispensável, e normal.

— Essa comparação tá fora de contexto. Existem pessoas que precisam de sangue e existem pessoas que precisam de esperma, são coisas diferentes, mas as duas são necessidades válidas. E a gente procurando por um doador é a prova disso. — Virginia fez uma pausa, apoiando o queixo na mão e scaneando o rosto de Lídia com o olhar. — Tu ainda quer engravidar?

— Tu que vai engravidar. — Lídia respondeu baixinho.

— Eu odeio quando tu faz isso.

— De onde veio essa pergunta, Nina?

— Não sei, um *feeling*. Parece que a gente está se divertindo, mas às vezes me vem a sensação tipo um alarme disparando na minha cabeça, dizendo que tem algo errado.

Lídia deixou o silêncio se estender por cima de mais uma oportunidade de falar sobre suas dúvidas e sobre o motivo por trás delas. Voltou a olhar para a tela do computador e ampliou o arquivo do Doador T127, engenheiro ambiental, 33 anos, do cardápio de Vancouver.

— Esse é meu preferido.

A primeira tentativa foi em novembro de 2017. A médica que as acompanhava deixou claro durante as consultas que as chances acima da faixa etária dos 30 se tornavam menores a cada ano, tendo passado dos 34 e sendo uma mulher saudável, com condições uterinas apropriadas, Virginia tinha cerca de 28% de chances de conceber. Existia a possibilidade de realizar o procedimento em casa, outros casais lésbicos às vezes preferiam, havia até um kit especial para esses casos, mas Virginia não quis arriscar, tinha feito pesquisas e lido depoimentos online e se sentia mais segura na clínica.

— Eu não senti nada. — Ela comentou, ainda na cadeira especial, depois da inseminação. — Li que era assim, mas tava esperando sentir alguma coisa.

— Tipo o que? — Lídia estava sentada ao seu lado acariciando seus cabelos enquanto conversavam. Se sentia um pouco desconfortável com a situação, mas o afeto por Virginia lhe era tão familiar e reconfortante. Gostava dos momentos em que podia cuidar dela, normalmente o que acontecia era o contrário, Virginia e sua mania de cuidar das pessoas.

— Sei lá, um woosh. — Ela gesticulou uma explosão com as mãos. — Foi tão rápido.

O procedimento não tinha durado mais que alguns segundos: a médica entrou na sala sorrindo, preparou a seringa comprida e a inseminação acabou antes que tivessem tempo de processar o que estava acontecendo. Lídia pensou sobre sua primeira vez, e como também foi tudo muito rápido, como o avô roncava na outra sala e na dor repentina da virgindade se rompendo. Roberto em cima dela e pronto, devia ter durado menos de um minuto e foi o suficiente pra que ela engravidasse. Queria compartilhar aquilo com Virginia, mas o momento não parecia certo, então continuou mexendo em seus cabelos até receberem a liberação para ir para casa.

Formigueiro – 26 de janeiro de 1995

Com o tempo aprendeu que o asilo funcionava como um iceberg, o segundo piso, aquele por onde entrara com a mãe, era o que as pessoas viam quando passavam pela fachada. A cidade e Formigueiro era plana, com subidas e decidas leves, mas havia alguns barrancos e o asilo havia sido construído em um desses desníveis de terra. Dois andares, cada um com seu pátio próprio, e um porão.

O andar mais alto era visível para qualquer um que passasse pela fachada da casa. Ali ficavam os velhos mais bem cuidados, os que tinham a sanidade preservada e nenhuma deformidade física visível. No andar de baixo, ou primeiro piso, ficavam também velhos, mas os casos graves. Pessoas com demência senil, homens com raiva por não conseguirem usar o banheiro sem ajuda, uma senhora presa a um tubo verde de oxigênio, dois adolescentes com paralisia cerebral que tinham espasmos musculares violentos, uma senhora cega por causa da diabetes. Lídia aprendeu que gritos e passos no andar de cima significavam que alguém estava surtando.

Por fim havia o porão, a camada mais profunda do iceberg, onde ficavam as pessoas que não deveriam estar ali. Dois meninos com deficiência mental e o rapaz que gritava, que ela descobriu ser na verdade surdo. O nome dele era Jonas e ele não tinha noção do barulho que fazia. Ela sempre se assustava com suas vocalizações repentinas e rompantes de raiva por motivos que eram incógnitos porque ninguém na casa sabia se comunicar com ele. Havia Denise, que se assustava com os gritos e gritava também. Ficou mais fácil, depois de alguns dias, entender o que ela dizia, aprendeu que ela gostava de ficar na sala de TV do andar de cima assistindo à programação da Globo e muitas das coisas que falava tinham a ver com a realidade inventada das novelas. E então a própria Lídia e a outra menina grávida que se chamava Marina e estava em um constante estado de mal humor.

Marina estava no asilo fazia quatro meses e nunca tivera uma consulta médica para verificar se estava tudo bem com o bebê. Ela tinha olheiras profundas, a pele amarelada e reclamava de dor o tempo inteiro, dizia que não dormia porque o bebê se mexia e o movimento dele doía. Falava de como doíam os pés inchados e vermelhos, marcados pelas tiras dos chinelos. Talvez fosse de tanto ouvir Marina reclamar, mas Lídia

começou a sentir dores. Os enjoos diários passaram e deram lugar a uma pressão estranha e constante dentro da barriga, uma dor que repuxava no umbigo.

Era difícil ter uma noção de quantos dias haviam se passado desde sua chegada, não tinha recebido nenhuma notícia da mãe, nenhum telefonema ou visita. Às vezes tinha vontade de fugir no meio da noite, um plano muito executável em meio a cacofonia dos surtos, mas não tinha para onde ir. Não sabia se o pai permitiria que voltasse para casa, não tivera tempo de contar sobre a gravidez para o namorado e não conseguia nem imaginar qual seria a reação dele e da família. Uma das noites em que conseguiu cochilar, sonhou que escapava e a única pessoa que lhe oferecia ajuda era Marildinha, vestida com a camisola suja da guria que as recebeu no puteiro.

Fora incumbida da tarefa de lavar as loucas depois das refeições e se demorava todos os dias, brincando com a água e a espuma, lembrando de quando era criança e corria pelo quintal perseguindo bolhas de sabão que os irmãos mais velhos produziam. Ficava triste em pensar que nunca mais teria momentos como aquele, mesmo que voltasse para casa.

Muitas vezes se perdia em devaneios, a sensação de descolamento da realidade permanecia, como se estivesse vivendo a vida de uma estranha.

Formigueiro – 25 de fevereiro de 1995

Ainda estava no asilo quando sentiu o bebê se mexer pela primeira vez. Estava sentada em uma cadeira de praia no pátio de baixo, escondida da vista dos passantes. Lia pela terceira vez *A Casa Torta*, da Agatha Christie, um dos três livros que havia colocado na mochila quando a mãe lhe mandou pegar o que quisesse. Fazia sol, mas o calor era menos opressivo e ela não tinha um calendário para contar os dias, mas sabia que era final de fevereiro e que seu aniversário se aproximava, ou talvez até já tivesse passado. Outras pessoas ocupavam o pátio, dois senhores em cadeiras de rodas com rostos enrugados e muito parecidos viam o tempo passar ao seu lado e ela se perguntou se as pessoas do andar de cima recebiam visitas, porque nunca tinha visto ninguém além das cuidadoras abaixo do andar da fachada.

Estava pensando sobre isso quando sentiu um comichão estranho, algo se mover de um lado a outro em sua barriga. Se ergueu do encosto da cadeira, derrubando o livro no chão e levando as duas mãos ao ventre. Sentiu de novo o comichão e algo se mover sob sua mão esquerda. Sua respiração se tornou irregular e ela levantou, procurando o

pátio em busca de alguma das cuidadoras, ou Marina pra lhe explicar o que estava acontecendo, mas não encontrou ninguém, Marina estava na reta final da gravidez e quase não saía do quarto, passava as noites gemendo e se revirando e Lída sentia que por causa dela, não dormia há um mês.

Pensou que algo poderia estar errado, que talvez o bebê estivesse se apressando em sair, ou que ela tivesse comido algo de diferente. Talvez precisasse ver um médico, mulheres grávidas tinham consultas em hospitais, mas ela não tinha feito nenhum exame além do xixi no pote dentro do banheiro de Marilda, mas aquilo não contava. Quando estava entrando na casa, a dona do lugar chamou seu nome e Lída parou aliviada, pronta para contar o que estava sentindo.

— Pode ir buscar tuas coisas, tua mãe está vindo te pegar.

Lída, que ainda tinha a mão esquerda plantada firme logo acima do umbigo empacou ao fechar a porta.

— O que?

— Vamos, vai juntar tuas coisas.

Ela desceu até o porão e tirou a mochila de baixo da cama, não tinha desfeito a mala, tudo o que precisava tirava de dentro dela e depois guardava de volta. Denise tinha a mania de mexer nas coisas dos outros quando elas ficavam a mostra.

— Onde tu vai? — Marina estava deitada meio de lado, o travesseiro que deveria ser de Lída servindo de suporte para suas costas.

— Embora.

— Sortuda.

Lída discordava, mas não falou nada. Apesar da convivência, não tinha criado nenhum vínculo com as pessoas do asilo, aquele lugar não servia para amizade e companheirismo, era um depósito. E ninguém tinha ânimo de conversar e compartilhar histórias, ela própria passava os dias esperando que a vida voltasse ao normal. Não se despediu de Denise, nem das cuidadoras, sua mãe a esperava ao pé da escada quando ela saiu do quarto. Miriam pegou sua mala, carregando-a para cima, o que Lída estranhou, mas deixou quieto.

Ela não abraçou sua filha, nem pediu desculpas pelo tempo sem notícias. Jogou a sacola de roupas no banco de trás do Tempra e só falou com Lída quando o carro estava em movimento.

— Feliz aniversário.

Caxias do Sul – 3 de outubro de 2006

Ciências era sua matéria preferida e Alana esperava ansiosa pelo ensino médio, quando química, biologia e física seriam disciplinas separadas, o que significava mais de três períodos por semana, que era o que tinha de ciências na quinta série. O laboratório de ciências do colégio era muito legal, com animais empalhados, microscópios onde eles tinham visto células raspadas das próprias bochechas e descoberto seu tipo sanguíneo misturando reagentes com gotinhas de sangue em placas de vidro. Ela ainda não tinha certeza do que queria fazer quando crescesse, mas sempre que um adulto perguntava, dizia que queria ser médica. Não para cuidar das pessoas, como a maioria dos colegas respondia, mas pela curiosidade que sentia pelo corpo humano.

A escola possuía dois esqueletos iguais pendurados lado a lado em suportes metálicos. A professora os chamava de Frederico e Fernanda, mas na realidade deveria ser Frederico e Fernando, por que segundo o atlas de anatomia que Alana adorava, nenhum dos dois tinha uma pelve feminina. Já fazia tempo que ela havia reparado no erro da professora, tinha inclusive questionado a respeito e a professora explicou que o que importava era que por dentro todo mundo era igual, o que não era cem por cento verdade do ponto de vista anatômico, mas Alana entendia que uma pilha de ossos era uma pilha de ossos.

Talvez virasse ortopedista quando crescesse, que nem o médico que a atendeu quando caiu de patins e quebrou o pulso na quarta série. Ela se perguntou qual seria a temperatura necessária para derreter ossos humanos, será que derretiam, ou queimavam como madeira? Será que faziam algum som, como o estalar da lenha dentro do fogão da avó? Olhou para Frederico e Fernanda com interesse renovado e tentou imaginar como eles seriam se tivessem carne por cima dos ossos. Será que o esqueleto de uma pessoa magra era igual ao de uma pessoa gorda? Será que os ossos do pai que não conhecia eram como aqueles?

E será que restara mais do que ossos das pessoas que estavam no avião? Como iam saber que osso era de quem? E se enterrassem alguém errado? Faria diferença? E se confundissem uma parte de seu pai com outra pessoa? De repente o pai que imaginava morto e queimado já não era mais Roberto Homem, mas sim Leonardo. E se fosse o pai

que ela amava naquele avião? Se colocassem os ossos de Leonardo do lado dos de Roberto ela saberia a diferença?

Respirar ficava mais difícil a cada pergunta que pipocava em sua cabeça, como se suas costelas estivessem sendo apertadas, um lado da caixa torácica se sobrepondo ao outro, comprimindo pulmões e coração até que não sobrasse espaço pra mais nada. Tiveram que ligar para seus pais e a coordenadora segurou sua mão até sua mãe chegar.

Toronto – 2017/2018

A primeira inseminação foi o início de uma trilogia. Lidar com a expectativa de algo que teria um impacto tão grande em suas vidas não era simples, mesmo sabendo das chances reduzidas e que uma gravidez na primeira tentativa era luxo para poucos. Virginia leu sinais positivos em tudo o que lhe aconteceu durante a semana entre a inseminação e o exame de gravidez. Algumas horas depois já começou a apresentar sintomas como se estivesse interpretando um manual diagnóstico, desejos, sensibilidade, coisas que na vida real não começavam antes de algumas semanas. Até o fato de o gato escolher dormir do lado dela na cama por quatro dias seguidos, ou como o olhar dos bebês que atendia no consultório estava diferente tinham um significado maior.

Lídia, agoniada, fez horas extras no escritório, aumentou a assiduidade na academia de zero para todos os dias em uma semana, tentando lidar com a própria ansiedade enquanto Virginia afirmava saber que nada daquilo fazia sentido, mas que tinha um *feeling* de que estava grávida. O que mais assustava Lídia era sua própria confiança nos *feelings* de Virginia.

O negativo veio com desapontamento e alívio. Dentro das possibilidades negativas, era a menos pior, a concepção falhou, não houve aborto, sangramento, gravidez nas trompas. Era um não comum, disse a médica, antes de marcar uma revisão para o próximo mês, que levou a segunda tentativa em janeiro.

As expectativas de Virginia continuavam gigantescas, porém havia um novo cuidado no jeito como ela falava sobre a situação. Apresentava para cada sensação um contraponto que anulava o sentido.

— Estou com desejo de milk-shake. — Ela anunciou as 4 da manhã no final de semana. Vinha tendo dificuldades para dormir que contagiavam Lídia e as duas passavam a madrugada rolando na cama, levantando para ir ao banheiro, falando sobre Ravióli que de fato andava mais apegado a Virginia desde novembro.

— São 4 da manhã e está fazendo 18 graus negativos. — Lídia respondeu depois de conferir no celular, jogava Candy Crush virada de costas para Virginia por causa do cabo do carregador.

— Acho que deve ter algo de errado com a calefação.

— Tu tá com calor? — Lídia virou um pouco o corpo, que estava coberto até o nariz por uma colcha.

— Não... Só não parece estar tão frio assim.

— A gente pode procurar um lugar que esteja aberto agora, Mc Donalds 24 horas.

— Ela fechou o jogo e abriu um aplicativo de entregas.

— Não, deixa, não é nada de mais.

Um dia antes da consulta para o exame, Virginia ligou durante o trabalho avisando que não se sentia muito bem. O resultado negativo veio antes da visita a clínica com um sangramento naquela noite e Lídia não soube o que fazer, nem como confortar Virginia, que se trancou no banheiro por quase duas horas. Então decidiram esperar um pouco mais pela terceira tentativa.

Fizeram em maio e a sensação de entrar na sala de inseminação com sua cadeira alta e com apoios para as pernas já estava se tornando rotina. Lídia sentou no mesmo lugar de sempre, escorou a cabeça perto da de Virginia e segurou sua mão durante o processo. Não houve comentários sobre como foi rápido, nem uma troca de olhares significativa. Lídia pensou em casais heterossexuais que tentavam engravidar e se eles atribuíam ao sexo aquele sentimento de protocolo que vinha com cada visita a clínica.

As relações de intimidade entre ela e Virginia eram nulas naquele momento, se transavam era mais por obrigação do que por vontade e já fazia meses que dormiam na mesma cama sem ter quase nenhum contato físico. Sobre as expectativas da terceira vez, Virginia não mencionou nada, não agia como se estivesse tentando engravidar. Seguiu trabalhando e lendo seus artigos e passando até mais tempo que o normal com o nariz colado no iPad, em compêndios médicos ou vendo Netflix sozinha no escritório que dividiam no segundo andar da casa.

Lídia ficava mais horas no trabalho, voltando sozinha de ônibus para casa, com fones de ouvido e se sentindo como uma adolescente. Sempre que estava em casa tinha lampejos do passado, da época logo depois de engravidar, quando seus pais mal lhe dirigiam a palavra e ela também não tinha o que dizer. Essas viagens noturnas de ônibus lhe renderam a gripe, ou talvez fosse também um produto somático de todo o estresse de ver seu casamento degradingolar e guardar coisas para si.

As ebulições do passado e o mal-estar da gripe que culminaram na dissociação que a levou até o aeroporto no domingo antes da consulta abriram também uma nova janela de oportunidades para falar sobre como se sentia e sobre o verão de 1995. Enquanto

elas aguardavam na sala de espera da clínica, Lídia estudava a mão de Virginia tentando absorver todos os detalhes possíveis da pessoa que mais sentia medo de perder.

Toronto – 21 de maio de 2018

— 11 dias, já. — A médica sorria para elas por trás de sua mesa. Nas outras vezes as reconsultas haviam sido marcadas no espaço exato de uma semana após a inseminação, mas daquela vez ocorreu uma emergência no trabalho de Virginia e elas tiveram que reagendar. — Como você está?

— Bem. — Virginia respondeu, descruzando as pernas e se inclinando para frente na cadeira.

— Algum sintoma, sangramento, sensação fora do padrão? — Ela preenchia uma ficha branca com letras cor de rosa.

— Não. Dessa vez eu não senti nada. — A voz dela soava pequena, sentir nada a preocupava, Lídia sabia.

— Bom, você fez a coleta de sangue agora pouco, mas vamos conferir com o ultrassom. — Tinha funcionado assim das outras vezes também, coletava o sangue por protocolo, mas o exame que determinava qualquer coisa era a ultrassonografia.

Lídia sentou um pouco mais perto de sua esposa durante o exame, a sala foi preenchida por ruídos internos, sombras de órgãos na tela a sua frente não diziam nada. O sorriso no rosto da médica diminuiu um pouco e ela suspirou, estendendo uma toalha descartável para Virginia se limpar.

— Vamos conversar na outra sala.

Lídia nunca tinha prestado tanta atenção no consultório como naquele dia, observou que tudo na mesa da médica vinha em pares, exceto pela plaquinha metálica com seu nome gravado em dourado. Havia duas canetas sem tampa, dois *pen drives*, duas caixas de óculos abertas, um dos óculos no rosto da médica, outro no bolso do jaleco. Tinha também duas tampas de garrafa, mas nenhuma garrafa a vista e um par de cactos ao lado do computador, na frente de um conjunto com duas bolas de meditação dentro de um estojo forrado com seda. Era um espaço bagunçado dentro de um ambiente de modo geral estéril – em vários sentidos – e a desordem da mesa fez com que Lídia gostasse um pouco mais da Dra. Alice.

— Queria muito poder dar uma notícia boa pra vocês hoje. Sei que esse processo todo é cansativo e complicado. — Ela tirou os óculos e apoiou uma perninha na boca. — Já tive casos que só tiveram sucesso depois de anos de tentativas, mas não é todo mundo que decide insistir na inseminação depois de tantos negativos. Três vezes ainda é um número baixo, dentro da minha experiência.

— Eu li que muitas vezes tem a ver com a idade. Ou pode ser alguma outra coisa? — Virginia parecia mais tensa do que triste, a coluna perfeitamente reta, pernas e braços cruzados.

— Os teus exames estão todos em ordem, você nunca fez uso de anticoncepcionais, o que é positivo. Em teoria o único fator que atrapalha é sim a idade, mas temos clientes que engravidaram com mais de 45 anos. É muito subjetivo. — Ela olhou de Virginia para Lídia. — O que funciona com uma família pode não funcionar para outra, infelizmente trabalhamos com tentativa e erro e se o erro se repetir muitas vezes, podemos explorar outras opções.

— E quais seriam as outras opções?

— Bom, o que eu costumo sugerir em casos como o de vocês é passar da inseminação para fertilização *in vitro*.

— Mas aí o tratamento é outro, não é?

— Sim, você passaria por outra bateria de exames e então teríamos que iniciar um tratamento hormonal pra induzir ovulação, coletar os óvulos, fecundar e implantar os embriões. Parece complexo, mas é bem comum, você sabe. — Ela sorriu para Virginia, que sabia sim, vários pacientes seus só existiam por causa de tratamentos de fertilidade como aquele.

— Mas o que você aconselha? Devemos tentar mais uma vez a inseminação? E quais os custos da fertilização *in vitro*?

— Como eu disse, alguns casais persistem com a inseminação e tem sucesso depois de várias tentativas, depende de vocês. Também existe a chance, e isso acontece com casais do mesmo sexo, mulheres, no caso, às vezes as parceiras revezam.

Lídia abriu a boca para responder, sentindo frio repentino, mas Virginia raciocinou mais rápido.

— Não, já decidimos faz tempo. Lídia não quer engravidar.

— Sim, só comento para que vocês estejam cientes dessa opção. — Ela abriu uma gaveta e tirou um folder de dentro. — Aqui temos algumas informações sobre a

fertilização *in vitro* e os valores da clínica. Como você já é paciente, toda a taxa de inclusão e os exames iniciais não são necessários.

Virginia pegou o folder e guardou na bolsa sem dar muita atenção.

— Vamos deixar agendada uma consulta de acompanhamento para daqui duas semanas. Até lá vocês podem conversar e decidir qual será o próximo passo.

— Certo. — Virginia levantou, abraçando a bolsa contra a barriga.

Quando Lídia apoiou a mão na mesa para levantar também, Virginia já tinha saído da sala. Dra. Alice apertou sua mão com empatia.

— Eu sinto muito.

Caxias do Sul – 3 de outubro de 2006

Alana pediu para a mãe se podia ver as coisas da pasta alaranjada e a mãe concordou com um olhar de preocupação. Tirou a pasta de dentro da gaveta onde guardava roupas íntimas, abarrotada de meias e calcinhas. Alana espalhou tudo por cima da cama dos pais, todas as evidências de seu nascimento em Formigueiro cabiam no espaço de um olhar. Ela pegou a foto com as duas mãos e sentou no chão entre a cama e a parede, deixando as pernas se estenderem embaixo do estrado. Marisa sentou com ela, passando um braço por seus ombros.

A foto mostrava duas pessoas muito novinhas, Roberto Homem não era muito diferente da pessoa que ela tinha visto no site da Zero Hora alguns dias atrás. Baixinho, orelhudo, a principal diferença era a inflamação no rosto no lugar das cicatrizes, manchas vermelhas de tanto apertar, e uma magreza adolescente de quem acabou de ter uma estirada de crescimento. Ele sorria, mas parecia triste, não olhava para a câmera, mas sim para algo além dela, provavelmente Marisa, que uma vez se proclamara autora da foto.

A menina ao seu lado era mais alta que ele, pelo menos uns 5 centímetros, tinha olhos verdes que contrastavam de um jeito bonito com cabelos pretos como os de Alana. Ela olhava direto para Alana de dentro da foto, sorria com a boca fechada parecendo abatida, os braços pendiam cansados para baixo e as costas da mão dela encostavam no pulso de Roberto. Se não soubesse que eram seus pais, ela não diria que eles algum dia tinham sido namorados.

Apesar de saber que quando nasceu eles estavam separados, Alana sempre imaginou que quando os conhecesse, eles estariam morando na mesma casa, casados, mas sem filhos. Tinha sido uma surpresa para ela ver que o nome da esposa de Roberto era Paula e não Lúcia. Perguntou para a mãe onde estava Lúcia, mas Marisa pediu desculpas, queria muito saber, mas não sabia.

E se eu quiser conhecer ela? Alana seguiu perguntando sem ter certeza se queria mesmo, mas sentindo que talvez devesse, antes que algo acontecesse com ela também. E a mãe disse com o sotaque de um estado não descoberto que precisava ser sincera e não achava uma boa ideia. Mãe e filha olharam para a foto com a mesma expressão obstinada no rosto e se alguém entrasse no quarto naquele momento provavelmente duvidaria que

Alana e Marisa não eram filha e mãe biológicas. A convivência funciona tanto quanto a genética em fazer duas pessoas se parecerem.

Alana não sabia se queria ou não conhecer aquela menina da foto que devia ser uma mulher àquela altura, mas sabia que queria se despedir do menino e talvez a menina estivesse lá, se despedindo também. Se houvesse um velório quando achassem o corpo, será que ela poderia ir? E de novo Marisa respondeu que não achava uma boa ideia, mas que podiam conversar sobre aquilo quando Leonardo voltasse do trabalho.

Toronto – 21 de maio de 2018

Lídia ainda precisava terminar algumas coisas no escritório, mas se sentia mal em deixar Virginia, que tinha liberado a agenda pelo resto do dia, sozinha em casa. Estacionou na frente da garagem e desceu com ela.

Virginia estava séria e continuava tensa, a expressão tão rígida fazia seus lábios quase desaparecerem em uma linha reta. Ela foi direto para o banheiro e Lídia subiu para pegar o livro de economia sustentável na prateleira. Podia aproveitar o tempo no escritório para resolver a passagem aérea. Antes de sair novamente, bateu com as juntas na porta do banheiro, o som foi muito suave, ela pensou que Virginia não tinha ouvido, mas a porta se abriu antes que tivesse a oportunidade de bater de novo.

— Tá tudo bem?

— Não Lídia, não tá tudo bem. — Virginia tinha lavado o rosto e gotas de água pingavam de seu queixo e da ponta dos cabelos. Ela não era dada a grosserias e o tom com que falou pareceu inapropriado vindo de sua boca.

— Eu posso...

— Só quero ficar quieta agora. Depois a gente conversa.

Lídia poderia ligar para o trabalho e terminar as coisas de casa, mas não saberia o que fazer se ficasse. Ela costumava conhecer Virginia tão bem, houve uma época em que as palavras certas apareceriam em sua cabeça e tudo se acalmaria, mas antes não existia desconexão entre elas. Agora eram páginas diferentes de um mesmo livro, separadas por dezenas de capítulos.

Abriu a torneira para o gato que havia se metido na pia do banheiro, se demorou por alguns minutos e então saiu.

Ligou o computador de mesa no trabalho e tirou a passagem aérea de dentro do livro enquanto o sistema operacional carregava. Algumas letras já tinham se apagado nas dobras amassadas do papel, tinha sorte de o voo ser na quarta-feira e não no domingo passado, ainda havia esperanças de conseguir fazer alguma coisa para cancelar a viagem.

You are defenseless anunciou uma janela vermelha que subiu no canto direito da sua tela enquanto o navegador se abria sozinho, iniciando um mecanismo de busca que ela nunca utilizava, três abas abertas sugeriam *Ask for help* na parte superior. Lídia não

acreditava em sinais, mas teve vontade de deitar por cima da mesa e chorar. Teria feito isso, não fosse pelo seu colega de sala, que virava uma xícara de café atrás da outra na ilha de trabalho a sua frente.

Entrou no site da companhia aérea e tentou usar o mecanismo online de fale conosco, pelo qual havia uma espera de 15 minutos para ser atendida no chat. Ela dividiu a tela do computador em duas partes e manteve a janela do Chrome aberta enquanto processava cálculos no sistema. Lídia tinha facilidade em focar a atenção no trabalho, era engenheira civil e gostava muito das funções, o tempo voava enquanto ela fazia modelos em 3D e passava medidas para executar cálculos estruturais no sistema que utilizavam, mas naquela tarde não conseguia nem lembrar em qual projeto estava trabalhando.

Seus pensamentos em um looping perpetuo reproduziam a voz de Virginia dizendo que não estava tudo bem, não, não está tudo bem, não, não está, Lídia. E entre a voz dela, o ressentimento do dia anterior e a passagem aérea, lembrava de Roberto, seu ex, e como ele queria que tivessem ficado com o bebê mais de 20 anos atrás. O ressentimento dele era muito semelhante ao que vira em Virginia, tinha medo que o desfecho fosse o mesmo, que parassem de se falar, que a distância aumentasse até chegar num ponto de ruptura. Se separar dela significava dividir em dois uma vida inteira e ter que começar tudo de novo. Não se achava capaz de passar por isso, o mundo parecia fora de eixo, seus olhos não fixavam nas coisas. Lídia identificou as sensações do pânico que lhe eram tão familiares, a falta de ar que deixava a cabeça leve, o estômago embrulhado, Dra. Alice dizendo que sentia muito, como se soubesse que o relacionamento das duas havia caído num buraco e que elas cavavam em direções opostas tentando encontrar uma saída pra baixo, sem olhar pra cima.

Ela tinha uma imagem mental muito clara de estar dentro de um buraco literal, coisa que nunca havia acontecido, mas o pânico se assemelhava muito a isso, estar presa, sem conseguir sair, afundando cada vez mais em terra a ponto de sua mente decolar para outro lugar. O *plim* do chat da companhia aérea a trouxe de volta para o escritório.

AC004: Boa tarde, por favor, informe seu nome e documento de identificação.

Lídia digitou as informações e apoiou o queixo no punho enquanto reticências pulavam na tela.

AC004: Senhora Lídia Medeiros, como podemos lhe ajudar hoje?

Por um momento pensou em explicar toda a situação da passagem que não lembrava de comprar, mas decidiu que seria mais fácil dizer que não poderia pegar o voo na quarta-feira por motivos pessoais.

AC004: No sistema consta uma passagem para o Brasil comprada pelo site da companhia no dia 12 de maio.

Ela franziu o cenho, achava que tinha comprado a passagem no guichê eletrônico no domingo. Perguntou sobre isso para o atendente.

AC004: Não é possível efetuar compras nos guichês, apenas emitir as passagens já compradas realizando check-in.

Chacoalhou a cabeça, não tinha espaço pra pensar sobre aquilo e só queria resolver a questão com a maldita passagem.

Digitou: *Ok, como faço para cancelar a passagem e solicitar um reembolso?*

AC004: Infelizmente seu caso não se encaixa na nossa política de reembolso.

Mordeu a parte interna da bochecha até sentir gosto de sangue, que diluiu com um gole de chá que não lembrava de ter preparado. Três pontinhos dançavam na tela.

AC004: O que podemos fazer é suspender a passagem, assim você tem um ano para realizar a viagem.

Digitou: *Eu preciso usar essa passagem em até um ano, isso?*

AC004: Exatamente.

Digitou: *Não é possível alterar o destino da passagem, talvez?*

AC004: Por favor aguarde, vou verificar com meus superiores.

Esfregou os olhos por baixo dos óculos, borrando o delineador que havia retocado ao chegar no escritório. Com os cotovelos na mesa, tamborilava os dedos no rosto, sua perna balançava para cima e para baixo, o joelho batendo contra a gaveta do teclado.

AC004: Nossos destinos na América Latina são Brasil, Argentina e Panamá.

Porque nada é simples como se gostaria, o cancelamento da passagem só poderia ser efetuado por telefone, ou presencialmente no estande da companhia no aeroporto. Lídia respirou fundo e discou o número que o atendente passou. Enquanto em espera, conferiu o horário e abriu o *messenger* no computador, na esperança de que houvesse alguma mensagem de Virginia.

Estava preocupada, não só com seu casamento, mas com ela também. Mesmo em momentos de tristeza, ou raiva, Virginia nunca era grosseira e sempre queria falar sobre o que estava sentindo, por mais desconfortável que fosse. Esse diálogo que ela sempre iniciava era uma das coisas que Lídia mais amava em Virginia, sentia que era um dos elementos complementares que fazia das duas um casal tão bom. Sua esposa nunca a deixava no escuro, não esperava que Lídia lesse mentes e não deixava espaço para

interpretação em suas conversas. Com seu jeito sempre aberto, acabava fazendo Lúdia se abrir também, não no mesmo nível que ela, mas frestas.

Lúdia mordeu a bochecha do outro lado, percebeu que se fosse o contrário, frestas não seriam o suficiente. Faltava uma hora para seu turno acabar, mas podia sair antes se quisesse, só queria resolver logo a passagem e conversar com Virginia. Não, não precisava nem conversar se a outra não tivesse vontade, só queria estar perto. Cada segundo da música de espera da companhia aérea aumentava aquela distância.

Toronto – 21 de maio de 2018

Chegou em casa as oito da noite, exausta e com uma passagem pendente para ser utilizada em um ano ao Brasil, ou Argentina ou Panamá. Tinha acordado melhor da gripe naquela manhã, mas o peso do dia se fazia sentir sob a forma de um inchaço na garganta e dor de ouvido. Ficou parada dentro do carro no escuro da garagem, as mãos no volante, imaginando cenários do que encontraria quando entrasse em casa. No pior deles a encontrava vazia, mas sabia que Virginia não faria isso, não desapareceria sem dar uma chance de conversa, por mais chateada que estivesse.

Tudo estava apagado no primeiro andar, mas ela ouvia barulho da TV no andar de cima, reconheceu o som de uma reprise de Friends, visualizou Virginia mexendo no celular, como sempre fazia, usando a série como barulho de fundo só para não ficar em silêncio absoluto. A TV ligada era um bom sinal.

Subiu as escadas acarpetadas e entrou no quarto, estava errada. Virginia não mexia no celular, mas tinha pego no sono com o barulho da televisão e Ravióli de conchinha em seu peito. Sentiu um alívio tremendo ao vê-la ali, ainda vestia as roupas da consulta e os sapatos estavam jogados perto da porta do banheiro, o que era atípico porque Virginia não gostava de deitar na cama com as roupas da rua e sempre deixava os sapatos arejando em um estrado perto da porta de entrada da casa.

Lúdia recolheu os sapatos e sentou na cama, escorando as costas na cabeceira. A expressão tensa permanecia no rosto de Virginia, a boca apertada, as mãos agarradas ao cobertor. Passou os dedos pelos cabelos dela e percorreu suas feições com as costas da mão, escorregando na cama até estar deitada também para beijar a pintinha acima de sua sobrancelha esquerda.

— Oi...

Virginia abriu os olhos

— Desculpa te acordar. Eu só... Talvez seja bom comer alguma coisa, e colocar um pijama.

Virginia fez que não com a cabeça e Lída esperou por uma resposta. Ravióli se espreguiçou entre elas, se acomodando em outra posição sem sair do lugar. Tentou outra vez.

— Como tu tá?

— Cansada, Líd. — Parecia mesmo cansada, como quem só quer ficar quieta, mas levantou um braço e descansou a mão na bochecha de Lída. — Eu não vou fazer plantão amanhã, não tenho energia.

Um canto da boca de Lída virou para cima em um meio sorriso, Virginia precisava descansar. Havia sido um mês exaustivo para as duas. Ficaram em silêncio, a mão de Virginia era quente contra seu rosto, trocavam um olhar e Lída tinha a sensação que fazia anos que não olhava para sua esposa daquela forma. Sentiu saudade do que elas tinham, do começo do namoro, do primeiro ano de casamento. Arriscou um beijo e foi correspondida com certa cautela, a mão em seu rosto passando a segurar sua cabeça, como se Virginia tivesse medo que ela fosse se afastar.

Chegou mais perto na cama, puxando o edredom para cima e desacomodando o gato, que pulou para o chão e foi se esconder no corredor. Lída abraçou Virginia com o corpo inteiro. Não era muito boa em falar sobre as coisas, tinha dificuldade em traduzir sentimentos, mas podia demonstrar com um abraço o quanto aquele momento lhe era precioso, como gostaria que fosse infinito.

Virginia relaxou de encontro a ela, a cabeça na curva de seu pescoço, encaixavam. Pegaram no sono ouvindo Rachel ser parada por um policial ao ultrapassar o limite de velocidade e Chandler reencontrar o pai num bar de Drag Queens em Las Vegas.

Formigueiro – março de 1995

Foi estranho voltar para casa, Lídia se sentia flutuando, fora de órbita dentro de um espaço familiar. Passou os primeiros dias deitada na cama abraçando o ursinho de pelúcia e evitando os pais, que por sua vez, a evitavam também. Sabia pela mãe que o pai só havia permitido que ela voltasse porque as aulas começariam em breve e ele não queria que ela perdesse o ano.

Em parte, ficou feliz em saber que José Carlos continuava acreditando que ela merecia estudar, mesmo depois do que tinha acontecido. Ele se orgulhava em dizer que todos os seus filhos haviam concluído o colégio e estudavam em boas universidades. Privar Lídia do mesmo tratamento que os irmãos significava falhar na missão de formar todos os 6 filhos.

Entrando no quinto mês de gestação, a barriga já estava aparecendo independente do que ela escolhesse vestir e as pessoas falavam. Roberto ficou sabendo sobre sua volta e passava pela frente da casa dela todos os dias. Ela sabia que mais cedo ou mais tarde teria que conversar com ele, mas não queria. Não o via mais como um namorado, era só um cara de quem ela tinha gostado uma vez, mas por quem só restava apatia.

Estava comendo um pedaço de cuca antes do primeiro dia de aula quando seu pai entrou na cozinha, limpando a garganta com força, seus passos pesados no assoalho faziam o cômodo inteiro tremer. Ele limpou a garganta mais uma vez, tique nervoso derivado de todas as carteiras que fumava por dia, e sentou do lado da filha, seu hálito era azedo e cheirava a tabaco.

— Quero que tu veja o que vai fazer quando essa criança nascer.

Lídia não tinha se dedicado a pensar sobre o assunto. Preferia não pensar pois quando tentava imaginar como seria, não conseguia se visualizar com um bebê no colo. Ainda não sentia que aquilo lhe acontecia de verdade, mesmo depois de ter ido ao médico na semana anterior e feito o ultrassom onde descobriu que esperava uma menina.

— Ainda tenho quatro meses.

— Eu vou te dizer uma coisa, Lídia, o erro foi teu e tu tem que responsabilizar.

Ela abaixou a cabeça.

— Eu não botei filho no mundo pra vocês saírem fazendo merda. Olha teus irmãos, todos saíram bem, moços direitos.

Ela podia ver que ele continha as palavras, devia ter pensado muito naquela conversa. José Carlos coçou o bigode amarelado e continuou.

— Quem errou foi tu e eu não vou pagar pelo erro, tá entendendo? — Ele baixou o punho fechado em cima da mesa, não com a intenção de dar um soco e fazer barulho, mas em uma tentativa de se acalmar que teve o efeito contrário. Os pratos pularam e os talheres tilintaram, Miriam, que sentava na frente dos dois em silêncio abriu a boca.

— Zé...

Ele levantou uma mão para a esposa, pedindo silêncio.

— Se tu escolher ficar com a criança, eu não vou ajudar com um centavo. E tu pode arrumar as malas porque nessa casa tu não fica.

Lídia levantou o rosto, pega de surpresa pela possibilidade de ser mandada embora de casa, seu peito agitado, o coração batia fora de compasso.

— Teu pai tem um fornecedor de máquinas que tá tentando ter filhos há anos, ele tem interesse em ficar com a menina quando ela nascer. — Miriam falou sem olhar para a filha.

— Eu já arrumei um médico pra cuidar dos documentos. — O pai continuou. — Mas a cagada foi tu quem fez, então a escolha é tua também.

Lídia não respondeu na hora, seus olhos ardiavam com lágrimas que brotavam contra seu orgulho, subiu para o quarto sem dizer nada, mas não precisava de tempo para pensar. Já sentia, antes mesmo daquela conversa, que não ficaria com a menina.

Caxias do Sul – 06 de outubro de 2006

A primeira vez que chorou desde o acidente não foi olhando para a foto de Lídia e Roberto, que ganhou nova casa em um porta-retratos na sala, nem quando conversou com a melhor amiga sobre como se sentia mal por não chorar. Desde a morte de Roberto, Alana fantasiava constantemente sobre os pais que não conhecia, imaginava que tudo não passava de um engano e que eles tocariam o interfone um dia desses e a levariam para a mansão enorme onde moravam. Na fantasia tinham uma piscina e muitas caixas de bombons e ela podia transitar do prédio em que morava para a mansão livremente. Ela sabia que era bobo pensar daquela forma, criar falsas expectativas em cima de algo que nunca aconteceria, mas a mansão imaginária de Lídia e Roberto era também um lugar seguro.

Já fazia três dias do ataque do pânico na escola e seus pais discutiam todas as noites no quarto ao lado do seu. Ela não conseguia distinguir o que diziam, apenas som de vozes abafadas atravessando as paredes, mas na sexta-feira foi diferente, falavam tão alto que ela chegou a tapar a cabeça com o travesseiro para não ouvir.

Sexta-feira foi o dia em que identificaram o que sobrou do pai que Alana não conhecia. Leonardo a buscou no apartamento da avó como fazia todas as sextas e quando chegaram em casa, ele deu a notícia. Que um cliente de Formigueiro tinha comentado que o velório seria dia 9 de outubro por causa do tempo de processamento dos documentos pra liberação do corpo. Leonardo se inclinou um pouco para o lado, não precisava mais abaixar para ficar na mesma altura da filha, e perguntou se ela queria ir.

Sim, queria.

E Marisa ainda não achava uma boa ideia porque Alana não conhecia ninguém naquela cidade e seriam pessoas estranhas. Eles não tinham contato a anos e Leonardo, como essas pessoas vão reagir? Tu está expondo nossa filha a sofrimento desnecessário!

Ela não parece estar sofrendo, Marisa, nossa filha já tem condições de fazer algumas escolhas.

O que comprar no bar da escola, sim, mas uma coisa dessas, é demais pra ela!

Eles nem vão saber quem ela é.

E tu acha isso bom? Vai arrastar nossa filha cheia de expectativas pra um funeral só pra darem com a porta na cara dela? São 5 horas de viagem, não vale a pena.

É direito dela conhecer a cidade onde nasceu.

A gente pode passar por lá nas férias.

Eu vou para lá na segunda de manhã, já está decidido. Vou atender um cliente, a gente passa no velório e voltamos.

Se Marisa falou alguma coisa depois disso, Alana não ouviu. Foi então que chorou pela primeira vez, não pela morte de ninguém, mas por um medo repentino de que tivesse quebrado o relacionamento dos pais que amava por causa da curiosidade que emergira com o acidente aéreo. Era isso que sentia, curiosidade em saber mais sobre as pessoas da foto do que seus pais poderiam contar. E ainda mais forte, uma curiosidade hipotética, se é que tal coisa existia, sobre como seria sua vida se a foto não tivesse sido tirada, se dois adolescentes tivessem decidido assumir responsabilidade por ela.

Toronto – 22 de maio de 2018

A primeira coisa que Lúdia fez na manhã seguinte foi ligar para o trabalho e pedir um dia de folga, seu chefe era compreensivo e ela estava dentro dos prazos com os projetos, ficou de renderizar algumas imagens, mas poderia fazer isso de casa, deixar o computador rodar sozinho enquanto colocava as coisas em ordem com Virginia. Apesar de ter acordado cedo, seu dia só começou a render depois do almoço, era como se ela e Virginia fossem zumbis andando pela casa, cada uma presa dentro de uma bolha individual.

Se encontraram sentadas na cozinha com um chá que Virginia de novo preparou porque Lúdia havia passado boa parte da manhã tossindo e assoando o nariz. Ela examinou a garganta da esposa com uma lanterninha que carregava na bolsa e apalpou seu pescoço com cuidado.

— Eu vou te prescrever antibióticos, acho que tua gripe virou amigdalite. — Ela pegou o celular e mandou a solicitação direto pra farmácia, como sempre fazia quando precisavam de alguma coisa. — Podemos ir buscar mais tarde, talvez jantar no shopping, não estou muito animada pra ficar cozinhando e limpando.

— Parece um bom plano. — Lúdia estava rouca e engolir doía, mas se esforçou para tomar um gole do chá esperando que o calor aliviasse sua garganta. — Também não estou muito bem.

— O chá e o anti-inflamatório vão ajudar. — Virginia lhe ofereceu um sorriso fraco por cima da xícara.

— Não é só pela gripe que eu não estou bem. Acho que precisamos conversar, Nina.

— Sim...

Ficaram quietas, bebendo chá, Lúdia pensava em como começar, mas Virginia tomou a frente.

— Não estamos bem, Líd.

A gravidade em sua voz não chegou nem perto do dia anterior, do não, não está tudo bem, mas o significado de um dia se estendia para o outro e Lúdia perdeu o fôlego. A dor de garganta amortecendo, dando espaço para a bola de ansiedade que subia de seu

peito carregando todas as coisas que precisavam sair. Virginia continuou falando, olhando para um ponto acima do fogão.

— Domingo... O que foi aquilo, Lídia?

— Eu não sei.

— Eu fiquei tão preocupada quando não te achei em casa, nem sei dizer o que passou pela minha cabeça.

Lídia sentiu um calor subir pela nuca e se espalhar pelas orelhas e face. Vergonha. Era esse o sentimento que a acompanhava há dias e ela não conseguia acessar nem definir. Perceber que sentia vergonha de si mesma a deixou mais embaraçada. Queria poder sumir, ou encolher ao ponto de ficar invisível a olho nu.

— Domingo tu estava tão preocupada que eu fosse brigar contigo. A gente não funciona assim, Lídia, a gente conversa sobre as coisas, mas eu estou cansada de ter conversas comigo mesma na tua frente. — Virginia fez uma pausa e arrastou o banco para o lado, tentando entrar no campo de visão de sua esposa, que insistia em olhar para baixo. — Por favor, Líd, olha pra mim.

Sua voz embargada fez Lídia levantar a cabeça, Virginia parecia genuinamente triste. O pior sentimento que existe é o de se perceber magoando alguém que se ama.

— Eu sei que tu se importa com a gente tanto quanto eu, Lídia. Mas eu não sinto isso. — Olhos castanhos naufragavam em lágrimas e Lídia sentiu mais forte a sensação de sufocamento. — Ou melhor, eu sinto, mas é tão raro. Domingo eu senti isso. E ontem de noite quando tu chegou do trabalho também, naquele abraço... Eu sinto falta disso, eu sinto falta do teu toque, desse contato mais íntimo.

— Eu me importo sim, tu é a pessoa mais importante da minha vida, Nina. — Lídia finalmente encontrou voz.

— Mas ainda assim, Líd, eu me sinto tão sozinha. — Seus olhos transbordaram e uma lágrima riscou a bochecha de Virginia. — Eu sinto que estou fazendo isso sozinha.

Uma longa pausa aconteceu enquanto Virginia tentava contornar a emoção que era difícil conter. Lídia teve um momento para pensar sobre o isso do qual Virginia falava, se seria a inseminação, ou o relacionamento num todo.

— Eu não quero que a gente termine, não assim, desse jeito, no meio disso tudo. — Virginia fazia um gesto contido com as mãos, como se estivesse batendo na própria perna sem realmente encostar. — Eu preciso de um abraço.

Os ombros de Lídia caíram ao ouvir isso e se viu chorando também.

— Preciso de um abraço, mas me sinto ridícula em ter que pedir por isso. — O que Lúdia mais queria era lhe dar esse abraço, mas sentiu que era melhor esperar que Virginia terminasse o que tinha para dizer. — E o que dói é que um ano atrás eu não precisaria pedir. Porque ano passado estávamos juntas e agora eu não sinto... — Ela limpou o nariz que escorria com um pedaço rasgado de papel toalha. — Eu me sinto sozinha.

— Nina...

— E eu não faço ideia do que passa pela tua cabeça, porque tu não fala nada. E não leio mentes, tu sabe disso. Eu não quero brigar, mas eu não posso deixar de falar essas coisas, Lúdia. — Ela fungou, sua voz quebrava no fim de cada sentença. — Eu sinto falta de ti. Eu não posso... Eu não consigo conceber uma criança.

Virginia teve que parar novamente, seu queixo tremia, e sua respiração estava curta, os cabelos grudavam no rosto molhado e Lúdia os prendeu com cuidado atrás da orelha.

— Eu sinto que talvez essa criança que não quer vir seja uma metáfora pro nosso relacionamento — continuou ela — algo que parece certo num primeiro momento, mas que no final não era pra ser.

— Tu realmente pensa assim? — Lúdia sentiu a água que escorria do nariz entrar em sua boca, o gosto salgado espalhando em sua língua.

—Eu não queria pensar assim.

Lúdia se levantou e envolveu Virginia em um abraço, beijando o topo de sua cabeça. — Desculpa.

Dentro do abraço, Virginia soluçava, uma mão agarrando o blusão de Lúdia, a outra pressionada entre elas. Lúdia queria poder voltar no tempo, ou segurar a onda de sentimentos que as derrubava. Sabia que a única coisa que podia fazer era falar.

— Eu to apavorada, Nina. — Ela murmurou acima do ouvido da outra. — Faz tempo, eu não sei mais o que é não estar apavorada. — Virginia fez força contra seu peito, pedindo espaço e Lúdia deu um passo para trás. — Tu me conhece, tu sabe como eu funciono quando eu to estressada, com muita coisa na cabeça.

— Sim, eu sei como tu fica. Por isso que eu to falando agora, Lúdia. — Virginia tinha o rosto vermelho. — Não adianta nada ficar guardando um monte de coisa pra ti, tu não vive sozinha. Nós dividimos tudo. Eu preciso saber o que se passa na tua cabeça.

Lúdia sentiu o joelho direito fraquejar e apoiou uma mão na bancada.

— Desde o ano passado, desde que eu marquei a primeira consulta pra gente, eu sinto que tu não quer isso, e eu... Eu acho que talvez eu tenha sido egoísta, então me desculpa se eu não te ouvi em algum momento. Mas Lúdia, pra te ouvir, eu preciso que tu fale.

— Eu quero que tu seja mãe, Virginia. — Lúdia sentou no seu banco e descansou as mãos nas pernas de Virginia, tinha conseguido parar de chorar, mas lágrimas ainda vertiam dos olhos escuros de sua esposa. — Teus olhos brilham quando tu fala sobre crianças, sobre o futuro, sobre como tu acha que vai ser. E quando a gente passa na frente de um colégio tu começa a se perguntar se seria um bom lugar — suspira — para o nosso filho estudar e — Lúdia procura as palavras certas em seu léxico mental, era mais difícil ter conversas serias em português, por algum motivo. — Eu não sei se eu quero isso. Eu não sei se eu quero ser mãe.

Virginia se endireitou um pouco e cruzou os braços.

— Mas, Virginia, eu quero que tu seja.

— Isso não faz sentido, Lúdia. É paradoxal, eu ser mãe e tu não. Nesse ponto das nossas vidas, ou a gente faz isso juntas, ou não faz.

Virginia respirou trêmula, mas fundo. Deixou uma mão cair em cima da de Lúdia sobre sua perna.

— Se tu disser que tu não quer. Tudo bem. Eu posso lidar com isso. Eu prefiro lidar com isso — ela enfatizou a palavra *prefiro* — talvez aceitar a ideia de não ter filhos, repensar toda a nossa relação do que ficar presa a uma pessoa que não me fala nada.

— Não é que eu não queira — Lúdia virou a palma da mão para cima, segurando a de Virginia — ter filhos. Eu não sei.. eu não sei, eu não sinto que eu tenha tido tempo pra pensar sobre isso, eu preciso de tempo pra pensar.

— Entre junho e novembro do ano passado a gente teve bastante tempo.

— Não, não tinha tempo antes e não temos agora, a gente não tem tempo. Cada ano que passa a probabilidade de que tu consiga engravidar diminui.

— Tu não pode dizer que isso foi uma decisão apressada, nós tivemos seis meses, e depois a janela entre cada uma das tentativas, é quase um ano pra pensar e repensar. Se tu tivesse dito não no começo, Lúdia, a gente não teria que passar por todo esse estresse, a gente não teria gasto todo o dinheiro que gastamos.

— Eu achei que seria diferente, eu achei que se a gente fizesse esses exames, se as coisas... Eu achei que seria diferente. Que tudo ia dar certo da primeira vez e a gente

estaria ganhando o bebê agora e que nesse meio tempo, te ver grávida talvez mudasse algo em mim.

— Desculpa, mas esse pensamento é muito idiota.

— Eu sei, eu... — Lídia sentiu a vergonha de novo, ainda mais forte, abriu a boca e respirou fundo duas vezes, sentia que ia passar mal a qualquer momento, ter um treco, um ataque cardíaco, ou uma crise asmática, mesmo sem nunca ter tido problemas respiratórios. — *There is something you need to know.* — Ela falou rápido e em inglês, as palavras saindo aos atropelos.

Virginia estranhou a mudança de idioma, mas apertou a mão de Lídia. O aperto lhe causou um alívio, Virginia continuava sendo sua âncora. Voltou ao português que sempre usavam dentro de casa.

— Quando eu tinha 14 anos, fiz uma coisa muito besta com meu namorado. — Ela piscou uma lágrima que se despreendeu de seus cílios e caiu direto na roupa. — Nossa primeira vez foi horrível, a gente não sabia o que estava fazendo e tudo deu errado. Só teve dor e acabou muito rápido. Eu não conseguia nem olhar pra ele nos dias que passaram, tinha meio que um nojo dele. E tirando o nojo, acho que o que eu senti naquela época é muito parecido com o que eu to sentindo agora. É uma angustia, essa coisa de não saber o que fazer comigo mesma, de não saber onde me enfiar de tanta vergonha.

Sua garganta voltou a doer e as palavras saíam pela metade, arranhadas na primeira sílaba e com força no final. Virginia não largou sua mão e esperou que ela continuasse.

— Então um mês passou. E então outro mês. E eu percebi que algo não tava certo. Eu... — Desviou os olhos para baixo, a dor em seu peito irradiava para os dois braços, pronto, pensou, é agora que eu morro. — eu engravidei dele. E... — Assoprou o ar fazendo barulho. — Eu não sei como fazer isso, eu não sei como falar sobre isso, eu não sei por que eu não falei sobre isso antes.

Virginia não disse nada, apenas manteve o aperto em sua mão, um pouco mais forte do que antes, e Lídia queria muito encontrar coragem para olhar para ela.

Estrada – 09 de outubro de 2006

A previsão de chegada em Formigueiro era por volta da uma da tarde, iam parar para almoçar em algum lugar e antes de seguir para o velório tinham que visitar o cliente do pai, um tal de Ignácio que plantava soja. Alana ficava olhando para o relógio no painel. Passou o começo da viagem jogando cobrinha no celular até morrer várias vezes seguidas por que não conseguia prestar atenção, então pegou o livro que tinha trazido na mochila. Tinha também um didático de história porque teria prova no dia seguinte e estava perdendo a revisão com aquela viagem, mas não era esse livro que queria. O Diário da Princesa prendeu sua atenção na noite anterior e ia de encontro com suas fantasias sobre pais e segredos de família, mas no carro, leu duas páginas e começou a enjoar. Segundo Leonardo, tinham muitas curvas pela frente, então ela abriu a janela e fechou os olhos, sentindo o vento que transformava seus cabelos soltos em chicotes contra o rosto.

Pode dormir se quiser, disse o pai, mas ela nunca conseguia dormir em viagens, por mais cansada que estivesse. O sacolejar do carro aumentava a sensação de náusea e Alana pediu pra parar em um posto de gasolina.

Estavam no meio do nada e amarrado a chave do banheiro havia um retalho de tecido cor de rosa encardido. Ela molhou os pulsos e a nuca, como a mãe sempre fazia quando pegavam a serra para a praia. Leonardo a esperava com uma latinha de Coca Cola, o que também ajudou.

Ele puxava assuntos aleatórios durante a viagem, perguntando sobre o colégio e o livro que estava lendo, dando voltas para chegar no assunto que ela sabia que viria. “Como tu está se sentindo, filhota? Tudo bem ficar nervosa.” Essas conversas sempre eram estranhas, era como se os pais sentissem obrigação de fazer algumas perguntas e Alana sentia que tinha a obrigação de responder mesmo que não quisesse. Ela tomava golinhos pequenos do refrigerante quente, fazendo barulho com o canudinho e prolongando o espaço entre pergunta e resposta por não saber o que dizer.

Tudo certo. Era resposta padrão e ele fez um gesto com a cabeça sem tirar os olhos da estrada. Então Alana repensando, emendou: Tu vai entrar comigo, né?

Claro que vou.

Toronto – 22 de maio de 2018

O celular de Virginia vibrou em cima da mesa e os dedos dela afrouxaram, ela puxou a mão para longe, se desprendendo de Lídia para pegar o aparelho.

— Teus remédios estão prontos. — A voz ainda estava embargada, mas Lídia ficou feliz em ver que ela não chorava. Trocaram um olhar, então Virginia levantou. — Vou passar na farmácia, acho que preciso de um ar.

Lídia quis se oferecer para ir junto, como tinham combinado antes, talvez jantar no shopping, mas engoliu a sugestão e concordou com um aceno de cabeça. O olhar de Virginia dizia que ela precisava de um tempo e Lídia entendia, por mais que quisesse ficar perto de sua esposa e continuar conversando, ela não sabia que rumo dar para a conversa. E falar sobre a gravidez tinha liberado um pouco do aperto em sua garganta. Não se sentia bem, mas sim aliviada.

Seguiu Virginia até o hall e a viu pegar a chave do carro no lugar onde sempre deixavam, dentro de um potinho ao lado do telefone fixo que nunca tocava.

— Eu volto. — Não disse o logo, mas já era alguma coisa saber que Virginia pretendia voltar. Não achava que sua esposa fosse fugir, mas lhe doía vê-la saindo de casa. Lídia se escorou na parede depois que ela saiu, sentindo nas costas a vibração da porta automática se abrindo e o ronco discreto do carro saindo da garagem.

Foi atrás de Ravióli, não queria ficar sozinha e precisava abraçar alguma coisa, mesmo que essa coisa fosse se debater e presenteá-la com um arranhão ou dois. O encontrou dormindo em uma das poltronas e o pegou no colo como se fosse um bebê, com seus sete quilos, pesava mais que um recém-nascido e Lídia contemplou na porta envidraçada da varanda seu reflexo com o gato no colo. Não seria difícil imaginar uma criança no lugar dele, mas ela virou de costas antes que os pensamentos chegassem a esse nível. Ajeitou o Ravióli nos braços e ele não se debateu, só bocejou e descansou a cabecinha em seu pescoço enquanto ronronava e Lídia quase voltou a chorar.

— Tu não me odeia, né? — Beijou os pelos cinzentos. — Esse final de semana eu vou te dar um banho... É...

Lídia tentava fazer o tempo passar, mas não conseguia. Tirava o celular do bolso a cada 30 segundos, parecia que havia passado uma hora, não só dez minutos desde que Virginia saíra. Subiu para o escritório, verificou o andamento dos arquivos que estava

processando para o trabalho, então desceu de novo, esquentou o chá e subiu pro escritório, mas a barra azul tinha andado milímetros. Pensou em abrir o e-mail, mas não conseguiria encontrar foco para ler, então foi para o quarto, abriu as janelas, arrumou a cama, trocou as toalhas do banheiro, sentou na cama, levantou, buscou o gato no andar de baixo, ligou a televisão, tentou assistir uma série nova que seu colega havia recomendado. Mudou para Friends porque *Annie with an E* não desenvolvia, olhou para o celular, que tinha jogado no meio da cama depois de arrumá-la e fazia só 40 minutos, mas esse tempo era mais do que suficiente para ir e voltar da farmácia.

Lídia tirou os óculos e passou uma mão pelo rosto, olhou para um canto do quarto e viu um borrão azul que era seus tênis de corrida. Fazia tempo que não corria na rua e decidiu sair para dar uma volta. O dia estava bonito, quase ensolarado e fresco. Normalmente corria com música, mas decidiu deixar o celular em casa e tentar não pensar em Virginia e em como seria quando ela voltasse e por onde ela estaria.

Colocou um pé fora de casa e seus joelhos fraquejaram, como antes. Teve um ímpeto de voltar e pegar o telefone, mas lutou contra ele se impulsionando para a frente, uma perna depois da outra, o impacto dos pés contra o chão, o chacoalhar do próprio corpo com cada pisada. Procurou nos bolsos por algo para prender o cabelo, mas não encontrou nada, então fez como se fosse um rabo de cavalo e enfiou-o por dentro da gola da jaqueta corta vento verde água.

Não aguentou correr por muito mais que 20 minutos, sentia um peso incomum nos ombros e seu coração batia muito rápido, ao desacelerar sentiu esses batimentos contra o pescoço e as têmporas. Gulu, seu vizinho da frente, buzinou ao passar por ela de carro e Lídia acenou, ele reduziu a velocidade.

— Quer uma carona para casa? — Ele e a esposa eram um casal indiano de meia idade muito simpático e ela percebeu que estava correndo em direção ao centro comercial onde Virginia deveria estar. Demorou um segundo pensando e aceitou a carona, não se sentia muito bem, pontos vermelhos apareciam no seu campo de visão e ela sentiu que se não sentasse logo, poderia desmaiar, ou vomitar.

Entrou no carro se atirando no banco do passageiro e recostando a cabeça no assento em couro. Abriu uma fresta da janela e respirou, controlando a inspiração e tentando botar mais ar para fora do que para dentro.

— Está tudo bem? — Gulu acelerou com cautela, olhando de soslaio para ela.

— Tudo, só desacostumada com exercícios.

Ele respondeu com uma risada de cumplicidade sedentária, estavam perto de casa e Lídia agradeceu o minuto de silêncio.

— Encontrei com Virginia agora pouco. — Ele comentou quando viravam para entrar na rua onde moravam.

Lídia, que se sentia um pouco melhor, tirando a dor de garganta e o nariz que decidira voltar a trancar, virou a cabeça para o lado, esperando que ele falasse mais.

— Vocês estão de férias?

— Não, só uma folga hoje, ela foi buscar uns remédios.

— Ah sim, Lila também sempre diz que vai pra farmácia, mas volta cheia de sacolas. Mulheres, não é?

Lídia franziu o cenho, às vezes tinha a impressão de que Gulu esquecia que ela era mulher também. Não quis iniciar uma discussão, então ficou quieta e agradeceu a carona quando desceu na entrada da garagem dele. Estava feliz em saber que Virginia estava bem e ainda no shopping.

Ela sentou na cama se sentindo desconfortável dentro do próprio corpo, tensa e agitada. Entrou no banheiro e ligou a torneira para encher a banheira. Como tinha dito para o vizinho, estava de folga. A ideia de um banho lhe pareceu razoável para ajudar a passar o tempo. Era uma forma mais segura de se concentrar no próprio corpo do que sair correndo gripada. O vidrinho do banho de espuma estava vazio e ela pensou em mandar uma mensagem pedindo que Virginia comprasse mais, mas respirou fundo e pegou o pote de sais de banho que elas menos usavam. Tinha um cheiro cítrico suave e artificial que fazia Lídia lembrar da época em que sua mãe fazia sabão no porão de casa, bem no início dos anos 1990.

Derrubou um pouco desse sal na banheira, vendo as pedrinhas se acumularem no fundo. Arregaçou a manga e mexeu a água com o braço, testando a temperatura antes de tirar a roupa. Prendeu os cabelos em um coque e entrou no banho, de costas para a porta, descansou o pescoço na cerâmica e fechou os olhos. Sentia água se movimentar por cima do corpo conforme ela respirava, vapores do passado com notas de limão a envolviam e ela sentiu que poderia dormir embalada pela água morna.

Parte de seus pensamentos insistiam em fugir, mas ela fez um bom trabalho de se manter centrada na sensação dos sais efervescendo em volta de seu corpo, fazendo um barulhinho muito sutil. Depois de um tempo, Ravióli começou a arranhar a porta do banheiro, ela não tinha como abrir para ele, mas o som da sua pata contra porta a fez

lembrar de Virginia. Não da conversa de antes e de todo o estresse dos últimos meses, mas de um passado um pouco mais longe.

Lembrou do dia em que se mudaram e como estavam cansadas de carregar caixas e desempacotar coisas e como desistiram no meio da noite, deixando tudo jogado na sala e estrearam aquela banheira juntas. A água transbordando porque calcularam mal o volume, que subiu demais com a imersão de seus corpos. A sensação de um beijo molhado com bolhas de lavanda entre elas, a pele de Virginia, tão quente contra a sua.

Lembrou de alguns dias depois da mudança, quando Ravióli chegou, uma bolinha cinza com bigode branco e um miado agudo, como ele não sabia andar sobre o carpete sem prender as unhas. Perderam ele no segundo dia e procuraram desesperadas pela casa para encontrar o gato dormindo dentro de uma das caixas mal fechadas que devia ir para a garagem.

Ficou recontando para si mesma esses momentos do passado e se prendendo as memórias mais simples. Uma noite de maratona de filmes na cama com pipoca e abraços e chocolate quente, de dormir com o nariz grudado na nuca de Virginia, cabelos amassados contra sua testa. O início do namoro, o casamento, lua de mel. Tinham tantos momentos tão leves e tão bons, elas eram felizes.

A porta do banheiro se abriu e Ravióli entrou correndo, apoiando as patas da frente na beira da banheira com curiosidade. Virginia veio atrás dele.

— Oi... — Ela parou ao lado da banheira, olhando de cima para Lília, que se sentiu exposta sem as bolhas para cobrirem seu corpo. Era um sentimento estranho, não se incomodava com a própria nudez perto de Virginia desde o início do namoro, mas dobrou um pouco as pernas e cruzou um braço por cima dos seios. — Desculpa a demora.

— Tudo bem.

— Eu precisava pensar um pouco — disse Virginia, expulsando o gato e fechando a porta antes de sentar em cima do vaso sanitário, de frente para Lília.

Virginia cruzou as pernas e ficou olhando na direção dela, mas seu olhar estava fora de foco, como se estivesse pensando em alguma outra coisa. Lília se endireitou na banheira, sentando até que a água ficasse um pouco acima do umbigo, tinha vontade de levantar e se enrolar na toalha, mas em vez disso seguiu um instinto de perguntar:

— O que tá passando pela tua cabeça?

Virginia mordida a boca, puxando e soltando o lábio inferior com os dentes da frente.

— Estou pensando em todas as coisas que eu não sei de ti. No shopping me vieram tantas perguntas pra te fazer, mas eu não me sinto a vontade de perguntar.

Lídia dobrou os joelhos contra o peito, jogando um pouco de água quase fria para fora da banheira.

— Eu tô chateada contigo, Lídia. Magoada. E com um pouco de raiva também.
— Fez uma pausa. — Eu não espero saber tudo da tua vida. Eu não preciso saber tudo, mas isso não é qualquer coisinha. Isso é importante, explica tanta coisa dos últimos meses e eu não fazia ideia. — Pressionou um ponto entre as sobrancelhas com o indicador e fechou os olhos. — Eu não fazia ideia.

— Eu não sabia como falar. — Lídia se apoiou nas beiradas da banheira e levantou, o ar frio do banheiro gelando a pele molhada. Virginia também ficou de pé e lhe alcançou a toalha.

— Com toda a conversa sobre bebês do último ano, Lídia?

— Ficou ainda mais difícil! — Se fosse analisar, Lídia perceberia que também sentia raiva da situação. — Eu pensei mil vezes em te falar, mas como se começa essa conversa? Não da pra chegar dizendo, olha, tive uma gravidez indesejada na adolescência e foi horrível e eu não falo disso nunca, mas sim, eu tive um bebê.

— Tu teve o bebê?

— Sim.

— E o que aconteceu com ele?

— Eu dei. — Ela se apoiou no ombro de Virginia e deu o passo para sair da banheira, pendurando a toalha atrás da porta e saindo para o quarto. Abriu gavetas, vestindo uma calcinha e pegando um pijama, Virginia ficou parada na porta do banheiro.

Lídia tinha consciência de que respostas curtas não ajudariam em nada a situação, mas falar sobre aquilo pesava de um jeito e tudo o que ela queria era fazer com que o inquérito acabasse o mais rápido possível. A blusa do pijama grudava em suas costas ainda úmidas e ela sentou na cama.

— Por que tu nunca mencionou nada disso antes?

— Já disse que não sabia como.

— Seis anos, Lídia.

— Eu nunca falei sobre isso com ninguém.

Virginia fez um som de descrença e Lídia olhou pra ela balançando a cabeça.

— Eu nunca tive com quem falar sobre isso.

— Tu fez terapia.

— E daí? — A voz de Lídia voltou a ficar rouca e ela teve um acesso de tosse. O olhar de Virginia amoleceu um pouco e ela sentou na cama ao seu lado.

— Tu achava que alguma coisa de ruim ia acontecer se tu me contasse?

— Não sei. — Lídia soltou os cabelos, uma cortina natural cobriu seu rosto. — Quanto mais o tempo passava, pior ficava a situação e mais difícil era tentar falar sobre o assunto. Eu não quero que tu me odeie por causa disso.

— Eu não vou te odiar por causa de uma coisa que aconteceu há mais de 20 anos.

— Eu sei disso, racionalmente. Mas toda a vez que eu pensava em falar, era sempre mais fácil não. — Lídia cobriu o rosto com as mãos e falou, abafando as palavras. — Agora eu sinto que fodi com a gente.

Virginia olhava para ela com o que parecia pena e ainda um pouco de raiva.

— Eu fiz escolhas idiotas com 14 anos e continuo fazendo as mesmas merdas 24 anos depois.

— Lídia, tira a mão da cara e olha pra mim, por favor.

Lídia obedeceu.

— Quando a gente decidiu casar eu não tive dúvidas de que tu era a minha pessoa. Porque desde que te conheci tenho muito forte a sensação de que posso confiar em ti. E o que mais vem me machucando esses meses todos desde ano passado e hoje é que talvez tu não sinta o mesmo por mim.

— Quê?

— Eu confio em ti, Lídia, mas sinto que tu não confia em mim. E eu me sinto muito idiota em saber que tu não confia nem pra falar sobre coisas importantes pra ti.

— Não é isso, Virginia.

— Me deixa mais magoada saber que tu pensou que eu ia te odiar se tu me contasse do que tu ter demorado todo esse tempo pra contar.

Lídia se sentia tonta, o coração batendo nas têmporas como durante a corrida mais cedo. Queria falar alguma coisa, mas sua língua parecia pesada e inchada, ela engoliu com dificuldade e Virginia continuou.

— E aceito que tu tenha um passado. E eu quero um futuro contigo, mas infelizmente não tem como seguir sem falar sobre essas coisas. E eu sei que às vezes alguns assuntos são mais difíceis de falar, tu sabe que eu não gosto de conversar sobre a minha mãe. — A mãe de Virginia havia se suicidado quando ela era criança. — Mas eu te contei sobre ela, ainda antes de a gente começar a namorar, porque já confiava em ti.

Eu sabia que tu seria amorosa com o meu passado e eu posso ser com o teu. É isso que eu tô querendo dizer.

Virginia pegou sua mão e entrelaçou seus dedos.

— Eu trouxe comida pra ti do shopping. E eu acho que hoje vai ser melhor se eu dormir no quartinho. — O quartinho servia como quarto de hóspedes com uma cama de solteiro e se tudo tivesse ocorrido de acordo com o planejado, àquela altura seria um quarto de bebê.

Lídia concordou sentia que elas precisavam do espaço.

Formigueiro – 09 de outubro de 2006

Não gostava dos morros em Caxias, mas ver uma cidade tão plana quanto Formigueiro era muito esquisito. Alana não conseguia se ver morando ali, mesmo sendo dona de uma imaginação bem ativa. Não havia prédios, nem Mc Donald's, nem shoppings nem parques, uma cidade com tantos cachorros de rua precisava de um parque, pelo menos era o que ela achava. Se bem que em casa os cachorros sempre pertenciam a alguém, mas era estranho porque não tinha pessoas nas ruas, podia contar nas duas mãos o número de pessoas caminhando pelo que ela supunha ser a avenida principal.

Era uma cidade quieta, tinha a impressão que nada acontecia ali, parecia mais o cenário de um de seus livros do que algo real, pensou no primeiro capítulo de Harry Potter e na rua dos Alfeneiros. Formigueiro era tipo isso, só que as casas eram mais simples e diferentes umas das outras em cores e tamanho. A maioria de madeira, uma que outra de material, no centro havia uma churrascaria, bar, mercado, os letreiros fazendo propaganda a marcas de cerveja ou pintados direto na fachada em letras garrafais pretas, quando não da mesma cor da parede, tipo o “Pastel do Leomar”, que era uma casa verde com um letreiro verde escuro.

Mesmo estranhando tudo, olhava para as casas com interesse, tentando adivinhar qual seria a de Roberto Homem, mas nenhuma parecia ser a certa. Será que ele ainda morava na casa dos pais, ou será que ele e a mulher tinham uma casa só pra eles? Esperava que ele morasse com os pais, porque se não a mulher ia se sentir muito sozinha sem ele, que nem sua avó ficou por um tempão depois que o vô morreu, até colocarem as televisões por todo o apartamento.

Será que as pessoas em Formigueiro tinham televisão? E o que eles assistiam? Sabia que TV a cabo não chegava em todos os lugares e sentiu pena das pessoas que moravam no interior, tipo a tia Ivone que não tinha um celular porque na casa dela em Forqueta ainda não existia sinal.

Seu pai que já dirigia devagar pelas ruas daquela cidade que funcionava em baixa frequência, diminuiu ainda mais a velocidade do carro e Alana percebeu que estavam chegando. Pessoas se aglomeravam na frente de um prediozinho perto da igreja. Tinha esperado um monte de gente vestindo preto, que nem nos filmes, mas todo mundo parecia bem normal, seu moletom preto era até destoante no meio deles. Balançava a perna dentro

do carro e apertava as próprias mãos em ansiedade, passando o dedão pela palma repetidas vezes. Cantarolava uma música da Avril Lavigne que não lhe saía da cabeça e a trilha sonora era tão errada. Pensamentos tristes! Tentou visualizar o Lobinho antes dele morrer, mas a imagem que tinha dele se misturava a dos cachorros que tinha visto na rua pelo caminho. Pensou no filme do Bambi, sempre chorava na cena que a mãe dele morre, mas só a lembrança não tinha o mesmo efeito.

He was a boy, she was a girl — Quanto mais se aproximavam da capela, mais frenéticos se tornavam seus pensamentos. Estacionaram um pouco longe e saíram do carro, Leonardo a abraçou e usou a voz solene pra dizer que estava tudo bem e que se ela quisesse ir embora, era só dizer. Os outros carros estacionados no caminho estavam todos sujos de barro, alguns estavam amassados, o carro do pai que cuidava dela parecia ser o mais novo, talvez não estivessem só numa cidade diferente, talvez tivessem viajado no tempo sem querer.

But her head was up in space, she needed to come back down to earth — O tempo estava começando a fechar, nuvens escuras vinham de trás da igreja e era uma cena meio assustadora, não se sentia segura naquele lugar, se inclinou um pouco mais perto de Leonardo, que apertou seu ombro. Chegavam perto das pessoas e talvez a cidade estivesse vazia porque todo mundo estava reunido no velório, fazia sentido, o pai do passado devia ser querido. Um sopro de vento movimentou as folhas das árvores e seus cabelos e Alana sentiu cheiro de umidade e terra molhada, chuva.

Será que Leonardo tinha trazido um guarda-chuva? Poderiam voltar e procurar no carro — *he was a skater boy, she said see you later boy* — uma gota grossa caiu do céu bem no espaço entre seu olho e a lente dos óculos. Alana parou e olhou para cima, era como se Deus estivesse lhe mandando chorar.

Toronto – 25 de maio de 2018

Passaram três noites em quartos separados, cada uma com sua rotina de trabalho, pareciam mais colegas de apartamento do que um casal. Lídia estava ansiosa com a situação, mas tentava dar a Virginia todo o espaço que ela precisasse. Na sexta à noite chegou tarde do trabalho e subiu para o quarto sem jantar. Já estava melhor da gripe, os antibióticos faziam efeito e a garganta havia desinchado, mas se sentia muito cansada, a semana inteira havia sido corrida e quando podia descansar, seus pensamentos não calavam a boca.

Estava enrolada em um cobertor mexendo no celular, vendo a vida dos outros no Facebook, quando Virginia abriu a porta.

— Posso entrar?

— Aham. — Lídia largou o telefone e sentou direito, deixando a coberta cair em volta da sua cintura.

Virginia estava descalça e usando uma calça de pijama com uma camiseta velha e rasgada que costumava ser do pai dela. Ela engatinhou por cima da cama e puxou Lídia para um abraço.

— Eu odeio isso. — Ela murmurou, quando Lídia a abraçou de volta. — É tão estranho dormir naquele quarto sozinha, eu fico acordando e te procurando e lembrando que não to na nossa cama.

— Eu tento fingir que tu está viajando.

Virginia riu e a apertou mais forte.

— Também odeio isso, Nina.

Virginia se afastou um pouco e Lídia beijou sua boca, uma serie de beijos firmes e desesperados.

— Podemos tentar conversar?

— Sim, por favor.

Trocaram mais um beijo, um pouco mais leve e que terminou com um pequeno sorriso de Lídia.

— Tem uma coisa que eu quero te perguntar, várias coisas, na verdade. E se tu não quiser responder, tudo bem, tá?

— Okay. — Lídia empurrou os óculos para cima na ponte do nariz e Virginia passou as mãos pelos cabelos, respirando fundo.

— Antes de a gente decidir sobre a inseminação, quando tu disse que não queria engravidar, era por causa disso?

— Mais ou menos, acho.

— Eu quero saber como foi.

— Não tem muito o que falar, Nina. Acho que quando se tem maturidade, engravidar deve ser uma experiência totalmente diferente.

— Mas foi uma gravidez complicada?

— Não, não... Em termos biológicos, foi tranquila. Só foi muito estranho pra mim, ver meu corpo mudar e não entender direito o que estava acontecendo. Porque tem a mudança visível de aumentar de tamanho, mas tem um monte de sensações estranhas e coisas que eu nunca tinha sentido antes.

Lídia tentou buscar na memória detalhes que pudessem fazer Virginia entender. Muito daquela época era para ela um borrão. Tinha memórias muito pontuais, como a de sentir desejo de café com leite e depois passar a odiar café. Lembrava do desconforto com o calor e depois com o frio e de sentir muita dor nos pés.

— A coisa mais apavorante pra mim, foi sentir se mexendo. O bebê, a coisa dentro de mim, sei lá, era uma coisa viva. Eu achei que tivesse feito algo de errado e que ela tivesse querendo sair antes da hora, era tipo um comichão, cócegas de dentro pra fora, não sei explicar.

— Era ela?

— Sim...

Virginia balançava a cabeça. — Eu não consigo processar que tu tinha só 14 anos. Deve ter sido muito assustador.

— Sim...

— É por isso que tu não fala com teus pais? Eu sempre achei que tinha a ver com...

— Virginia suspirou. — Tu disse uma vez que era mais fácil sair de casa do que sair do armário.

— Eu acho que nunca tive uma briga horrorosa com meus pais. Mas eles não apoiaram a gravidez, nunca foi muito fácil falar com eles, sabe? E quando minha mãe descobriu ela me deixou por dois meses num lugar horrível que era tipo um asilo. Ela sempre disse que tinha me deixado lá porque precisava de tempo pra contar pro meu pai, porque tinha medo de como ele ia reagir. Mas no final acho que foi um castigo. Eu senti

que era um castigo. Eu tinha feito algo que não devia fazer, e acho que parte de mim naquela época achava que merecia o que viesse.

Virginia ficou olhando para ela, sem saber o que dizer.

— Então eu voltei pra casa e meu pai não falou comigo por dias, ele nem me olhava na cara. Até que meu namorado apareceu no nosso pátio um pouco antes de começarem as aulas e foi horrível. Ai ele me disse que não ia pagar por um erro meu e que se eu quisesse ficar com a criança tinha que sair de casa. — Lídia passou a mão na nuca, não se sentia bem, de novo a língua pesava na boca e ela estava um pouco enjoada. — No fim eu acabei dando ela pra um casal que queria muito e foi melhor assim. Depois que ela nasceu a gente nunca mais falou sobre o assunto na minha casa, era como se nada tivesse acontecido.

Virginia apertou seu joelho, Lídia nem tinha percebido que a mão dela estava ali.

— Obrigada por me contar tudo isso.

— É estranho falar. Parece errado.

— Não é errado.

— Eu meio que me isolei de todo mundo depois que ela nasceu, da minha família, dos meus amigos. Eu só queria ficar sozinha e estudar e ir pra faculdade e ter uma vida fora daquele lugar.

— Quanto tempo faz que tu não volta pra Formigueiro?

— Acho que 10 anos.

— E tu não tem vontade nenhuma de voltar?

Pensou na passagem aérea e no cheiro cítrico do sabão caseiro.

— Não.

Formigueiro – 24 de junho de 1995

Na reta final da gravidez, havia preferido ficar em casa. Mas mesmo que não estivesse naquela situação, Lúcia não teria vontade de sair com a família, encontrar amigos, comer pamonha e pinhão no meio da rua. Nunca tinha sido grande fã da festa de São João, que na cidade de Formigueiro era um grande evento envolvendo feira, shows, uma fogueira, exposição e leilão de animais. Seus pais participavam todo o ano, a mãe com o grupo de oração vendendo lenços bordados pra juntar fundos para a paróquia, o pai se envolvendo com os leilões.

A cidade inteira ia para a rua, era um final de semana em que finalmente se tinha algo para fazer. Ela entendia a animação, apenas não compartilhava dela. Ficou em casa com o avô e enquanto ele assistia à programação de sábado do SBT na sala, ela estudava matemática na cozinha. Tinha falhado em prestar atenção nas últimas aulas, seu corpo muito desconfortável nas cadeiras de palha do colégio, a barriga grande demais para as classes pequenas, escrever era ruim e saía da escola sempre com dor nos ombros e um pouco nauseada.

Tinha feito um bom trabalho em se isolar desde que voltara do asilo, sabia que as pessoas comentavam sobre seu sumiço e sobre o estado em que se encontrava, mas preferia não ter que ouvir esses comentários. Se sentia muito burra por estar daquele jeito, esperando uma criança que não queria. Era um alívio saber que em alguns dias tudo estaria acabado e ela poderia voltar a normalidade, talvez até reatar a amizade com Paula e as outras meninas, que haviam ficado magoadas quando ela desapareceu sem dar notícias. Elas não entenderam mesmo quando explicou que não teve escolha se não fazer o que a mãe mandava e que não houve tempo para avisar ninguém.

Estava enrolada em um cobertor xadrez vermelho e preto, sentada perto do fogão a lenha. Fazia um frio que doía nos ossos e a bebê estava quieta pela primeira vez em dias. Não fosse pelo volume da barriga, Lúcia se sentia quase normal. O conteúdo que revisava não era tão difícil e ela gostava de matemática, também era bom estar longe dos pais. Eles mal falavam com ela, mas ela sentia, no silêncio presente deles, uma desaprovação constante e incomoda que machucava.

Terminou um exercício e largou o lápis dentro do livro, fazendo uma pausa para ir ao banheiro, não fazia xixi desde de manhã. Quando sentou no vaso percebeu que sua

calcinha estava molhada e mesmo depois de ter acabado de fazer xixi, o barulho de água caindo dentro do vaso continuava. Talvez tivesse perdido a sensibilidade na uretra, pensou ela, talvez fosse normal na gravidez, ela não tinha ainda certeza de como funcionava naquele estágio. Então ficou sentada no vaso, esperando o xixi acabar, mas não acabava, o barulho se prolongou e ela começou a contar os segundos, quando estava quase nos 60, sentiu uma dor muito forte e aguda, como se alguém tivesse enfiado uma faca dentro de sua vagina.

Lídia prendeu a respiração, a dor se espalhou, subindo para as costas e se abrindo na lombar, como mãos apertando seus rins. Alguns segundos depois, tudo parecia ter voltado ao normal, exceto pelo barulho de água caindo no vaso e então Lídia entendeu que aquilo que saía de dentro dela não era xixi. Levantou, quase não conseguiu puxar as calças para cima, de tão nervosa que estava. A criança tinha escolhido a pior hora pra começar a nascer.

Ela pegou o telefone da sala e tentou ligar para Roberto, foi a primeira pessoa em quem pensou, talvez ele estivesse em casa também. Mas ninguém atendeu. Maldita festa junina. Seus pais estavam na festa e ela não tinha como falar com eles, procurou em sua memória alguém para quem pudesse ligar, mas não teve sucesso. Respirou fundo e de novo uma pontada de dor lá bem embaixo, subindo pelas costas, sua barriga endureceu com essa, estava tendo contrações.

Sentou na sala com o avô, tentou ficar o mais quieta possível, sentia o amontoado de papel higiênico que havia usado para forrar a calcinha empapar com líquido amniótico. O avô, em outra época poderia ajudar, mas ele cochilava na poltrona e a lucidez já o havia deixado há alguns anos, dando lugar ao que o médico chamara de demência senil, às vezes ele nem conseguia reconhecer as pessoas que moravam com ele e Lídia sabia que seria inútil tentar explicar o que estava acontecendo.

Nem 10 minutos se passaram e veio a terceira contração, era muito desconfortável, e as dores vinham sem aviso. Essa terceira sentiu também na parte interna das coxas e nos ossos do quadril. Vai ficar tudo bem, repetia para si mesma, sabendo que ainda era muito cedo para que alguém decidisse voltar para casa.

O hospital não ficava longe, ela podia ir a pé, o único problema além da dor insuportável era que o hospital de Formigueiro não contava com uma ala de maternidade. Todos os bebês da cidade nasciam no hospital de São Sepé. Ainda assim, tentar chegar até lá era a melhor alternativa.

Lídia ficou de pé depois da quarta contração, suas pernas molengas pareciam não saber o que fazer para caminhar. Deixou uma mancha no sofá e saiu sem falar nada para o avô. Dava cada passo com cautela, esperando sentir mais dor como antes. Sua respiração era curta, ela cuidava para não encher demais os pulmões, com medo que algum tipo de pressão pudesse fazer o bebê escorregar por entre suas pernas no meio da rua. Estava passando pela entrada da praça onde acontecia a festa quando veio mais uma contração. Se apoiou em uma árvore, uma farpa cravou fundo em um de seus dedos e a ardência ajudou a desviar sua atenção da dor que fazia a barriga estremecer.

Duas mulheres que fumavam perceberam o que acontecia e foram ajudar. Lídia não registrou quem eram, talvez as conhecesse, mas na hora só conseguia pensar em chegar no hospital. Teve mais duas contrações pelo caminho, elas estavam vindo mais perto uma da outra e durando mais também e seu corpo tinha vontade de fazer força, expulsar aquela coisa para fora.

Quando chegou ao prédio azul do hospital, tudo aconteceu muito rápido, foi questão de minutos entre colocarem ela deitada em uma maca, puxarem suas calças e então a dor ficou mais intensa e um grupo de talvez enfermeiras estavam perto de sua cabeça, lhe dizendo como respirar e quando fazer força. Ela não tinha certeza se estava ou não fazendo o que lhe mandavam, seu corpo parecia funcionar com base no instinto de dar luz.

Sentiu a pressão de algo entalado no seu baixo ventre e apertou com força a mão de alguém, então um alívio e um som agudo rasgando o ar que ela demorou para perceber, era o choro do bebê. Lhe mostraram a criança vermelha e enrugada se contorcendo em um pano sujo de sangue e Lídia virou o rosto para o lado, enjoada. Tinha acabado. Finalmente tinha acabado.

Toronto – 26 de maio de 2018

— Tu não tem curiosidade de conhecer essa menina?

— Ela já tem quase 23 anos, não é mais uma menina. — Já passava da meia noite e continuavam conversando sobre aquilo, Lídia tinha a impressão de que a conversa se estenderia pela madrugada e não se importava, era bom poder falar sobre aquelas coisas com Virginia. Estava sendo mais fácil do que ela esperava. — E na verdade eu encontrei com ela algumas vezes, mas acho que ela não sabe disso.

— Como assim?

— Por três anos morei na mesma cidade que ela e eu cruzei com ela em restaurantes, uma vez no parque e no shopping. Nunca foi nada formal, sempre a distância.

— E como foi?

— Nada de mais. — Falava a verdade. A primeira vez que reconheceu a família adotiva sentiu um aperto no estômago, mas como eles não a reconheceram, relaxou e deixou passar.

— Eu ainda não consigo acreditar que tu é mãe.

— Eu não sou mãe, eu tive uma filha. É diferente.

— Eu sei que é uma avalanche de perguntas e que isso meio que muda o assunto, mas — Virginia tocou o rosto de Lídia, estavam deitadas em um emaranhado de pernas, viradas de frente uma para a outra. — Eu te amo.

— Também te amo. — Sorriu Lídia, ganhando um beijo na ponta do nariz.

— Mesmo se a gente não tiver filhos. — Lídia sentiu frio na barriga ao ouvir aquilo. — Mas eu também amo a ideia de um futuro pra gente.

— Hmm.

— A gente não precisa definir nada. — Disse Virginia, traçando a curva de sua orelha com o polegar. — Eu só não quero que nossos dias sejam exatamente iguais, a gente falando do trabalho e vendo filme e indo pra Niagra Falls nos finais de semana. Sim, isso é ótimo! — Ela apertou um pouco os olhos. — Mas eu quero mais do que isso, entende?

Lídia fez que sim. Sabia o que ela queria dizer. A vida que tinham era boa, estável, mas às vezes parecia que faltava alguma coisa, talvez mais viagens, talvez algo diferente que pudessem fazer juntas.

— Eu quero construir alguma coisa, Líd, nem que sejam lembranças. Nem que signifique planejar viagens maiores pras nossas férias, ou pegar mais um gato, construir uma casa nova, do zero!

— Eu gostaria disso. — Lídia tinha alguns rascunhos de projetos de uma casa dos sonhos, Virginia sabia disso e sorriu.

— Eu quero ser mãe, Lídia. Mas quero ser mãe contigo. Que tu faça parte e que esse desejo parta de ti também.

— Nina... — Virginia tocou de leve em sua boca e Lídia parou de falar.

— Pra mim um filho é uma pessoa com quem compartilhar todas as coisas maravilhosas que a gente construir. E pra passar um pouquinho desse amor todo que eu sei que a gente sente. Ter um bebê é dar sentido pra todas as outras coisas que a gente faz.

— Mas isso tudo faz sentido sem um filho. A diferença é que estamos fazendo por nós.

— Sim. De qualquer forma, eu quero compartilhar tudo isso contigo, Lídia. Só... Tu não quer mesmo ser mãe?

— Eu não sei.

— Se tu tem dúvida, então a resposta é não. — Os olhos de Virginia se encheram de água e ela virou de barriga para cima. — E tá tudo bem.

— Não tá tudo bem. — Lídia se aconchegou a ela, não deixando que Virginia virasse para o outro lado. — Eu te imagino mãe e eu sei o quanto isso te faria feliz.

— Mas não adianta eu querer e tu não.

— Já disse que não é que eu não queira, é só que...

— Hm? — Lídia sentiu uma lágrima de Virginia umedecer sua testa.

— Sabe qual foi a pior coisa de estar grávida?

— Hm?

— Saber que eu não queria aquela criança. — Lídia respirou fundo. — Mesmo que meus pais tivessem aceitado, eu não teria ficado com ela. Eu não queria aquela coisa crescendo dentro de mim. Teve até um dia, logo no começo da gravidez, que eu tive uma queda de pressão porque estava muito quente e sabe o que eu pensei?

— O que? — Virginia voltou a se virar para ela e Lídia fechou os olhos.

— Eu pensei que talvez o teste estivesse errado e aquilo dentro de mim fosse outra coisa, um câncer, ou uma apendicite, algo que um médico poderia tirar e pronto. — Ela se sentia muito mal em retrospectiva, por ter pensado uma coisa daquelas. Era desses pensamentos que vinha o sentimento de vergonha. — Em nenhum momento dos nove meses eu senti amor por aquela criança. E ela era minha.

Virginia chorava sem fazer barulho, mas seu peito subia e descia em soluços irregulares e Lúdia não sabia se ela chorava por causa do passado, ou porque entendia que talvez juntas nunca tivessem um filho.

— Nem quando ela nasceu. Eu não senti absolutamente nada quando me entregaram ela depois do parto. Eu não senti falta dela depois que ela foi embora com a família adotiva. Tudo o que eu queria, desde que descobri que estava grávida, era que a gravidez acabasse. E eu sei que isso é horrível.

— Eu não sei o que dizer.

Devia ser difícil para alguém que quer ter um filho, entender o que Lúdia sentia, mas ela continuou tentando explicar e falando em voz alta algo de que havia se dado conta a pouco tempo.

— Eu tenho medo de ter outro filho e não conseguir sentir nada de novo.

O peito de Virginia parou de se mover com os soluços, como se ela tivesse prendido a respiração e Lúdia levantou o rosto para olhar para ela.

— Eu concordei com a inseminação porque parte de mim acha que se o bebê vier de ti, vai ser mais fácil sentir amor por ele.

Formigueiro – 09 de outubro de 2006

Quando disse para a mãe, quase uma semana antes que queria ir ao velório, não imaginava que se sentiria tão deslocada, seu cenário imaginário não havia dado conta de todos os detalhes. Tinha se visto em uma sala vazia com um caixão aberto e um Roberto que parecia dormir e então Lúdia estaria lá e a sala deixaria de estar vazia e elas se dariam um abraço. E Lúdia faria perguntas sobre a escola e Alana falaria sobre os amigos e sobre os pais e sobre como era boa em ciências e talvez Lúdia fosse cientista e elas pudessem ser amigas.

Só que no mundo real a capela não estava vazia. Também não estava lotada, as pessoas se concentravam do lado de fora e em duas fileiras de três poltronas, uma de cada lado do caixão, fechado. Entre a porta e o caixão haviam cadeiras de plástico ocupadas por pessoas mais velhas que conversavam alto sobre coisas, como se o marido da Adelaide já tinha trocado o motor e tu viu que a padaria vai parar de fazer cucas de chocolate? — *I'm just a girl, can you make it any more obvious* — Alana queria muito poder trocar o disco em sua cabeça.

Ela parou no meio do caminho passando por entre cadeiras, ninguém prestava atenção nela, as pessoas mais velhas entretidas com assuntos aleatórios e os em volta do caixão conversavam como se estivessem combinando alguma coisa. A única pessoa que ela viu chorando foi uma gurria que devia ter uns 18 anos e sentava na primeira poltrona do lado direito, ela cobria parte do rosto com um lenço de tecido. Será que as pessoas do interior não usavam lenços de papel?

Tirou as mãos dos bolsos do moletom, empurrou os óculos para cima como se fosse uma tiara e esfregou as ribanas das mangas com força contra os olhos, tentando fazer com que ficassem vermelhos. Parecia injusto com a gurria lá da frente que só ela estivesse chorando. Alana reconheceu perto dela a esposa grávida de sete meses, ela sentava apoiando as mãos na barriga inchada como um balão surpresa de festa de criança. Tinha a vaga noção de que o bebê dentro dela era seu meio irmão, mas não encasquetou com esse pensamento, estavam mais preocupada com o que deveria dizer para as pessoas, se é que tinha que dizer alguma coisa.

E o que se diz em velórios? Meus pêsames, sinto muito pela tua perda? Falar com as pessoas significava se apresentar para elas. Alana não queria ter que falar com

ninguém. Sentiu de repente o medo que a mãe Marisa tinha dito que sentiria, de ser rejeitada, ou rechaçada. Todos naquele velório eram estranhos e a música da Avril Lavigne continuava em sua cabeça. E seus punhos estavam cerrados com muita força, unhas contra a pele, não a ponto de deixar marcas de meias luas, mas machucando mesmo assim.

Uma das mulheres perto do caixão se virou segurando um terço e começou a puxar uma novena. Alana caminhou um pouco mais para perto e sentou em uma cadeira da primeira fileira, o pai que cuidava dela a seguiu, o tempo todo segurando seu ombro, por um instante havia esquecido que ele estava ali. A ave maria lhe era familiar, ela se juntou a oração silenciosamente, rezando dentro da própria cabeça, tinha medo de errar as palavras se falasse em voz alta. As pessoas do lado de fora entraram aos poucos, como que atraídas pela prece e Alana aproveitou o momento para olhar direito para cada uma delas.

Fez contato com os olhos de vários desconhecidos até se dar conta de que procurava por um olhar em especial. Os olhos verdes da menina da foto da pasta alaranjada. Ela tinha que estar ali. E Alana encontrou alguns olhos verdes, mas nenhum encaixava com a pessoa que ela procurava. Em partes pensava que Lídia seria uma espécie de reflexo seu, podia ver na foto outras semelhanças além do cabelo e a mãe que havia cuidado dela dizia que ela lembrava muito a mãe do passado. Mas não sabia direito o que aquilo queria dizer. Tinha construído toda uma memória ficcional daquela mãe em cima da modesta quantidade de informação que tinha sobre ela.

Pessoas mudam muito em onze anos. Talvez a mãe que procurava estivesse ali e ela não soubesse reconhecê-la. Rezavam o Creio e ela não sabia essa oração de cor, então seus pensamentos já dispersos viajaram ainda mais. Porque ela não queria ter que fazer esse reconhecimento, mas sim ser reconhecida. Alguma das mulheres rezando devia ser sua avó. Talvez tivesse até uma tia ali no meio, mas ainda assim, ninguém tinha vindo falar com ela, ninguém havia sequer lhe lançado um olhar. Sentiu raiva daquelas pessoas que não davam atenção para o fato de que ela estava ali, sentiu raiva de Lídia por ser invisível, de Leonardo por tê-la levado até Formigueiro.

Então seus olhos arderam, não por causa do esfregão de antes, mas porque sentia vergonha por sentir raiva e isso pelo visto a deixava triste. Aprendeu sentada numa sala abafada que cheirava a flores, em uma cadeira de plástico, no meio de estranhos que rezavam pelo pai que nunca chegou a ser seu, que o luto é uma coisa muito complexa. E

que sentimentos não são sempre bonitos e que notícias podem vir de repente, mas o sentir se desvela em camadas.

Toronto – 08 de junho de 2018

Decidiram que seria melhor dar um tempo no processo de inseminação. Ainda não estavam de volta a mesma página, mas pelo menos haviam esclarecido o que cada uma pensava e queria. Os dias voltaram a ter a mesma leveza de antes e a discussão sobre ter ou não ter filhos mudou de sentido quando, alguns dias depois da consulta de acompanhamento no centro de reprodução humana, Lúdia trouxe à tona o assunto do aeroporto.

— Eu sei que tu estava passando por um momento de estresse, mas ainda acho que tu deveria ir ver um médico. Ou um psicólogo. — Estavam indo de carro para Vitoria visitar o pai de Virginia, Lúdia dirigia e o espelho retrovisor mal ajustado fez com que lembrassem do assunto.

— Eu também acho, faz tempo que estou com alguns números de psicólogos para entrar em contato, mas queria falar contigo antes. — Lúdia vinha pensando na possibilidade de sugerir que fizessem terapia de casal também, antes que a questão da maternidade voltava a pesar. Formulava uma frase pra apresentar essa possibilidade, mas Virginia a interrompeu.

— Ah, tem uma coisa que eu queria te falar, fui comprar alguns livros pela Amazon essa semana e eu acho que o teu cartão de crédito está estourado. — Usavam sempre o mesmo cartão de Lúdia para todas as compras online, Virginia não gostava de ficar cadastrando vários números com medo de terem os cartões clonados.

Estavam em uma parte da estrada em que as estações de rádio não funcionavam muito bem e Lúdia apertou um botão no painel para tocar músicas do celular que estava conectado ao carro. Sabia que a passagem para o Brasil havia estourado seu limite e isso era outro assunto que queria tratar com Virginia há tempos.

— Quando a gente voltou para casa naquele dia do aeroporto eu achei no meu bolso uma passagem amassada. Foi isso que estourou meu cartão. — Lúdia viu pelo canto do olho que Virginia fechava a cara. — Mas não se preocupa, eu já resolvi com a companhia aérea.

— Eles estornaram?

— Não, tava muito em cima pra estornar, mas agora eu tenho um ano pra usar a passagem.

— Tu comprou isso aquele dia no aeroporto?

— Não, alguns dias antes, pela internet.

— Por quê?

— Não sei. — Lídia mordeu o lábio. — Eu meio que não lembro de ter feito a compra.

— Assim que a gente voltar pra Toronto, eu vou te levar num médico. — Virginia soava mais preocupada do que brava ou irritada.

— Eu acho que não aconteceu de novo desde o aeroporto.

— Ainda assim...

Ficaram em silêncio por alguns quilômetros, ouvindo a playlist aleatória que tocava no rádio, algumas músicas brasileiras dos anos 90, Lídia estava em uma fase de ouvir Legião Urbana sem parar. No meio da versão acústica de *Hoje a noite não tem luar*, Virginia voltou ao assunto.

— Pra onde era a passagem?

Lídia esperou a música acabar para responder, era uma de suas preferidas.

— Brasil.

Mais uma música passou antes que ela retomasse.

— Eu acho que talvez fosse bom. — Disse Lídia.

— O quê?

— Visitar, só por uns dias.

Virginia sorriu. — Seria sim.

Fim

1. Fragmentos teóricos, ou ensaio coagulado

1.1. “Assuma o comando da sua vida!” Diz a mensagem que acabei de receber de uma colega psicóloga, também especializada em coaching. “Foco!” Diz Daniel Goleman, a lombada do seu livro me observa de seu lugar na prateleira, foi um presente da minha mãe alguns anos atrás, até comecei a ler quando ganhei, mas me faltou justamente o que o título vende: foco. Quando pego o celular para procrastinar um pouco em redes sociais, propagandas do Instagram anunciam uma espécie de curso para melhorar desempenho e garantir resultados. Sim tudo isso chama atenção e existe importância no foco, no controle e nos resultados, mas também percebo que estudar escrita criativa vai contra todos esses preceitos hipervalorizados hoje. O ensaio que apresento agora acompanha um processo e considera seu resultado como gesto inacabado (SALLES, 2013). O que dá fôlego ao meu movimento criativo é o oposto do foco, grande parte dos meus insights surgem quando estou mais distraída. Os fragmentos a seguir estão ordenados de acordo com os acontecimentos dos últimos dois anos a partir do início do curso até seu encerramento em janeiro de 2019. Não existe um aprofundamento teórico exaustivo dentro de limites definidos, mas sim observações subjetivas e comentários sobre algumas das leituras e eventos que tiveram sentido para mim durante o processo de criação da novela *Um milhão de segundos*. Na sequência, a fim de ilustrar o processo criativo, apresento trechos, comentários e diferentes versões das personagens e capítulos da novela.

1.2. Se você procurar a palavra coágulo na internet, vai encontrar muito material sobre acidente vascular cerebral (AVC). Se seguir passando pelas páginas do mecanismo de buscas, eventualmente vai encontrar artigos sobre queijo e coalhadas. Isso porque um coágulo é, segundo o Dicionário Aulete (2011), “uma massa sólida ou semissólida resultante do processo de coagulação”. Abaixo do verbete “coágulo”, se encontra o “coágulo sanguíneo” que refere a um terceiro verbete: “trombo”. Saindo do dicionário e entrando em um livro de hematologia (RAPAPORT, 1990), vemos que a coagulação do sangue é importante, se o sangue não coagulasse, não haveria cicatrização e corte de papel seria uma causa de morte comum. Existe, porém uma condição chamada trombofilia, quando alguém começa a produzir coágulos excessivos que obstruem vasos importantes, podendo levar a morte, perda de membros ou necrose de partes vitais do corpo, como intestinos, pulmão e cérebro.

Em 12 de junho de 2017, uma tontura atípica me levou ao pronto atendimento do Hospital São Lucas. O plantonista que me atendeu pareceu tranquilo, disse que provavelmente estava relacionado a oscilação de pressão, mas por descargo de consciência, pediu uma tomografia. Cinco horas depois, na reconsulta, o mesmo médico não estava mais tranquilo e nem sozinho na sala, uma residente da neurologia sentava com ele. Foi quando tive a notícia de que sairia do plantão para a unidade de tratamento intensivo pois haviam identificado uma formação de trombos arteriais no meu cérebro.

Passei muito tempo em hospitais antes disso, acompanhante oficial das minhas avós, uma vítima de AVC e outra com doença de Alzheimer, mas aquela foi minha estreia como paciente e entra na lista dos piores dias da minha vida. A hospitalização não poderia ter acontecido em pior momento, tinha um romance para escrever, coisas para ler, trabalhos para entregar. A vida parou por quase dois meses, até o início do segundo semestre. O neurologista afirmou que pegamos o coágulo em tempo de reverter e que eu não deveria ter sequelas, mas precisaria tomar anticoagulantes por tempo indeterminado. Aí teve início outro capítulo da novela da vida, que se estende até 2019: estabilizar o quadro com um medicamento instável que precisa ser controlado com exames semanais. Se o fator de coagulação sobe muito, corro o risco de formar novos coágulos, se ele baixa muito, existe a chance de ocorrer hemorragia interna. Toda a batida, tropeção, queda de escada se convertia em hematomas gigantescos que pareciam bolhas de sangue na minha pele. “O equilíbrio é difícil de encontrar”, disse meu hematologista, “mas seguimos tentando”.

1.3. A partir de então, me tornei mais consciente do meu próprio cérebro, passei a considera-lo minha ferramenta de trabalho. Saí do hospital para a casa dos meus pais com a expectativa da normalidade, que não veio. Imaginava que chegaria em casa e conseguiria dar conta de todas as pendências que deixei antes de ficar doente e vi que algo não estava funcionando. Minha visão estava atrapalhada e até hoje tem momentos em que ela fica estranha, como quando se está viajando em um dia muito quente e se consegue ver as ondas de calor levantando do asfalto, embalando o cenário com curvas invisíveis. Essa sensação se tornou para mim recorrente e atrapalha muito na hora de escrever e ler, essas ondinhas de calor no asfalto (não sei explicar de outra forma) me deixam enjoada se foco em um ponto por muito tempo. Passei a associar as tentativas de trabalho à sensação ruim e me sentia mal todas as vezes que sentava e abria as primeiras versões do romance junto com o roteiro dos capítulos, resultado: não rendia. Durante a

noite tinha várias ideias aleatórias que enviava para mim mesma no formato de áudios via Whatsapp. O problema não era a falta de ideias. Assim como um coágulo é uma maçaroca de sangue, meu poder de ação sobre o criar estava coagulado em uma maçaroca de ideias. Então o problema: como se desmancha um coágulo criativo?

Era um estado de desorganização mental, minha produção não acompanhava o ritmo do pensamento, que se acumulava nesse coágulo que crescia e eu tinha consciência que se encaixava no conceito de bloqueio criativo, definido por Moore (2017) como uma barreira indefinida entre a criatividade inata do autor e sua capacidade de produzir algo que lhe satisfaça. Passei por outros momentos de bloqueio durante o período de criação da novela, mas nenhum como aquele, logo no começo. O que fiz (de maneira inconsciente) foi “aceitar a intervenção do imprevisto”, como Salles (2013) sugere: deve haver uma tendência norteadora do processo criativo, mas é importante permitir que a intuição e o acaso interfiram no trabalho.

Tinha consciência do meu próprio mal-estar físico e psicológico também, advindo do medo de morrer, que era irmão siamês do medo de não conseguir escrever. Esses medos gêmeos causavam uma ansiedade que levava a um bloqueio, que causava mais ansiedade, que por sua vez bloqueava minha escrita e considero esse ciclo sem fim mais um coágulo dentro do processo de produção da novela. Essa consciência em partes nociva de meu próprio desconforto atrapalhou até o momento em que, ao final do segundo semestre, consegui associa-la a experiência de dissociação pela qual minha personagem central, Lídia, deveria passar. Essa pequena associação entre meus sentimentos de medo e ansiedade e as angústias da personagem foi o remédio necessário para desmanchar a maçaroca de ideias e voltar a escrever, no começo de 2018.

1.4. Depois de escrever os primeiros capítulos de Lídia, passei a me preocupar com a parte teórica, uma vez que a qualificação se aproximava. Antes do mestrado, nunca tinha escrito um ensaio, nem pensado muito sobre como um ensaio deveria ser em estrutura. Quando apresentaram a proposta de trabalho final para o curso, o que lembro de ter sido passado foi que haveria uma parte prática na forma de romance, novela, roteiro, contos, poesia (poderia ser qualquer coisa, desde que literatura), e uma parte teórica. A parte teórica poderia ser um diário de criação, um ensaio teórico sobre alguma coisa relacionada ao trabalho prático, ou uma mistura dos dois (que acredito ser o meu caso, nem exatamente um ensaio, nem exatamente um diário).

Lendo Adorno (2003), entendi o ensaio como algo que não busca apresentar respostas fechadas, mas sim acompanha o movimento do pensar, indo contra a rigidez científica e acadêmica com a qual estava acostumada. O ensaio, neste caso, parte da minha experiência individual de produzir uma novela. O mestrado em Escrita Criativa flexibiliza barreiras entre arte e ciência de modo que minha novela passa a caber dentro do ensaio sobre sua criação, acompanhada de apontamentos teóricos e ateóricos que se relacionam com o gesto criativo na medida em que ele se desenrola.

1.5. Henry James (2015) uma vez escreveu que “*the house of fiction has in short not one, window, but a million*”. A frase sugere todas as possibilidades criativas contidas em um indivíduo, no caso o escritor de ficção. Pensando desse modo, cada escritor possui sua própria *house of fiction*, o que se vê pelas janelas é limitado pelos contextos e experiências do autor, que servem como *locus* para essa casa. Essa metáfora serviu para que eu compreendesse melhor o conceito de poética como conjunto de elementos necessários ao artista para que seja possível criar.

Lasky (2012) fala sobre produções teóricas dentro de cursos de escrita criativa como algo que ainda não tem forma definida e consolidada, porém em geral causa grande ansiedade nos alunos, por vezes atrapalhando o desenvolvimento das produções ficcionais. Ela sugere, em seu artigo, que para que seja possível desenvolver um bom trabalho tanto teórico quanto prático, é importante que o escritor em formação esteja familiarizado com seus modos, caminhos, processos, referências, ou seja é preciso conhecer o local onde se encontra sua *house of fiction* para então poder abrir as janelas e explorar.

1.6. Sob reflexão, são vários os fatores contextuais que sevem de *locus* para a minha *house of fiction*. Partindo das minhas referências literárias iniciais que são mencionadas na novela sempre que alguma personagem está lendo, Agatha Christie, Meg Cabot, J. K. Rowling, Stephen King, foram os primeiros “livros grandes” pelos quais me interessei e todos têm em comum uma prosa fácil e leve. Com o tempo, meu gosto foi se tornando mais refinado e relendo alguns dos livros da Meg Cabot depois de adulta, por exemplo, sinto um grande desconforto pela previsibilidade da trama, porém ainda hoje, quando penso em tirar férias e ter um tempo para ler por lazer, procuro leveza narrativa, prefiro o texto coloquial do que prosas densas. Essa afinidade com o estilo de literatura, talvez

mais comercial, tem relação direta com a minha escrita, que também é coloquial e de linguagem simples.

Minha formação como psicóloga afeta o direcionamento que eu dou para o que escrevo, tendendo a focar nos sentimentos e no mundo interno dos personagens, ou nas relações, trabalhando com diálogos. A personagem central da novela foi desenvolvida a partir do meu conhecimento prévio sobre transtorno de ansiedade e as relações do mesmo em comorbidade com pânico e episódios dissociativos como mecanismo de defesa (CLARK; BECK, 2011). O contato mais profundo com os sentimentos dela só aconteceu devido aos sintomas de ansiedade que experienciei depois do coágulo (de sangue).

Ter trabalhado por quase três anos em escolas de ensino fundamental acompanhando crianças de mais ou menos 11 anos certamente foi útil na hora de escrever os capítulos da Alana. Meu histórico de relacionamentos (tanto meus quanto os que observo dentro do núcleo familiar), alinhados aos meus valores e ao meu entendimento de o que é uma boa relação conjugal como psicóloga, contribuíram para desenvolver uma relação saudável entre Lídia e Virginia, mesmo que permeada por conflitos. Existia um potencial catastrófico muito maior no que diz respeito ao casamento delas, foi uma opção consciente que elas tivessem uma resolução tranquila e isso está relacionado também ao meu contexto profissional trabalhando como psicóloga voluntária da Vara de Violência Doméstica por três anos logo antes de iniciar o mestrado. Acompanhei muitas pessoas (em sua maioria homens, mas mulheres também) tentando reparar relacionamentos após rompantes de raiva que levaram a agressão e também pessoas com medo dessas violências abruptas. Dentro da minha experiência, o que gerava os confrontos mais agressivos, além de agravantes externos como questão financeira e problemas com família estendida, era a falta de comunicação, respeito e admiração. Quis, na novela, criar um casal saudável onde essas coisas ainda existem e mesmo assim a relação se desgasta por motivos maiores, podendo ser remediada através do diálogo.

Também a psicologia contribuiu para o desenvolvimento das personagens Lídia e Virginia pensando na relação indissociável entre memória e identidade (CANDAU, 2011). Não existe futuro que anule o passado e nosso repertório comportamental é aprendido durante a infância e a adolescência (BECK; BECK, 2013). Lídia cresceu em uma família que não conversava e depois que teve a bebê, em casa, não voltaram a tocar no assunto, ela se transforma em uma adulta que ainda tem dificuldades em expressar sentimentos pela fala. Após ter a bebê e decidir entregá-la para outra família, Lídia passa a apresentar um comportamento de esquiva quando se trata de tomar uma decisão

semelhante com Virginia no presente. Já Virginia, ao final da novela, menciona o suicídio da mãe, que não é explorado a fundo, mas é um fator importante na criação da personagem que adulta, está sempre preocupada com Lídia e se assusta quando acorda no domingo pela manhã e não a encontra na cama. Também justifica todo o valor que ela dá para o diálogo e para falar abertamente sobre sentimentos e pensamentos.

O tempo curto para desenvolver uma narrativa longa também está dentro do meu contexto e em decorrência disso, optei por cortar um personagem que não sentia estar se desenvolvendo na velocidade necessária, como explicado mais adiante.

1.7. Para além do meu contexto como autora, a produção da novela acabou se revelando uma sequência de tentativas e erros e então novas tentativas, identificar os coágulos criativos e desmanchá-los. Como disse meu hematologista “o equilíbrio é difícil de encontrar, mas seguimos tentando”. Mesmo após a entrega para a banca, ainda entendo que existem possibilidades a serem exploradas e talvez, agora sem prazos, eu consiga transformar a novela em um romance. Em seguida apresento trechos e fragmentos da novela em diferentes estágios como exemplos das mudanças que ocorreram durante seu processo de criação.

2. Nascimento da ideia

A ideia que deu origem a novela foi se desenvolvendo ao longo de vários anos, em retrospecto, o primeiro dos pensamentos aleatórios que aglutinados culminaram na narrativa apresentada, aconteceu em 2010. Um fim de tarde típico na livraria onde trabalhava – fins de tarde eram sempre o horário de pico – pessoas saíam do trabalho e passavam para dar uma olhada nos livros, marcavam encontros ali antes das aulas na faculdade que ficava há uma praça de distância, havia também aqueles que precisavam de alguma coisa de papelaria e então acabavam sendo fisgadas por uma capa interessante, ou pela abrupta lembrança de um título que há séculos queriam conferir.

Num desses finais de tarde, uma cliente apareceu procurando um presente, tinha o título do livro: “A Galinha que Criava um Ratinho”, da Ana Maria Machado. Não tínhamos na loja e ela pediu se eu sabia de alguma coisa para ajudar a falar sobre adoção com uma criança pequena. Não havia nada que eu soubesse de cabeça e procuramos, mas não encontramos nenhuma das alternativas em estoque. Encomendei o livro para a moça e esqueci do caso.

Alguns anos depois, em 2012, durante a faculdade, em uma aula da disciplina de Teoria Sistêmica¹, o assunto da adoção voltou e descobri que uma das minhas amigas mais próximas, colega do curso, mas também ex-colega do ensino médio, era adotada. Ela trouxe o próprio caso para discussão em sala de aula, como sua família conhecia os pais biológicos e ela sabia quem eles eram, mas nunca teve muito contato com eles, porém conhecia a avó biológica, mãe da mãe, que fazia limpeza na casa dos seus pais adotivos quando ela era pequena.

Nessa época, eu trabalhava como monitora de educação especial em uma escola do município que ficava bem no interior, quase saindo da cidade. Depois da aula de Sistêmica sobre adoção, passeia perceber que na escola haviam vários casos de adoção irregular, como o da minha amiga. O tema ficou incubado por um tempo até que em 2014 escrevi o seguinte conto:

Conversa noturna 2014

Uma bicicleta vermelha corria pelas ruas da cidade silenciosa, as poucas pessoas que já estavam acordadas olhavam com curiosidade para a figura encapuzada que rumava em direção ao cemitério.

O vento gelado batia violento contra seu rosto, mas Alana não se importava, pelo menos havia parado de chover. A notícia da morte de Judite tinha chegado a sua casa na noite anterior e a fez sentir algo estranho. A menina sabia quem era sua mãe e também que Judite era sua avó biológica, mas não havia uma conexão real, ela nem ao menos havia visto a mulher pessoalmente, mas ainda assim, precisava fazer isso.

Marisa ficaria muito magoada se soubesse o que ela estava fazendo. A menina estacionou a bicicleta em uma árvore ao lado do portão do cemitério e mandou sua mãe adotiva para longe de seus pensamentos.

Alana era muito esperta para uma menina de apenas 11 anos e tanto Marisa quanto seu atual marido jamais haviam lhe negado a autonomia de ir sozinha aos lugares que queria, desde que permanecesse nos limites da cidade e avisasse previamente. Essa vez não era diferente, exceto pela parte do aviso. Mas ela pretendia estar de volta em casa quando eles acordassem.

A menina não sabia exatamente em que parte do cemitério Judite estava enterrada, mas deixou-se guiar pelos próprios pés que pareciam ter vontade própria e quando percebeu, estava em frente a uma grande cruz de mármore enfeitada com flores

¹ Área da psicologia que estuda família.

falsas. A terra ali ainda não havia sido coberta pela grama e seus olhos encontraram a escritura que identificava a pessoa aos seus pés. ‘Oscar Schultz’ Leu ela, sentindo-se um pouco desapontada.

Três sepulturas de distância, ela viu outro monte de terra sem grama e se aproximou hesitante. O epitáfio não era em forma de cruz, na verdade, não passava de um grande quadrado de pedra grudado ao chão. Várias flores novas, porém ressecadas pelo frio repousavam em torno da pedra aonde se lia o nome que ela procurava. ‘Judite F. Medeiros’.

— Pronto. Estou aqui. — Disse ela em voz alta, sem saber exatamente o que fazer agora que havia chegado onde queria. Ela se perguntou se sentiria o mesmo quando finalmente encontrasse Erica.

Ela não tinha pensado em levar flores e nem nada do gênero, não sabia se podia fazer isso, afinal, não era oficialmente da família. Alana notou que um vaso caído escondia a foto que acompanhava a escritura e ficou de cócoras, ajuntando-o e espantando a terra para o lado. — Oi... — murmurou ela, admirando a foto. Não era tão recente quanto a do jornal, reparou a menina, mas Judite definitivamente tinha sido muito bonita. — Eu... Eu sou Alana, não sei se você lembra de mim, acho que você só me viu uma vez, no dia em que eu nasci.

Ela não sabia se estava tudo bem falar dessa forma, mas fora até o cemitério justamente para isso, conversar. Não que esperasse uma resposta, é claro, tinha onze anos, mas não era burra.

— Eu só passei por aqui para me despedir e dizer que sinto muito por não ter te conhecido de verdade. — Ela queria poder conversar com alguém, falar em voz alta sobre o assunto que vinha sendo evitado desde que ela se lembrava por gente.

— Caso você ainda não tenha percebido, eu sou sua neta, a filha da Erica... Minha mãe diz que me pareço com ela e pelo que vi na internet, ela meio que tem razão... Eu queria poder conhecê-la. Você acha que ela gostaria de me ver? — A loirinha fez uma pausa, como se esperasse por uma resposta. — Minha mãe diz que quando eu tiver a idade certa vou poder ir visitá-la, mas até lá, eu tenho que esperar. Acho que é o meu padrasto quem diz essas coisas pra ela, muita coisa mudou desde que eles casaram. Até a Olivia parou de visitar. Eu sinto saudades da minha prima... Às vezes eu gosto de fingir que ela é minha irmã mais velha, ela é legal.

Alana mordeu o lábio e contornou a moldura da foto com a ponta dos dedos.

— *Eu acho que quis vir falar com você por que você é parte dela. Da Erica. Da minha mãe. Não sei se posso chamar ela assim, minha mãe adotiva não gosta quando falo dessa forma. Acho que ela sente ciúmes... Mas ela não percebe que eu nunca conseguiria amar alguém tanto quanto a amo, nem mesmo a Erica, que é minha mãe de verdade... A Marisa cuida de mim desde que eu nasci, ela é minha mãe. Mas Erica também é, de uma forma diferente. E eu acho injusto que não me deixem conhecê-la.*

Ela tirou o capuz, revelando cabelos loiros muito claros e finos presos em um rabo de cavalo mal amarrado. Suas feições eram delicadas como as de Erica, se não mais, e seus olhos eram de um verde escuro e profundo como os de Roberto.

— *Eu quero tanto conhecê-la... E meu pai também.* — *Alana secou algumas lágrimas dos olhos com as mãos e apertou um pouco mais a manta que envolvia seu pescoço.* — *Mas eu sei que minha mãe iria ficar triste se eu fizesse isso pelas costas dela. Eu queria conversar com alguém, Judite, vó, mas não tenho ninguém.* — *Ela acabou sentando e cruzando as pernas como índio.* — *Eu não quero falar sobre isso com meus amigos da escola por que eles não iriam entender, os filhos do meu padrasto são muito parecidos com ele para entender e minha mãe... A Marisa... Ela não quer ouvir.*

Alana começou a arrancar tufo de grama e jogar os pedacinhos para os lados. — *Talvez você pudesse me ajudar se estivesse viva. Mas eu sei que não estaria conversando contigo se você estivesse viva...* — *Ela esfregou as mãos geladas uma na outra e observou a fumaça formada por sua própria respiração.* — *Vó, Judith, Sra. Medeiros, eu não sei o que fazer. No meu lugar, o que você faria?* — *Ela suspirou e olhou para o céu no exato momento em que o relógio apitou.*

A menina loira levantou de um pulo, já eram seis e vinte da manhã. — *Eu tenho que ir agora, se não vão perceber que eu saí...* — *Ela passou a ponta do tênis pela beira da pedra com que conversava.* — *Foi bom te conhecer.* — *Murmurou ela, sem saber o que mais dizer, sem querer ir embora, algo naquele lugar era estranhamente reconfortante. Alana ajeitou as flores novamente antes de dar as costas e desaparecer pelos portões do Cemitério Municipal.*

Talvez esse trecho que chamei de conto se encaixe melhor na categoria fragmento, uma vez que não tem continuação, nem nada desenvolvido antes. Os pensamentos sobre adoção saíram nesse bloco de texto solto e permaneceram assim por mais dois anos, até

que participei, depois de formada, da oficina de criação narrativa oferecida pelo professor Assis Brasil na PUCRS².

Durante a oficina fomos convidados a criar um personagem que nos acompanharia durante o ano, sendo protagonista de nossas atividades. A personagem que criei, originalmente, não tinha nada a ver com Alana. Seu nome era Joana e ela era uma obstetra que não queria ser mãe, porém acabava engravidando do irmão de uma amiga, essa amiga, por sua vez, queria muito ter filhos, mas não conseguia engravidar. Joana se dispõe a dar a criança para a amiga quando ela nascer e o pai/tio concorda com a decisão, porém a gravidez mobiliza questões dela e ela já não sabe mais se quer ou não abrir mão do bebê.

Eu não sei porque o tema gravidez e maternidade chama tanto minha atenção, não é uma questão pessoal, ou pontual para mim, apenas desperta meu interesse. É um tópico que reverbera nos meus pensamentos e acaba rendendo ficções. Mas a partir da Joana, surgiu o *plot* da Lídia e da Virginia. No final da oficina, o professor Assis Brasil deu espaço para escrevermos sobre qualquer coisa, um texto para apresentar para a turma.

Como morava em Caxias, depois das aulas, voltava de ônibus junto com um outro colega da mesma cidade e no dia em que a tarefa foi anunciada, passamos o caminho conversando sobre as possibilidades. Eu falava sobre Joana e sobre o que aconteceria se ela decidisse ficar com o bebê e meu colega respondeu que era fácil de resolver, só fazer a amiga dela adotar outra criança. O comentário dele me fez lembrar de Alana e chegando em casa, produzi o seguinte texto:

A Morte da Genética 2016

A qualidade imprevisível da vida muitas vezes nos coloca em posições que gostaríamos de evitar. Como um universo de planetas em órbita que em sorte se alinham, foi em um sábado tranquilo, que Alana se viu, aos onze anos, atrelada ao imprevisível. O desencadeante dos eventos daquela tarde foi o hábito adquirido com o pai adotivo de folhear o jornal todas as manhãs. Gostava de ver as fotos e ler algumas das manchetes em voz alta para a Mãe que preparava o café. As que mais chamavam sua atenção, de modo geral envolviam animais, crianças e eventos musicais os quais ainda era muito nova para frequentar sozinha (mal podia esperar pelos 16 anos). Encontrava certa satisfação também em ler os anúncios de nascimento e morte, buscando por nomes engraçados e estranhos, os quais comentava com a Mãe entre risadinhas.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Era parte de sua rotina, nada fora do convencional. Naquela manhã de sábado, porém, a declamação de nomes perdeu a graça quando o mais comum deles ecoou em sua voz pela cozinha.

Roberto Homem

Em todos os seus onze anos de vida, nunca havia sentido real necessidade de conhecer seus pais biológicos. Talvez por medo, ou por achar que o desejo de saber mais sobre eles entristeceria a mãe adotiva e ela odiava chatear as pessoas. Havia sido desejada por aquela que chamava de Mãe desde muito antes de seu nascimento, o que não significava que não sentisse certa curiosidade velada sobre sua procedência.

Das breves conversas que teve com a Mãe sobre o assunto, conseguiu extrair dois nomes. Sabia também que eles eram muito novos quando ela nasceu e que ambos haviam sido alunos da Mãe, quando ela ainda dava aulas de biologia em um colégio no interior do estado.

Nunca havia enunciado o nome de seu pai biológico em voz alta até o momento em que o leu no obituário. Estaria mentindo se dissesse que nunca havia procurado por ele na internet. Sempre os buscava no Orkut quando a Mãe a deixava de castigo, fantasiando com o dia em que seria resgatada por Roberto e Lídia e levada para uma casa gigante, cheia de chocolates, onde ficaria acordada até tarde e principalmente, sem castigos.

Não sabia o que entender da associação entre o nome de seu pai e o obituário. Roberto Homem era comum o bastante, podia ser qualquer pessoa, porém a mudança no olhar de sua mãe quando viu a foto que acompanhava o anúncio ativou algo dentro dela. Fechou o jornal e o empurrou para longe, derrubando um copo de suco que lavou a mesa e gotejou no piso cerâmico. Cruzou os braços, sentindo o estômago embolar e o queixo tremer contra a sua vontade.

— Mas ele nem é velho — foi o que saiu de sua boca em resposta ao abraço da Mãe.

É difícil olhar para o passado quando se tem toda uma vida pela frente. Não reconhecia ninguém dentro da capela. Pessoas de todas as idades e aspectos, algumas sentadas em pequenas poltronas cor de nada e outras em pé, formando bolos de conversa das quais captava uma que outra palavra.

— ... bom rapaz...

— ... nunca devia ter deixado...

— ... acidente...

*

Já passava do meio dia quando Alana entrou no quarto da Mãe com um pedido. Queria ver seu pai. A viagem até a capela da cidadezinha foi silenciosa. Tinham uma hora até o enterro.

*

Não era uma sala cheia, a luz baixa na entrada ia aumentando conforme se aproximava do caixão, isso mais as cadeiras escuras davam uma sensação de abarrotamento. Alana entrou com sua mãe, mas mesmo segurando a mão dela, sentia-se sozinha. Pessoas choravam em diferentes partes, passaram por um grupo que conversava gravemente ao lado da porta.

Não reconhecia ninguém. Todas aquelas pessoas eram mais íntimas do homem morto do que ela jamais seria, porém, a conexão que tinha com ele era única. Marisa parou no corredorzinho estreito entre cadeiras e passou o braço por seu ombro. Alana aceitou a pausa. Não parecia certo chegar tão perto do corpo. A família que o velava era um escudo assustador.

Uma mulher mais velha sentava na primeira poltrona a esquerda, segurava um terço com dedos frouxos, como se o objeto tivesse sido colocado ali contra sua vontade, não chorava. Já os olhos da jovem ao seu lado vertiam lágrimas sem parar. Seu rosto não parecia chorar, o olhar fixo no castiçal na parede oposta. Uma terceira moça parada atrás dela abraçava seus ombros e mexia em seus cabelos tingidos de marsala.

Alana tinha certeza que a que segurava o terço era sua avó. Uma das outras era sua tia. Talvez por acaso, os homens estavam todos do outro lado do caixão. Pareciam mais abalados que as mulheres, um senhor com bigode cheio tinha o rosto vermelho vivo e segurava um lenço de tecido azul contra o nariz.

Seu interesse se voltou para o resto do velório. Procurava algo sem saber exatamente o que. Queria ir embora. Não fazia parte daquilo. Ao mesmo tempo, queria falar com a mãe dele. Chegar perto o suficiente para ver a foto atrás do caixão, fechado em função do fogo. Será que se chegasse mais perto, a reconheceriam? Será que se parecia com ele? Marisa, sua mãe adotiva, já havia dito que seus olhos eram iguais aos de Roberto, mas seu olhar era de Lídia.

Era isso que procurava. Um espelho do próprio olhar. Mas não entendia exatamente o que Marisa queria dizer por olhar. Depois de ouvir aquilo, alguns dias antes do velório, tentou observar-se no espelho de casa. Eram muitos pares de olhos e os

olhares eram quase todos tristes. Não conseguia se ver em ninguém. E então se sentiu traindo Marisa. Uma mãe do seu lado, a outra perdida sabe-se lá aonde e que diferença faria encontrá-la? E que garantias tinha de que a encontraria ali? O que diria se a visse?

Começou a sentir medo da possibilidade de realmente cruzar com ela. Abaixou os olhos para o chão, seu queixo tremeu, uma lágrima escorreu da bochecha a ponta do nariz, pingando no chão entre seus sapatos.

— Podemos ir embora?

Depois que escrevi esse segundo conto, fiquei curiosa em saber mais sobre essa mãe que ela procurava. Assim, aos poucos, fui criando uma imagem mental de quem seria Lídia. Um milhão de segundos começava a tomar forma. Com a aprovação no mestrado, optei por me dedicar a desenvolver este projeto.

Relações dos contos com *Um milhão de segundos*

Apesar de ter se desenvolvido para muito além desses dois textos, é possível apontar algumas relações entre este ponto e a versão apresentada para a banca. Alguns aspectos permaneceram, ou foram reaproveitados em outros contextos, o movimento presente no primeiro capítulo de *Um milhão de segundos* com a ida de Lídia ao aeroporto é derivado do trajeto de Alana até o cemitério no texto de 2014. Os nomes engraçados que Alana procurava no obituário do segundo conto foi o mesmo recurso utilizado para abordar a questão da inseminação entre Lídia e Virginia. Também no segundo conto, aparecem os devaneios de Alana sobre ser resgatada pelos pais biológicos, o que permanece na novela.

Alguns detalhes de aparência física mudaram, como os olhos de Roberto que passaram de verdes para castanhos e os cabelos de Alana, que nos contos eram loiros e na novela são negros. O nome de Lídia mudou já na segunda versão do conto, na primeira era Erica.

Em minha concepção inicial, Marisa teria adotado Alana sem um pai, por isso aparecem menções a padrastos e o elo da adoção era o trabalho dela como professora de Lídia e Roberto. O conflito que envolvia a personagem Alana era outro, muito mais relacionado com conhecer a mãe biológica e não querer chatear os pais adotivos. Repensando essa personagem, senti que ela trazia uma maturidade emocional que talvez não fosse tão apropriada para uma criança de onze anos. Na novela ela se tornou um pouco mais egocêntrica, uma vez que esse comportamento encaixa melhor dentro do desenvolvimento esperado de uma pré-adolescente (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

3. Sinopses

3.1. Versão primeira – junho de 2017

Roberto, adolescente em 1995, recebe a notícia de que será pai. Em 2006, Alana encontra um pedaço de sua história em uma reportagem de jornal. Lídia toma, em 2018, uma decisão que a faz reviver a angústia de uma escolha feita no passado.

3.2. Versão final – novembro de 2018

Lídia sofre com crises dissociativas e episódios de ansiedade que a obrigam a revisitar o passado e falar sobre angústias há muito silenciadas. Enquanto isso, Alana recebe uma notícia que a faz questionar o modo como se relaciona com o mundo.

3.3. Notas sobre o que mudou

Observando apenas as sinopses já se pode perceber o quanto a narrativa mudou desde que foi concebida, em junho de 2017. Passa de três personagens centrais para duas, a rigidez temporal não aparece mais na segunda, que traz também detalhes mais específicos sobre os conflitos das personagens.

Quando a primeira sinopse foi escrita, a estrutura planejada para a novela era muito diferente, a ideia era que houvessem três personagens centrais, cada um explorado dentro de um limite de 11 dias. A narrativa seria dividida em 33 capítulos, 11 para cada dia de cada personagem. Na hora de escrever percebi que seria difícil manter essa estrutura, o conflito de Alana era o único que cabia no espaço de 11 dias, o que dizia respeito a Lídia e Roberto demandava mais tempo narrativo para ser explorado. Então antes mesmo de esboçar a primeira versão, esse plano foi por água abaixo. A seguir apresento os personagens e as versões do roteiro estrutural da novela, onde as decisões tomadas se tornarão mais visíveis.

4. Personagens

4.1. Alana

Em junho de 2017, para a disciplina do professor Assis Brasil, apresentei a personagem pela primeira vez:

Foi adotada logo depois de nascer, sempre soube sobre seus pais biológicos e o contexto de sua adoção, justamente por saber, nunca teve vontade de ir atrás deles, exceto por momentos em que se sentia injustiçada por um castigo ou briga com os pais adotivos. Nesses momentos procurou por eles em redes sociais (Orkut), não obtendo resultados conclusivos em função dos nomes de certa forma comuns. Tem 11 anos, seus

pais adotivos estão passando por um divórcio e o pai está saindo de casa para morar sozinho num apartamento. No penúltimo dia da mudança, Alana folheia o jornal na cozinha enquanto o casal discute sobre alguma coisa e seus olhos param em uma reportagem sobre a busca pelos corpos das vítimas de um acidente aéreo que ocorreu no dia anterior. Na lista dos ainda desaparecidos, reconhece o nome de Roberto, seu pai biológico.

Para a qualificação, em junho de 2018, entreguei uma outra versão:

Filha de Lúdia e Roberto, tem 11 anos em 2006, mora em Caxias do Sul com seus pais adotivos, Leonardo e Marisa. Está um pouco acima do peso, é maior que suas colegas de aula, tem cabelos cheios, escuros, escorridos um pouco abaixo dos ombros, usa uma tiara larga que os mantém longe dos olhos. Os olhos castanhos são pequenos como os de Roberto, mas ao contrário do pai, ela não esquece os óculos e os mantém sempre bem abertos. Usa aparelho dentário embaixo e odeia, porque tem uma tendência a levar boladas na cara na aula de educação física. Usa blusas de manga longa mesmo quando está muito calor, tem uma marca de nascença no antebraço esquerdo que parece café derramado, alguns colegas tiram sarro dizendo que é sujeira e ela não tem muita paciência com esses colegas. No geral é uma boa aluna, gosta muito de ciências.

Foi adotada antes de nascer, uma adoção informal, um trato feito entre seus avós biológicos e os pais adotivos. Leonardo e Marisa estavam de passagem, Leonardo era representante de vendas de uma empresa de maquinário agrícola. 11 anos depois, nunca viu Marisa e Leonardo brigando, mas a morte de Roberto faz com que eles entrem em conflito. Um deles acha que a menina deve saber mais sobre seus pais biológicos, enquanto o outro discorda.

O divórcio dos pais aparecia como um agravante do conflito da personagem na versão pré-qualificação, o que me fez mudar essa parte foi um exercício em aula, em que o professor pediu que pensássemos, depois de ler nossas sinopses, porque essa história deveria ser escrita por nós. Ao pensar em Alana, a questão do divórcio era a que mais fugia da minha realidade e experiência, percebi que em minha família não existe um caso de casamento que tenha terminado dessa forma e era difícil me conectar com os sentimentos que a personagem teria com relação a isso. Escolhi cortar essa parte e manter o foco na morte de Roberto e na confusão que isso iria causar internamente. Na versão final, Alana permanece dentro do que foi apresentado para a qualificação.

4.2. Lúdia

Versão apresentada em junho de 2017:

1995: Tem 15 anos na época, filha de uma mãe restritiva que sempre implica com suas saídas. Fechada, tem amigos, mas não conversa muito sobre si mesma com ninguém, nem convida ninguém para visitar sua casa. Às vezes é grosseira sem querer. Se interessa vagamente por Beto e, incentivada por algumas amigas, acaba começando um namoro. Não está apaixonada, mas reconhece nele um amigo e boa pessoa.

2017: Depois de se formar em Engenharia pela Universidade Federal de Santa Maria, é contratada por uma empresa em Caxias do Sul, em função da crise a empresa fecha e Lúcia – também passando por um término de relacionamento – decide que quer tentar algo novo. Acaba imigrando para o Canadá, onde consegue trabalho em Toronto. Lá, conhece alguém, entra em um relacionamento muito sério, moram juntos/as por vários anos. Conversavam sobre ter filhos, mas tem muita dificuldade em conceber e, depois de dois abortos, se estabelece a ideia de adotar. Ao passar pelas primeiras fases do processo de adoção, Lúcia se vê tendo crises de pânico e até um episódio dissociativo, depois do qual decide contar ao parceiro/a sobre a gravidez que teve aos 15 anos.

Versão para a qualificação em junho de 2018:

Em 1995 tem de 15 para 16 anos e mora em Formigueiro. Namora com Roberto, mas não o vê há 3 meses, desde que descobriu estar grávida e foi mandada pela família para um asilo, onde passa os primeiros meses de gestação em clausura.

É um pouco mais alta que Roberto e isso às vezes é motivo de desconforto para ela, que sente que está sendo observada todas as vezes que andam de mãos dadas pela pracinha. Tem mãos bonitas, dedos longos, de pianista, todos falam, nunca aprendeu a tocar piano, já tentou, mas não tinha vocação. Precisaria usar aparelho, os dentes de baixo são acavalados, porém seu pai não confia em dentistas. Tem cabelo preto longo, que usa sempre preso, porque se irrita com os fios que entram dentro da blusa e grudam na cara quando ele está solto. Os olhos são verdes, mas às vezes parecem castanho claros dependendo o ângulo e da luz. De modo geral, tem um rosto bonito, as bochechas são bem definidas, o queixo é pequeno e redondo.

Estudante, é uma ótima aluna, gosta muito de ler e aprender sobre como as coisas funcionam. Tem um amor por matemática e ciências exatas, gosta da segurança de encontrar respostas que já existem. Sonha com o dia em que se mudará para Santa Maria, onde seus irmãos mais velhos fazem faculdade.

Toda a família trabalha no ramo agrícola. O pai tem terras, plantação de soja e trigo. A mãe é dona de casa, faz bordados com o grupo da igreja. O irmão mais velho, Joel, trabalha com o pai, Moises, quis tentar a vida em outras áreas, então estudou

contabilidade em Porto Alegre. Os gêmeos do meio e Samuel que vem antes dela estudam Agronomia em Santa Maria, em 1994, pela primeira vez, não tem que conviver com a penca de irmãos. O avô, meio caduco e doente, mora com eles. Ele é pai de José Carlos, o pai. Miriam, a mãe, não suporta a convivência com o sogro, que está sempre reclamando e doente.

Lídia, mais do que tudo, quer sair de Formigueiro, conhecer mundos além daquele. Consegue entrar para a faculdade federal em Santa Maria, estuda Engenharia Civil e em 2006 consegue um emprego em Caxias do Sul, lá entra em um relacionamento com uma mulher e tudo acontece muito rápido, em menos de 6 meses estavam morando juntas. O termino do namoro em 2009 junto com a falência da empresa em que trabalhava, fazem com que ela mande currículos para empresas fora do Brasil. Recebe uma oferta de contratação em Toronto, para onde se muda na metade de 2010, onde conhece Virginia, outra brasileira que mora por lá desde criança. Elas se casam em agosto de 2015 e adotam um gato.

Na versão de 2017, o presente da Lídia ainda não estava bem definido, queria trabalhar nela a questão da maternidade, mas não sabia como. Apresentando a personagem em aula, alguns colegas deram o feedback de que seria mais verossímil se ela fosse heterossexual e não tivesse escolha se não engravidar ou adotar para ter filhos. Tentei escrever uma versão dela que fosse casada com um homem, mas não consegui sair dos primeiros parágrafos, a personagem em minha cabeça se envolvia sim com meninos quando era jovem, mas eu não conseguia acreditar em uma Lídia com mais de 30 anos e heterossexual. Decidi então, no final de 2017, que ela seria lésbica e que o conflito com relação a maternidade viria de um distanciamento entre ela e a parceira quando estivessem tentando engravidar.

4.2.1. Virginia

Não cheguei a escrever um rascunho de Virginia como personagem, mas escrevi um capítulo dedicado a como ela e Lídia se conheceram, que acabou sendo cortado da versão entregue para a defesa. Apresento um trecho do capítulo, que já mostra um pouco da dinâmica do relacionamento delas, onde Lídia dá um primeiro passo inseguro e Virginia toma o risco maior.

Em uma tarde de domingo, saiu para dar uma volta pelo centro, não ficava longe do apartamento que tinha alugado, só algumas estações de metrô de distância. A caminhada a levou até a prefeitura, um prédio moderno que ela achava feio, mas quando colocado junto ao chafariz de piso e ao letreiro com o nome da cidade, melhorava em

50%. Descobriu sem querer que o Eaton Centre ficava muito perto de onde estava e entrou para ver melhor. Era gigante. Tudo em Toronto era gigante pra quem tinha passado a maior parte da vida no interior do Rio Grande do Sul, entre Formigueiro, Santa Maria e eventualmente Caxias do Sul. Acabou parando na fila do Cineplex, estava contemplando assistir alguma coisa, sentindo-se oprimida pela quantidade de adolescentes usando camisetas da Saga Crepúsculo, o terceiro filme tinha estreado naquela semana e ela não havia levado em consideração o tumulto quando decidiu ver um filme. Estava distraída lendo os cartazes e horários acima do balcão quando percebeu que a moça a sua frente na fila falava em português ao telefone.

Lídia sorriu, como se entender o que a mulher dizia as conectasse de alguma forma, segredos compartilhados involuntariamente. Então percebeu que havia sido vista sorrindo e fechou a cara. A mulher a olhava com a cabeça um pouco inclinada, mordendo a ponta do dedão enquanto concordava com alguém do outro lado da linha. Mais um sorriso se manifestou no rosto de Lídia, ela não tinha o costume de sorrir para estranhos, mas a moça sorriu de volta em torno do polegar e então desviou o olhar.

Ela era mais bonita de frente do que de perfil. Tinha o rosto reto, a pele muito lisa e uma pintinha na testa, acima da sobrancelha esquerda. O cabelo era de um castanho claro quase loiro e seus olhos, de um castanho quase preto. Ela explicava em inglês para seu companheiro que estava falando com o pai, Lídia ouviu a conversa dos dois sem vergonha nenhuma, descobriu que o pai dela iria casar no fim de agosto e queria saber com quanto de antecedência ela iria voltar para casa. Se perguntou se o casamento aconteceria no Brasil, apesar de ficar na dúvida, ao ouvir um chiado em sua fala, se ela não seria portuguesa.

Lídia comprou um ingresso para o mais novo filme com Angelina Jolie, única alternativa para o horário além de Eclipse, e acabou perdendo a moça de vista em meio ao caos de adolescentes sedentos por pipoca, vampiros e refrigerantes. Já nem lembrava mais dela quando, na fila para o banheiro após a sessão, parou por coincidência, ou talvez fosse alguma ação do destino, atrás dela de novo.

— So, we meet again. — Disse a moça em tom de brincadeira, descruzando os braços quando a reconheceu.

Lídia ia fazer, em inglês, um comentário sobre encontros em filas, mas as palavras se perderam no meio do caminho entre o cérebro e a boca e o que acabou saindo foi:

— Desculpa, mas eu tenho que perguntar, você é brasileira ou portuguesa.

A fila andou um pouco e elas passaram do corredor para dentro do banheiro.

— *Existem outros países que falam português, sabia? — A mulher tinha um sotaque estranho, difícil de localizar em seu mapa mental de países lusófonos. Percebeu que ainda existia a possibilidade de ela apenas saber falar português, sem que essa fosse sua língua materna e então um tom violento de vermelho coloriu todo seu rosto, do pescoço a testa. A moça riu, suas bochechas também coradas. — Sou brasileira.*

Andaram mais alguns centímetros, acompanhando a fila.

— *Teu sotaque é — estranho, pensou Lúdia — diferente.*

— *Moro aqui desde os 6 anos.*

Ficaram em silêncio, a moça mudava o peso do corpo de um pé para o outro, se espichando para ver o começo da fila, como se tentasse medir o tempo de espera e determinar se valia a pena continuar ou não aquela conversa. Colocou as mãos nos bolsos do vestido que usava e voltou a olhar para Lúdia.

— *Teu sotaque é gaúcho. — Afirmação. — Eu nasci no Sul também, Viamão.*

— *Formigueiro.*

— *Nunca ouvi falar.*

— *É minúscula.*

Silêncio, avançaram dois passos.

— *Quanto tempo faz que você está aqui?*

— *Quase duas semanas.*

— *Férias?*

— *Não, trabalho. Sem prazo de retorno.*

— *Ótimo.*

Silêncio, cinco passos pra frente, eram as próximas na fila, depois de uma menina de cabelos oleosos que mascava chiclete com a boca aberta. As duas encararam a menina e trocaram um olhar, a moça de Viamão arqueou as sobrancelhas de leve.

— *O que você vai fazer agora?*

— *Ir pra casa?*

A conversa foi interrompida pela fila que acabou, mas depois de fazer xixi, Lúdia viu que a moça a esperava, quadril escorado em uma das pias, celular na mão.

— *Eu e meu amigo vamos encontrar umas pessoas num bar daqui a pouco. Quer vir com a gente?*

4.3. Roberto

Originalmente ele seria muito mais explorado. O conflito do personagem envolvia descobrir que seria pai e decidir que queria mesmo ser. Ele importunaria Lúdia com

pedidos de casamento e promessas de cuidar dela e do bebê e ficaria com muita raiva quando ela decidia dar a filha deles para adoção. Ele estaria muito sozinho com a vontade de ser pai, nem Lídia, nem seus amigos, nem seus pais achavam que era uma boa ideia. Escrevi, até setembro de 2018, boa parte de capítulos com Roberto como centro, alguns deles aparecem como exemplos mais adiante, porém ao encaixar as peças da história, não sentia que ele se cabia tão bem. Precisaria de mais tempo para desenvolver melhor o personagem e então optei por deixá-lo de fora e mostrar alguns lampejos de passado do ponto de vista de Lídia durante a gravidez, o que serviu para agravar o conflito da personagem com relação a maternidade.

Talvez em uma versão para publicação, eu encontre um jeito de incluir de volta as partes de Roberto. Gosto muito do personagem e acho que ele merece ser mais bem trabalhado e desenvolvido com tempo sem a barreira do prazo de um ano e meio que o mestrado impunha.

Primeiro esboço do personagem em junho de 2017:

Aos 17 anos, está no último ano do colégio sem muita perspectiva de futuro. Gosta de música, mas não toca nenhum instrumento, gosta de esportes, mas não tem coordenação para exceder em nenhum, é inteligente, mas não se destaca em meio à multidão de colegas. Pensa em fazer Administração e gerenciar a pequena loja que seu pai mantém no andar de baixo da casa. Tem uma irmã mais nova altamente impressionável que adora importunar.

Versão para qualificação:

Nascido e morador de Formigueiro, no interior do Rio Grande do Sul, em 1995 tem 18 anos. Namora com Lídia faz mais de um ano, porém, está há 3 meses sem ter notícias dela, desde que as aulas acabaram.

Não é nem alto nem baixo, mais ou menos 1,70. Fortinho, quase não tem pescoço. As orelhas têm lóbulos grandes, poderia usar um alargador, se alargadores chegassem até a colônia. O cabelo é castanho escuro, meio engordurado, penteado para o lado. Espinhas marcam suas bochechas em vermelho e roxo, não chega a ser um caso grave de acne, mas também não é bonito de olhar. Deveria usar óculos, mas sempre esquece a caixa em casa, então aperta os olhos castanhos para enxergar, o que o faz parecer um tanto lento.

Durante as férias, na parte da manhã, trabalha na fazenda do Dr. Ignacio Mattione, homem bem conhecido na região por suas muitas posses; ele e a esposa pegaram 3 filhos para criar, duas meninas e um menino, todos trabalham na casa, são

mais funcionários do que filhos. Na fazenda, Roberto cuida do trato dos animais e adora, especialmente as galinhas, acha galinhas animais fascinantes. Seus pais gostariam que ele ajudasse no negócio da família, uma confecção que produz uniformes para a escola e para a cooperativa local. Roberto odeia o cheiro de tecido que faz seu nariz, já tipicamente vermelho, ficar ainda mais parecido com um tomate. Também odeia lugares fechados e com pouca luz, então foge para a fazenda sempre que pode.

Seus pais são de Porto Alegre, se mudaram para o interior buscando uma vida mais tranquila, mas não tinham habilidade, ou dinheiro para investir em terras, então montaram uma confecção no porão da casa, onde moram os três, mais Ângela, irmã mais nova de Roberto, que em 1995 tem 6 anos. Os pais acreditam muito no estudo e ficam desapontados com o desleixo dele na escola. Gostariam que ele fosse para a faculdade, mas Roberto prefere o trabalho manual, não gosta de fazer esforço para raciocinar, não é burro, só tem preguiça de ler, de matemática, de todas essas coisas que se aprende na escola. Se tiver que ajudar a parir um cabrito, saberá por instinto o que fazer, agora não lhe pergunte sobre a formula de Bhaskara.

Quer entender o que aconteceu com Lídia. Quando descobre da gravidez, quer por que quer ser pai. Entende que ser pai é algo natural, que não precisa se esforçar para isso, é algo que aconteceu e uma responsabilidade que ele acha digna de assumir, vai ao encontro de seus valores. Também pensa que se daria bem na função, pois gosta de crianças e se dá muito bem com a irmã.

5. Roteiros

5.1. Versão primeira – apresentada na qualificação em junho de 2018

43200 – 29 set 2008 – Alana descobre morte de Roberto;

92 dias – 25 mar 1995 – Beto no trabalho;

5:18 AM – 19 mai 2018 – Lídia dissocia;

0 dias – 26 mar 1995 – Beto vai até casa de Lídia, apanha;

129600 – 30 set 2008 – Alana colégio;

7:23 AM – 19 mai 2018 – Aeroporto, telefonema;

-1 dias – 27 mar 1995 – Beto no colégio;

9:42 AM – 19 mai 2018 – Chegam em casa, inicio DR, algo que não está contando. Questionamento sobre inseminação e parentalidade, Lídia diz que precisa deitar;

172800 – 30 set 2008 – *Chegar em casa, deveria chorar? Atenção da avó que adora tragédias;*

-5 dias – 31 mar 1995 – *Chegar na escola numa terça-feira, Lídia chama no ginásio;*

12: 50 PM – 19 mai 2018 – *Lídia fala sobre a primeira vez;*

-8 dias – 3 abr 1995 – *Mãe de Beto questiona depois de ouvir vizinhas fuxicando sobre a gravidez;*

276480 – 2 out 2008 – *Alana conversa com os pais sobre ir no velório, ainda não identificaram todos os corpos, Beto ainda não foi identificado;*

13:30 PM – 19 mai 2018 – *engravidar, burrice, sobre como seus pais reagiram. Apanhou muito;*

-19 dias – 14 abr 1995 – *sexta-feira santa – Lídia evitava conversar com ele desde o ginásio, ele se afunda cada vez mais na ideia de que quer ser pai;*

596160 – 05 out 2008 – *Alana ouve discussão dos pais, chora pela primeira vez;*

-26 dias – 21 abr 1995 – *Beto aproveita o feriado para falar com Lídia sobre o que vão fazer com a criança, mesmo que tenha dito que não quer ficar com a criança, e se ele quiser? Casa comigo? Não. Amor;*

15:20 PM – 19 mai 2018 – *Levanta de um cochilo involuntário e procura Virginia, encontra ela no pátio fumando um cigarro. Eu prefiro evitar, nunca pensei nela como minha filha. É ela? Tu sabe até o nome dela, mas não considera ela de forma nenhuma? Ele queria;*

648000 - 05 out 2008 – *eu vou ir independente da permissão de vocês.*

-34 dias – 29 abr 1995 – *A decisão não é tua. Pela última vez. Me deixa em paz. Não tem mais nada entre a gente, essa criança não é nossa, mas quem é responsável por ela até ela nascer sou eu;*

-40 dias – 05 mai 1995 – *família pra criar a menina, pai dela tem um representante de maquinas que quer um bebê, vou conhecer eles na próxima sexta. É uma menina, vou ser pai de uma menina;*

16:00 PM – 19 mai 2018 – *Eu não pensava em um futuro melhor pra ela, em quem cuidaria mais. Só queria me livrar daquela coisa dentro de mim e seguir com a minha vida. Tanto que em quase 23 anos, nunca procurei por ela. O nome é só uma coisa que eu nunca esqueci. Achamos então uma família pra ficar com ela. Meu pai achou;*

941760 – 09 out 2008 – *Pais dela contam pra ela de noite sobre o dia em que ela foi adotada, sobre como o pai dela escolheu entre os dois nomes que eles pensavam;*

-56 – 20 mai 1995 – famílias se encontram, beto espera que seu pai faça alguma coisa, mas não, criança realmente será adotada;

20 mai 2018 – Você me odeia? você não quer ter filhos, quer?

-92 dias – 25 jun 1995 – nascimento, ele vê Alana por um breve momento, caixão, enterra ela;

1000000 – 10 out 2008 – velório.

A primeira versão tinha uma marcação temporal que na qualificação foi descartada, o avaliador achou confuso e sugeriu que seria melhor marcar os capítulos de forma direta e objetiva, a fim de não confundir o leitor. Até junho de 2018, Roberto ainda era um dos protagonistas e todo o arco narrativo de Lídia se passava em um dia, quando contava para Virginia sobre seu passado.

5.2. Versão segunda – revisada depois da qualificação em junho de 2018

1) Alana: 29 de setembro de 2006 – descobre a morte de Roberto;

2) Roberto: 25 de março de 1995 – no trabalho;

3) Lídia: 19 de maio de 2018 – dissocia;

4) Roberto: 26 de março de 1995 – vai até a casa de Lídia e apanha;

5) Alana: 30 de setembro de 2006 – colégio pós notícia;

6) Lídia: 19 de maio de 2018 – aeroporto, telefonema;

7) Roberto: 27 de março de 1995 – no colégio;

8) Lídia: 19 de maio de 2018 – chegam em casa, início DR, algo que não está contando, questionamento inseminação e parentalidade;

9) Alana: 30 de setembro de 2006 – chegar em casa, deveria chorar?

10) Roberto: 31 de março de 1995 – chega na escola e Lídia o chama no ginásio;

11) Lídia: 19 de maio de 2018 – fala sobre a primeira vez;

12) Roberto: 03 de abril de 1995 – mãe questiona depois de ouvir vizinhos fofocando sobre gravidez;

13) Alana: 02 de outubro de 2006 – conversa com os pais sobre ir ao velório;

14) Lídia: 19 de maio de 2018 – engravidar era burrice e como seus pais reagiram, queria ter apanhado, se tivesse apanhado, talvez tivesse perdido a criança;

15) Roberto: 14 de abril de 1995 – Lídia o evita desde o ginásio e ele quer por que quer ser pai;

16) Alana: 05 de outubro de 2006 – ouve discussão dos pais, chora pela primeira vez;

17) Roberto: 21 de abril de 1995 – aproveita feriado para falar com Lídia sobre o que vão fazer com a criança, mesmo que ela não queira, e se ele quiser?

18) Lídia: 19 de maio de 2018 – levanta de um cochilo e procura Virginia. A encontra fumando no pátio. Nunca pensei nela como minha filha. Tu sabe até o nome dela, como pode não a considerar de forma nenhuma?

19) Alana: 06 de outubro de 2006 – na madrugada diz para os pais que vai ao velório independente da permissão deles;

20) Roberto: 29 de abril de 1995 – a decisão não é tua. Pela ultima vez, me deixa em paz. Não existe mais nada entre a gente, essa criança não é mais nossa, mas até ela nascer a responsável por ela sou eu;

21) Roberto: 05 de maio de 1995 – família para criar a menina, pai dela tem alguém disposto a adotar, vamos conhece-los na sexta-feira.

22) Lídia: 19 de maio de 2018 – eu não pensava em um futuro melhor para ela, em quem cuidaria mais, só queria me livrar da coisa dentro de mim e seguir com a minha vida. Em quase 23 anos nunca procurei por ela, o nome é só uma coisa que eu nunca esqueci.

23) Alana: 09 de outubro de 2006 – pais contam para ela sobre o dia em que foi adotada;

24) Roberto: 20 de maio de 1995 – ele percebe que a filha será mesmo adotada;

25) Lídia: 20 de maio de 2018 – esclarecimentos;

26) Roberto: 24 de junho de 1995 – nascimento da Alana, vê a bebê por um breve segundo;

27) Alana: 10 de outubro de 2006 – velório.

Ainda semelhante a primeira versão, o que muda é a marcação de tempo e alguns detalhes narrativos menores se tornam mais específicos. A versão anterior do roteiro estava mais bagunçada, essa se torna mais clara. O roteiro foi seguido até setembro de 2018, quando senti que a parte do Roberto não estava fluindo e nem funcionando do jeito que eu esperava. Deixei o trabalho de lado por alguns dias e foi quando a Amazon me sugeriu um livro chamado Still Writing, da autora Dani Shapiro (2013). Em vários momentos da leitura, senti que tinha nas mãos um livro de autoajuda. Ela descrevia situações do dia a dia, os desafios que encontrou como escritora ao longo de sua carreira e que estratégias haviam funcionado para contornar esses desafios.

Entre as reflexões de Shapiro, ela mencionava o esqueleto do texto e se questionava quanto a utilidade dele. Ela incentivava, em momentos de bloqueio criativo,

escrever o que viesse a mente, que esse sair do roteiro as vezes aumentava a fluidez do movimento narrativo. Então larguei Still Writing na mesa da cozinha e escrevi um capítulo inteiro de 12 páginas sobre como Lídia e Virginia haviam se conhecido e então um capítulo nos anos 90 do ponto de vista da Lídia. Foi quando decidi cortar o Roberto e incluir na novela momentos da Lídia quando descobriu que estava grávida, o que resultou na versão final. Montei o roteiro em outubro para conseguir organizar o que faltava ser escrito, se não nunca teria conseguido terminar a história.

5.3. Versão final – definida em outubro de 2018

- 01) 2018 – Lídia dissocia;*
- 02) 2004 – Intro Alana sobre notícias ruins que vem em camadas;*
- 03) 2018 – Lídia e Virginia no aeroporto, acha passagem no bolso;*
- 04) 2006 – Alana vê notícia de um acidente aéreo;*
- 05) 2018 – Algo de errado com Lídia, diz Virginia;*
- 06) 1995 – Lídia está grávida no quarto e contar para o namorado;*
- 07) 2006 – Alana escuta o nome de Roberto;*
- 08) 2018 – Brunch na casa do colega da Virginia, nostálgica;*
- 09) 2006 – Alana desacostumada com notícias abruptas não sabe lidar com o nome de Roberto no anuncio;*
- 10) 1995 – Lídia conta para a mãe, vão fazer teste de gravidez no puteiro;*
- 11) 2018 – Devaneia sobre o que está sentindo;*
- 12) 2006 – Alana procura perfis das vítimas online;*
- 13) 2018 – Abre com consultório médico, retrospectiva sobre decisão de engravidarem, nomes de bebês;*
- 14) 1995 – Lídia é levada para o Asilo, pequena dissociação;*
- 15) 2006 – Alana sonha com fogo e aviões de gelo;*
- 16) 2017 – Primeira tentativa de inseminação, doadores de esperma;*
- 17) 1995 – Asilo funcionava como um iceberg, mãe aparece para busca-la em seu aniversário de 15 anos, depois de dois meses;*
- 18) 2006 – Esqueletos e Alana tem ataque do pânico no colégio, pensa sobre ossos queimando;*
- 19) 2017/18 – Trilogia das inseminações, nada acontece na primeira, sangramento na segunda, nada na terceira, pensam com a médica em outras possibilidades;*

- 20) 2006 – *Alana vê foto da pasta alaranjada, seus pais biológicos, quer ir ao velório;*
- 21) 2018 – *Lídia no trabalho, resolver a passagem aérea, voltar para casa e encontrar Virginia dormindo, momentos preciosos;*
- 22) 1995 – *De volta a casa, o pai de Lídia anuncia que se ela ficar com a criança vai ter que ir embora de casa, ela não quer o bebê;*
- 23) 2006 – *Alana chora ouvindo discussão dos pais sobre permitir ou não sua ida ao velório;*
- 24) 2018 – *Conta para Virginia sobre a gravidez;*
- 25) 2006 – *Alana viajando com o pai;*
- 26) 2018 – *Virginia vai a farmácia, Lídia corre e banho nos saís que lembram sua infância;*
- 27) 2006 – *Alana estranha a cidade de Formigueiro, ansiosa ao chegarem na capela, música pop que não sai da cabeça;*
- 28) 2018 – *Lídia conta para Virginia sobre o passado;*
- 29) 1995 – *Nascimento de Alana, Lídia sozinha, vai a pé para o hospital, finalmente acabou;*
- 30) 2018 – *Lídia não sabe se quer ter filhos, explica o motivo para Virginia;*
- 31) 2006 – *Alana no velório, sentimentos vem em camadas, notícias não;*
- 32) 2018 – *Lídia e Virginia falam sobre voltar ao Brasil.*

A versão final tem Lídia como protagonista, dando espaço para a linha narrativa de Alana e deixando em aberto o final sobre a possibilidade de haver um encontro entre as duas em um futuro não tão distante. Se não um encontro, uma resolução do passado brasileiro, talvez reparação dos vínculos entre Lídia e sua família. Esse último roteiro também aprofunda um pouco mais o conflito entre Lídia e Virginia, mostrando o lado de ambas da história a partir do momento em que Virginia decidiu, praticamente sozinha, que teria um filho.

6. Sobre o título e os espaços

6.1. Um milhão de segundos

A novela tem esse título por razões matemáticas. Um milhão de segundo são 11 dias. 11 dias, por sua vez, é o tempo de duração do arco narrativo da Alana, são 11 dias entre o acidente aéreo e o velório de Roberto. Como a história toda se desenvolveu a partir da personagem Alana, ainda em um primeiro esboço, optei por esse título, que não é

obvio, mas faz sentido. 11 dias também é o tempo que passa entre a terceira inseminação de Virginia e a consulta médica antes de Lúdia falar sobre a gravidez de 1995.

6.2. Formigueiro, Caxias do Sul, Toronto

Em seu livro teórico biográfico “Sobre a Escrita: A arte em memórias”, Stephen King (2015) fala sobre seu cenário mais recorrente, o estado do Maine nos Estados Unidos. Com isso aponta a importância de escrever sobre lugares familiares, “acho que o cenário e a textura são muito mais importantes para que o leitor se sinta *dentro* da história do que qualquer descrição física dos personagens.”

Escolhi como espaço para a narrativa, lugares com os quais estou familiarizada, mesmo que os espaços não sejam tão explorados na novela. Era mais fácil imaginar o desenrolar das cenas em espaços conhecidos do que em lugares inventados. Nasci e cresci em Caxias do Sul, morei na cidade por 24 anos. Fiz em 2010 um intercâmbio para Toronto, 2010 é inclusive o ano em que Lúdia se muda para o Canadá. Formigueiro é a cidade menos familiar, porém tenho família em cidades vizinhas e todas as vezes que passamos por lá para visitar parentes do meu pai, o nome Formigueiro me chamou a atenção, bem como o relevo inexistente da cidade que é quase toda plana.

7. Mudanças essenciais

Pra mostrar com mais clareza as mudanças pelas quais *Um milhão de segundos* passou desde o primeiro esboço em junho de 2017 até o resultado final, apresento a seguir trechos de duas versões anteriores dos primeiros capítulos com alguns comentários. A primeira versão foi entregue como trabalho final para o professor Assis Brasil na disciplina Oficina de Criação Literária, ao fim do primeiro semestre do mestrado. Não havia muita clareza dos personagens e eu ainda pensava na possibilidade de escrever 11 dias na vida de cada personagem a partir desses primeiros capítulos. A segunda versão é o que foi entregue na ocasião da qualificação em junho de 2018. Sinalizo qual trecho corresponde a cada versão com o ano entre colchetes em frente ao título.

[2017] 01. Roberto – março, 1995

Mal dava sete da manhã e suor já escorria pelas suas costas e se acumulava na penugem que chamava de bigode sobre os lábios. Carregava um balde de milho debulhado em direção ao galinheiro, mas seus pensamentos estavam bem longe das galinhas. Desviava em automático dos montes de esterco deixados para trás pelos diversos animais que, já arrebanhados, pastavam em outra sessão do terreno.

Jogou punhados do milho pelo chão e estalou os lábios. Em sua cabeça, montava cenários sobre o dia de amanhã, segunda-feira de volta as aulas tardia depois de uma greve de professores que se estendera até metade de março. Era a primeira vez que a escola estadual onde estudava aderiu à greve. Não pensava sobre como seria ter que repetir o segundo ano do ginásio, nem sobre como seria estranho ver seus colegas em outra sala. Já não se importava mais com escola e se não fosse a insistência de seu pai, teria largado tudo de uma vez.

Gostava mesmo do trabalho com os animais, ar livre, sol, os sons e os cheiros do campo, liberdade de movimentos. Livros o aborreciam, matemática dava dor de cabeça, história era a disciplina mais sem propósito. Ela odiava quando ele dizia essas coisas. Sorriu ao pensar nela, mas não durou muito, há dias seu olhar estava distante, acompanhado de uma gravidade nas maçãs do rosto que o fazia parecer muito mais velho que seus 17 anos.

Até dezembro tudo estava bem, andar de mãos dadas pela praça, comprar sorvete no armazém, jantar na casa dos pais, almoços de domingo, reunião dançante na casa de algum amigo que tivesse um violão, ou discos bacanas. Isso até o Natal, até ela sumir com a virada de ano. 95 chegou, ela foi embora.

Ninguém sabia o que tinha acontecido, as amigas dela pareciam tão confusas quanto ele. Chegou a ser assunto na pracinha, por uns dias, o sumiço da guria.

Não entendia a hostilidade de sua então sogra, que o tratou como um qualquer nas vezes em que foi procura-la. Não entendia os olhares do cunhado sempre que passava por ele na rua. Algo de repulsa e descontentamento, simplesmente ignorava Roberto, dando as costas todas as vezes que ele tentava uma aproximação.

Foi viajar. Disse a sogra por telefone. Visitar minha irmã. Não, lá não tem telefone. Não te interessa a cidade, não sei nem se volta pra estudar. Cada palavra como um soco que fazia inchar a insegurança. E morria de saudades.

Conseguia ver o rosto dela sem nem precisar fechar os olhos, sentir a textura da pele dela contra a sua bochecha, o hálito dela em sua boca. Suava no meio das galinhas. Secou a testa com as costas da mão e balançou a cabeça.

Aqui vemos Roberto em reminiscências, pensando em Lídia meses depois de ela ter desaparecido, em uma versão seguinte, quase um ano depois, a entrada dele na história começa com um sonho.

[2018] 92 dias. (25 de março, 1995)

Era um casamento, ele achava. Parecia um casamento, o lugar era chique, as pessoas estavam usando roupas chiques. Mas ao mesmo tempo o lugar era um moinho. O moinho que ficava no meio dos campos do Doutor Ignácio. E as pessoas bonitas riam e dançavam e comiam. Tinha muita comida, um buffet enorme que ia de janela a janela no que ele imaginava ser o segundo piso. A mesa se equilibrava em vigas, se olhasse para baixo, via o primeiro andar. Era como pisar em vidro, mas não havia nada sob seus pés. Roberto passou por entre as pessoas, estava quase na hora de jogar o buquê, era um buquê peculiar, de hortênsias, ao invés de rosas.

Roberto simpatizava com flores. Mais do que simpatizava, na verdade, mas não dizia isso pra ninguém, saber de flores era coisa de mãe. Já tiravam com a sua cara no colégio por saber costurar, Beto Costureiro, que sabe fazer bainha, mas não sabe matemática (acusação verdadeira). A noiva estava de costas e ele não conseguia ver quem era, mas havia algo de familiar nela, uma pintinha na nuca, pintinha do exato diâmetro e cor que a pintinha na nuca de Ângela, sua irmã. E foi a súbita proximidade ao pescoço da noiva e o fato de sua irmã ter apenas 6 anos que o fez perceber que sonhava.

Não era comum isso acontecer, mas quando acontecia, os sonhos conscientes acabavam sendo os piores, aqueles que ele lembrava como se fossem reais, mesmo depois de acordar. Roberto sabia que não tinha muito o que fazer além de esperar pelo despertador e deixar que o sonho passasse. Acompanhou então com os olhos os movimentos da noiva/sua irmã, sempre de costas. A contagem para jogar o buquê se estendeu, ela flexionava os joelhos de leve e fingia arremessar as flores, todos riam da brincadeira que ele já considerava irritante.

Então, braços descendo, subindo, para trás, mãos soltaram as hastes curtas e hortênsias voaram pelo salão, mas no instante em que cortaram o ar, as flores começaram a soltar fumaça e em segundos, estavam em chamas. Agora uma bola de fogo, o buquê caía sobre as convidadas, que não pareciam ter notado a mudança e levantavam os braços para alcançar. Cada ponta de dedos que roçava as hortênsias se acendia como um fósforo. De repente todas as mulheres ardiam, contaminando umas às outras com o fogo. Não havia pavor, ou desespero, apenas chamas, até que alguém pegou o buquê e todas se apagaram simultaneamente.

A nova dona das flores era a única que continuava incandescente, como ferro recém tirado da forja antes de resfriar. Ela andou pelo ar a passos largos e saiu por uma porta lateral, Roberto a acompanhou sem muita escolha, ela era o novo foco do sonho,

mas também estava de costas. Cabelos escuros presos em um coque, o ardor de sua pele se converteu em uma iridescência que a tornava irreconhecível. A mulher sentou no chão, abraçando as flores, que ainda queimavam, suas roupas não existiam mais, seu corpo foi relaxando até que deitou. Roberto e uma mulher nua em uma sacada que não fazia sentido existir num moinho. Tudo estava silencioso. Ele sentou ao lado dela e ousou tocar, primeiro em seus cabelos retintos, depois seu rosto, a intensidade do brilho que ela emitia oscilava, como se pudesse a qualquer momento apagar, ou se agravar tanto a ponto de explodir. Ao toque era fria, porém o contato fazia com que os dedos dele doessem, a dor abrupta de uma queimadura, que então entorpecia e se prolongava em ardência.

Continuava sem reconhecê-la, mas sabia quem ela era. Sua intuição, ou o que quer que fosse sabia que era Lídia. Tentou levantar e ir embora, mas seu corpo era uma ancora, pesava toneladas. Ela se moveu, aconchegando-se em seu peito, doía tanto, mas ela parecia tão contente. Passou o resto do sonho lutando contra a dor que lhe causava tê-la tão perto, soltar não era uma opção.

Roberto foi cortado e a ideia dos sonhos vívidos se manteve em Alana, que na versão final sonha também com fogo e aviões de gelo. Saindo da cena do sonho, Roberto acordava e partia para o trabalho, onde sofria provocação dos colegas por estar melancólico. Do trabalho ele seguia para a casa de Lídia.

[2018] (...)

Saiu pedalando sem responder, a velha Caloi azul descascada já era pequena e ele guiava sem sentar. Estava juntando dinheiro para uma bicicleta nova, já tinha o valor quase inteiro depois do trabalho nas férias, pelo menos isso o animava um pouco. Planejava, com o que sobrasse, pintar a antiga, passar um óleo nas correias, instalar rodinhas e dar de aniversário para sua irmã, em maio.

Seguiu pela rua principal, passou a praça buzinando para os colegas, virou uma esquerda, duas quadras, subiu uma lomba e parou. Se sentia meio idiota por fazer esse caminho de novo, mas tinha uma sensação esquisita que não sabia explicar. Todas as vezes que passou por ali nos últimos três meses, era como se a casa estivesse envolta em silêncio, como se o tempo não tivesse passado. Nunca via ninguém entrar ou sair, o Tempra azul marinho sempre na rampa da garagem com as mesmas marcas de barro, secas, craquelando. A única variação era a gata malhada que às vezes dava as caras no pátio.

Voltou a pedalar, bem devagarinho, passando pela fachada e lembrando do dia em que ajudou a pintar os beirais das janelas, a primeira vez que entrou no quarto dela, as paredes verdes e um urso de pelúcia horroroso que ela amava, o único que guardou depois do aniversário de 16 anos. Todas as cortinas fechadas, nos dois andares.

Seguiu até o fim da quadra e, mais uma esquerda, mais um quarteirão morro acima, mais uma esquerda. Podia ver os fundos da casa dali, a janela da cozinha estava aberta, as cortinas esvoaçavam pra dentro e pra fora, seu estômago se embrulhava e de novo se sentia idiota. Não sabia lidar com esses sentimentos, esse senso de posse que tinha sobre ela e a mágoa que sentia com a falta de notícias, no início tinha também preocupação, mas naquele momento, sobressaía-se a raiva.

Não gostava de sentir raiva. Era um rapaz calmo, de bom temperamento desde criança. Não se metia em brigas, evitava discussões, se dava bem com as pessoas, até foi coroinha do padre Clóvis! Não queria confusão com a família dela, mas sua vontade era bater na porta, forçar a entrada, sentia como um personagem de conto de fadas, como se ela estivesse sendo aprisionada e fosse sua missão salvá-la.

Sabia que não faria nenhuma dessas coisas, por isso a raiva. Desceu pela rua de baixo e, em um impulso, decidiu cruzar o terreno da casa. Tinham uma horta grande, uma piscina, jabuticabeiras, pitangueiras, uma arvorezinha de acerola. Pilotava com cautela a velha Caloi. Não queria ser notado, só queria ter certeza que estava tudo bem. Apesar do calor e de ser domingo, a piscina estava cheia de folhas e limo boiava na água. Via o movimento de pessoas e o murmúrio de vozes vinha da janela da cozinha. Parou a bicicleta junto a jabuticabeira e arrancou algumas frutas do tronco. Não comeu, apertou as bolinhas pretas até estourarem e deixou casca e miolo caírem no chão.

Achava ouvir a voz dela misturada com as outras, mas não tinha certeza. Achava que lembrava o tom exatamente, mas já não sabia. Era mais grave ou aguda? Sabia que tinha suavidade, mas não conseguia trazer à memória o som certo. Tristeza brotou no meio da raiva sem que ele percebesse. Não era justo. Passar três meses esperando alguém que nem se importava. Talvez ela até tivesse arrumado outro na casa da tal tia, ou estava doente, podia até ter morrido, ele fingia não se importar. Lágrimas se acumularam no canto dos olhos, mas não teve tempo de derramá-las, a voz de seu sogro tropejou pela janela.

As recepções nunca mais seriam as mesmas, com suco de uva e pão caseiro que dona Miriam fazia. O rosto de José (o sogro, marido de Miriam) apareceu vermelho na janela e Roberto tropeçou tentando subir na Caloi. Estava pronto para partir em

debandada quando — Beto... — A voz de Lídia, os espaços em sua memória encaixaram com a realidade, era ela, ele tinha certeza.

— Pra dentro vocês. — O pai nem a deixou chegar até a porta da cozinha, que dava para uma varanda e uma escada no segundo andar da casa. Em função da garagem, não era tão atípico que a porta dos fundos ficasse no piso de cima. José veio escada abaixo em sua direção, enfurecido, o rosto vermelho como carne crua.

Roberto sentiu que ia vomitar. Tentou respirar, mas lhe faltou fôlego. Ainda não tinha encontrado com o sogro desde o desaparecimento de sua namorada, havia esquecido o quanto ele era assustador. Tropeçou numa raiz da jabuticabeira ao dar um passo involuntário pra trás, cambaleou se apoiando na bicicleta.

— Acha que eu não te vi passar por aqui todo o santo dia com essa bicicletinha? Piá de merda. E agora entra na minha casa, na minha horta! Haja coragem!

Beto não sabia se fugia, ou falava alguma coisa, estava paralisado. Chocado com a agressividade do homem que brandia mãos enormes pra cima dele. Não entendia o que estava acontecendo, meses atrás, trocara ideias sobre futuro com José, queria, como ele, adquirir terras, investir em animais. Por causa dele conseguira o trabalho temporário na fazenda do Dr. Ignácio.

Correu, escorregando na terra úmida, bem cuidada, contornando um canteiro de radicci. Não era a estratégia mais inteligente, entrar mais fundo no pátio da casa, mas não tinha para onde ir. Pra trás do galpão aonde guardavam as coisas da piscina havia uma mureta, se chegasse até lá, poderia pular e escapar atravessando o pátio do vizinho. Mas não pensava em estratégias, nem sequer cogitou a mureta, ou fugir. Seus olhos focavam atrás de José, na escada da cozinha.

Lídia estava parada nos degraus, olhando pra ele. Fazia tanto tempo que ele não via os olhos dela. O cabelo estava diferente, mais comprido, a franja que ela costumava ter já não existia mais. A mãe dela estava alguns degraus para baixo gritando algo que ele não conseguia ouvir por cima do vozeirão do sogro, que continuava a praguejar. Nem percebeu a mão que caia sobre sua cabeça até sentir a dor.

Calor explodiu em sua nuca e ele perdeu a visão por um segundo, desorientado. Então outro soco veio por baixo, acertando seu queixo. Mordeu a língua, gosto quente enferrujado encheu sua boca. Caiu no chão, ofegando, usando os braços pra se proteger, sem fazer ideia de onde viria o próximo golpe. Mais um bem no topo da cabeça. Virou de lado, abrindo a boca e sentido o sangue escorrer por sua bochecha.

— ... assim tu mata o guri!

— *Quero mais que morra mesmo!*

Ele tentou abrir os olhos, mas só um conseguia ver, o outro já começara a inchar e ardia, ou por causa do safanão, ou pela queda, tinha batido a cabeça quando caiu também? Ele não fazia ideia. Miriam mantinha distância do marido e não estava sozinha, um homem muito alto e magro, com uma barba cheia de falhas estava plantado entre os dois.

Era Joel, irmão mais velho de Lídia.

— *O piá nem sabe o que tá acontecendo.*

— *Não te mete!*

— *Pai! É melhor resolver isso na paz, antes que os vizinhos se assustem com o gritado.*

Roberto se arrastou entre os canteiros, encontrando um calço de tijolo e se apoiando nele para levantar. Tudo girou e ele cambaleou até a árvore mais próxima, se escorando e fechando os olhos. Nunca tinha apanhado daquele jeito. Um PIIII muito alto parecia vir de dentro da sua cabeça, não ouvia nada além dele. A tontura se intensificou e ele vomitou nos próprios sapatos, uma mistura de bolo mal digerido e sangue de sua língua. A blusa que usava grudava em seu corpo, suava frio.

— *Chispa daqui. — José ainda estava emputecido, ainda que parecesse controlado, o vermelho carne de seu rosto ainda mais intenso. Beto obedeceu. Deixou a bici para trás e disparou pra rua, desorientado. Sua cabeça pulsava e o peito doía revoltado com a taquicardia e o esforço de vomitar. Só parou quando virou a esquina, desabando no meio fio. A respiração estava toda errada e tantos pensamentos passavam pela sua cabeça que ele não conseguia eleger um para focar.*

No capítulo seguinte, Beto encontrava com Lídia e descobria o motivo do sumiço, dando início ao seu conflito com relação a parentalidade. A segunda versão é complementar a primeira, a parte em que Roberto está no trabalho não foi incluída nessa versão por ser muito similar a versão anterior, encaixei o segundo esboço no primeiro.

Nessa versão, o pai de Lídia tinha uma personalidade muito mais agressiva do que é indicado na versão final, onde ele se revela mais rígido e distante. Repensando esse personagem depois de cortar Roberto, decidi que preferia que a violência que distanciou Lídia dos pais fosse mais afetiva do que física, tornando os motivos dela menos concretos.

A questão principal e mais preocupante em Lídia na versão para a defesa são as crises dissociativas e ataques do pânico recorrentes desde que Virginia começou a falar

sobre ter filhos. O esboço inicial apresentava uma proposta diferente de abordar o assunto da maternidade, apresentando-o logo no primeiro capítulo.

[2017] *Lídia – dezembro, 2017*

A caixa de lenços no painel do carro estava vazia. Lídia jogou com violência no banco do passageiro e secou água que escorria de seu nariz com a manga do casaco. Fazia alguns dias que se percebia entrando no mesmo estado de irritação constante que a acompanhou por tanto quanto conseguia lembrar do tempo em que morou no Brasil. O que a tirava do sério eram as pequenas coisas, como conspirações do mundo contra ela. Fosse a caixa de lenços, ou o caixa eletrônico que decidiu parar de funcionar logo na sua vez de sacar dinheiro, ou o projetista que desmarcou a reunião em cima da hora por que estava com pneumonia. Como se ela não estivesse doente também.

Todo mundo estava. O inverno canadense não perdoa. Voltava para casa ao som de um anúncio de nevasca enquanto tentava alcançar o celular no bolso interno do casaco sem tirar os olhos da estrada. Sentiu o aparelho vibrar contra seu peito uma última vez e desistiu, deixou cair no correio de voz. Mais alguns minutos e estaria em casa. Não que estivesse muito feliz com essa perspectiva também. Há dias o único assunto que pareciam ter era a urgência de Virginia, e Lídia não aguentava mais conversar. Para falar sobre seus sentimentos precisava primeiro parar e entender o que eles significavam, o espaço de silêncio era pra ela mais importante que o de fala, mas infelizmente, sua companheira pensava o contrário.

No começo, quando tudo não passava de um quadro que pintavam juntas em noites tranquilas de vinho e filmes no mudo, a perspectiva de uma família até que era atraente. Gostava de crianças, gostava da ideia de Virgínia com crianças. Na verdade, conseguia ver uma criança dentro dos olhos dela e isso a encantava. O problema era ela, Lídia. O problema era ela sendo ela mesma. Falar o que pensava, nunca uma tarefa fácil. E como falar quando o que pensava parecia tão irrelevante perto das urgências da pessoa que mais amava?

Trancada no engarrafamento, os minutos que a separavam de casa mais pareciam horas. Sentia como se segurasse um prato quente pelas beiradas e seus dedos estivessem queimando. Em breve o prato cairia e comida e estilhaços voariam pra todos os lados.

Podia perceber o início de uma crise de ansiedade, nem conseguia respirar com o nariz trancado para de fato ter uma crise de ansiedade. Olhou com raiva para a caixa de lenços vazia e apoiou a testa no volante, se permitindo fechar os olhos por alguns segundos. Talvez minutos, não tinha mais noção de tempo naquela segunda-feira. Só

voltou a levantar o rosto quando alguém a sua direita buzinou – não era típico ouvir buzinas sem motivo por aqueles lados, era oficial estava contribuindo com a lentidão do trânsito.

O carro se movia em solavancos, deslocando-se para frente num ritmo que fazia aumentar sua dor de cabeça. Freia, vai, vai, balança, freia, para frente com a cabeça, arranca, cabeça pra trás, seus olhos fixos na luz de freio do Subaru que a bloqueava. Celular mais uma vez vibrou em seu bolso, até poderia alcançá-lo, mas não queria falar com ninguém. Arrancou, Subaru pegou a saída leste, finalmente pista livre. A garoa fina se converteu em neve, grudando no para-brisa.

Pensamentos sobre seu trabalho, sua ansiedade e Virginia foram evaporando no calor do ar condicionado, embaçando os contornos das janelas. Não precisava de muita visibilidade, o trajeto já estava automatizado. Não demorou até parar na garagem do número 32, em frente à casa igual a todas as outras na vizinhança tranquila como todas as outras. Teria que providenciar alguém para limpar a neve nos próximos dias, pensou antes de sair do carro e entrar em casa pela garagem.

O capítulo prosseguia com Lídia chegando em casa e sendo lembrada por Virginia de uma entrevista que teriam no dia seguinte com uma assistente social. Nessa versão não havia inseminação, mas sim pensavam em adotar uma criança. Ela e Virginia não eram casadas, mas viviam juntas há cinco anos e Lídia tinha uma postura muito mais agressiva e menos desorientada, em comparação a sua versão final. A partir da segunda versão, ficou definida a crise dissociativa como ponto de partida para a novela, o que se manteve na versão final.

Dos primeiros contos aos primeiros rascunhos, as formas de introduzir a narrativa de Alana mudaram bastante. O primeiro esboço ainda tratava o divórcio dos pais adotivos, mais tarde excluído da história, como ponto central.

[2017] *Alana – setembro, 2006*

Quando se tem 11 anos, uma das piores sensações é a ansiedade que vem antes de uma conversa ‘de adulto’. Mil possibilidades de todas as coisas que poderia ter feito errado brotavam o tempo inteiro, consumindo seus pensamentos e fazendo seu rosto ferver com vergonha.

Suas notas não estavam mais tão ruins desde que tinha começado o reforço em matemática, mas a última prova de português tinha sido bem difícil. Também tinha brigado com o Rômulo no recreio, ele era um idiota, ficava rondando as meninas e fazendo piadinhas, tinha dado um apelido pior que o outro e feito uma de suas amigas

chorar – o seu, “Adotada”, não incomodava tanto, era mais um fato do que um insulto. Mas quase ninguém viu quando Alana o empurrou e quase ninguém viu quando ele cambaleou e caiu dentro de uma das lixeiras na quadra de trás. Será que ele tinha falado pra coordenadora?

Tinha esquecido de estender as roupas algumas vezes naquela semana. Também reclamou na hora de secar a louça e quebrou um copo, mas sua mãe disse que estava tudo bem, ninguém se machucou. Não tinha esquecido de limpar o aquário da tartaruga e estava dando comida pra ela bem direitinho.

De todos os pensamentos possíveis, não chegou a passar pela sua cabeça a ideia de que o assunto da conversa poderia ser outra pessoa. Muito menos que se trataria de uma conversa realmente séria sobre como as vezes os adultos têm dificuldade de se entender e como quando isso acontece, as vezes eles decidem se separar.

— Separar?

Não tinha nem percebido que eles estavam brigando. Tinha vários colegas com pais divorciados e já tinha presenciado algumas brigas entre a tia Nara e o tio Marcelo antes que ele decidisse se mudar pra Bahia, mas seus pais nunca brigavam. Não que ela já tivesse visto, ou sequer ouvido qualquer coisa.

Durante a conversa ‘de adulto’, não olhavam um pro outro e seu pai falava muito mais do que a mãe. Explicava que havia alugado um apartamento e que em breve ela teria um quarto só seu lá também, que poderia levar amigos e o prédio tinha até piscina! Daria para aproveitar bastante no verão.

— Não quero. — Disse Alana de repente. E realmente não queria um quarto novo e uma piscina, gostava da vida como estava. O entendimento de que o pai, já naquela noite, não mais moraria na casa que sempre fora deles fez com que um soluço tropeçasse em seu peito e quando deu por si, estava chorando. Houve então uma breve troca de olhares entre os pais. Ela perdeu o momento, mas havia culpa e ressentimento, coisas que Alana não reconheceria, ou talvez simplesmente não soubesse interpretar, mas a verdade é que culpa e ressentimento passavam por ela também.

Como mencionado anteriormente, não me senti confiante em desenvolver esse conflito, também, no meu entendimento, diluía os sentimentos já confusos com relação a morte do pai biológico. A segunda versão de introdução a Alana começava com a menina chegando em casa do colégio e sentando na sala com a avó que via o noticiário enquanto o pai adotivo preparava o jantar na cozinha.

[2018]

Só então os olhos da menina pararam na TV. A imagem era bem assustadora, vários ângulos de algo disforme pegando fogo, enormes labaredas avançavam em direção a câmera, um cortina de fumaça preta e densa que dificultava a identificação do cenário, parecia noite. Em primeiro plano, uma repórter entrevistava um bombeiro e um homem de terno.

— Que que aconteceu? — Alana perguntou, largando o livro no encosto do sofá.

— Caiu um avião em Porto Alegre.

Alana arregalou os olhos. Porto Alegre ficava há duas horas de distância, nem isso. Tinham ido pra bienal de Artes com o colégio no mês anterior.

— Todo mundo morreu — continuou a vó — que Deus abençoe as famílias — ela fez um sinal da cruz, descansando a mão direita sobre o peito. As duas ficaram olhando para a tela, Leopolda não era mais a única embasbacada.

— Quer mais um chazinho, mãe? — Leonardo apareceu na porta segurando o bule de vaquinha com uma luva floreada, a cena teria sido engraçada, não fosse a gravidade do que se passava em Porto Alegre. — O que houve?

— Acidente aéreo.

Ele parou atrás das duas no momento em que a tela ficou laranja da cor da companhia aérea e uma voz anunciou “Agora, em primeira mão, os nomes das vítimas do voo █████, que entrou em chamas ao pousar no Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre, nessa tarde de terça feira. Autoridades locais informam que devido a intensidade do fogo, já contido pelo corpo de bombeiros, não restam sobreviventes.”. Uma lista de nomes começou a subir em ordem alfabética pela tela.

Era muita gente, pensou Alana, no meio da letra F. Estavam no J quando a mãe entrou em casa e parou ao lado de Leonardo, ela tinha ouvido a notícia no caminho do trabalho para casa, então não fez perguntas. Alana lia cada nome com um sentimento de alívio. Não esperava encontrar nenhum conhecido na lista, mas o espanto parecia se intensificar a cada novo nome. Identificava sobrenomes familiares e notou que algumas pessoas tinham o mesmo sobrenome, famílias. Peter Bernardi, Pierina Lang Gonçalves, cinco Rafaelas, Renato sobrenome alemão impronunciável, Roberta da Silva Zapparoli, Roberto Homem.

Já estava em Sara Cabral quando fez sentido do que tinha acabado de ler. A familiaridade de um nome fez com que endireitasse a coluna. Roberto Homem. Olhou com cautela por cima do ombro para seus pais, ainda em pé atrás do sofá. Marisa olhava diretamente para ela, enquanto Leonardo enterrava as duas mãos na barba grisalha.

Roberto Homem.

— Mãe... — *Ela abriu a boca, engolindo as palavras que ia dizer, processando-as mais uma vez antes de falar. Nada saiu além de um ruído de sua garganta. Não sabia como perguntar o que queria perguntar. Porque Roberto Homem era um nome um tanto estranho e ela até já tinha rido dele algumas vezes, talvez fosse comum, ela não sabia dizer. Também perdeu por um momento a capacidade de transformar pensamentos em palavras, porque tinha atrás de si um pai bem vivo, brincalhão e que no momento, cheirava a peixe, mas tinha também, ainda mais pra trás, num pra trás que significava passado, um outro pai, o pai biológico que nunca chegou e até onde ela sabia, esse pai biológico do passado se chamava: Roberto Homem.*

Nessa segunda versão temos uma noção melhor da família em que Alana cresceu, porém depois de escrever quatro capítulos neste formato, senti que a narrativa focava nos acontecimentos externos e pensei que seria mais rico explorar o mundo interno da personagem. Queria escrever algo como um fluxo de consciência, porém manter a narrativa em terceira pessoa.

Passei alguns dias lembrando junto de uma amiga, coisas do passado, da época em que tínhamos 11 anos e no meio da conversa chegamos ao dia em que meu tio faleceu. Eu era um pouco mais velha, tinha 13, estava sozinha em casa com essa amiga e minha mãe ligou avisando que ia levar meu tio até o hospital porque ele não se sentia bem. Meu tio era o único irmão da minha mãe e nasceu com paralisia cerebral, cresci na casa dos meus avós com ele por perto, então tínhamos uma relação muito próxima. Depois de falar com minha mãe, fiquei preocupada, mas seguimos jogando videogame naquela tarde, o telefone ao meu lado no sofá, caso a minha mãe ligasse. Então o interfone tocou e era minha tia, irmã do meu pai. Ela entrou e sentou no sofá comigo e muito sem jeito deu a notícia de que meu tio tinha morrido. Ele já estava morto quando minha mãe ligou dizendo que ele passava mal. Ao lembrar esse momento com a Amanda, a amiga de infância, comentei: “saudades da época em que notícias ruins vinham em camadas”. Essa frase ficou na minha cabeça por dias, até que sentei e escrevi o segundo capítulo de *Um milhão de segundos*.

A partir disso, defini que os capítulos da Alana teriam um ritmo mais ágil, como o pensamento de uma criança, as cenas se desenrolando enquanto a personagem pensa e interpreta as coisas que lhe acontecem. Escrever Alana foi a parte que levou mais tempo, depois que tomei a decisão de escrever tão próximo a sua consciência. Foi difícil encontrar e manter o tom de uma menina de 11 anos sem que eu sentisse que estava

forçado, ou infantil demais. Lendo os capítulos dela depois de prontos, acho que são minha parte favorita da novela.

8. A parte mais difícil

Terminar essa dissertação é uma das coisas mais difíceis que já fiz. Colocar um ponto final é doloroso, uma dor que diz da ansiedade de entregar o trabalho ficcional para contemplação de outra pessoa que não eu. Abrir as portas, como diria Stephen King (2015). Muito do que eu li durante os dois anos do mestrado não entrou na parte teórica e sinto muito por isso, acho que o entendimento do trabalho acabou acontecendo em um nível mais pessoal do que acadêmico. Tavares (2013) diz que “só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula” e a escrita criativa ainda é uma área muito recente (DAWSON, 2005), tanto no Brasil (BUENO, 2018), quanto fora dele. Todo o trabalho feito hoje dentro da escrita criativa serve como base para os que estão por vir, alguns produtos de mestrado são mais subjetivos, outros tem maior inclinação teórica, entre erros e acertos, aproximações e distanciamentos, chegaremos talvez a uma fórmula e ainda que isso não aconteça, “errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método” (TAVARES, 2013: p.28). É um privilégio ter tido esses dois anos para escrever, pensar sobre meu processo de escrita e acompanhar os passos iniciais da Escrita Criativa como área no Brasil.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2003.
- AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BECK, Judith; BECK, Aaron. *Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BUENO, Bernardo. Creative writing in Brazil: personal notes on a process. *New Writing*. v. 15(2), Jan-Jun, p. 140-147, 2018.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CLARK, David; BECK, Aaron. *Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade: tratamentos que funcionam – guia do terapeuta*. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAWSON, Paul. *Creative Writing and the New Humanities*. Oxon: Routledge, 2005.
- JAMES, Henry. *The portrait of a lady*. Kindle edition: Passerine, 2015.
- KING, Stephen. *Sobre a escrita: a arte em memórias*. Rio de Janeiro: Suma, 2015.
- LASKY, Kim. Poetics and creative writing research. In. KROLL, Jerry; HARPER, Graeme. *Research methods in creative writing*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- MOORE, Marshall. Articulate walls: writer's block and the academic creative. *New writing*. p. 1-12. out. 2017.
- NG, Celeste. *Pequenos incêndios por toda a parte*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. *Desenvolvimento humano*. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- RAPAPORT, Samuel. *Hematologia: introdução*. 2ª ed. São Paulo: Roca, 1990.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 6ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- SHAPIRO, Dani. *Still writing: the perils and pleasures of a creative life*. New York: Atlantic Monthly Press, 2013.
- TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Alfragide: Caminho, 2013.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br